

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação

LIZ VITORIA DO AMARAL SILVA

**Uma investigação do autismo a partir da psicanálise lacaniana e uma leitura da obra de
Birger Sellin**

São Paulo
2025

LIZ VITORIA DO AMARAL SILVA

**Uma investigação do autismo a partir da psicanálise lacaniana e uma leitura da obra de
Birger Sellin**

Trabalho de pesquisa apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestrado na área de concentração ELP - Educação, Linguagem e Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Leny Magalhães Mrech.

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Daniela Pires CRB-8: 7118

A485i AMARAL, LIZ
Uma investigação sobre o autismo a partir da psicanálise e uma leitura da obra de Birger Sellin / LIZ AMARAL; orientadora Leny Magalhães Mrech. -- São Paulo, 2025.
107 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Educação, Linguagem e Psicologia) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2025.

1. Autismo. 2. Psicanálise. I. Mrech, Leny Magalhães, orient. II. Título.

Nome: Liz Vitória do Amaral Silva

Título: Uma investigação do autismo a partir da psicanálise lacaniana e uma leitura da obra de Birger Sellin

Dissertação apresentada apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestrado na área de concentração ELP - Educação, Linguagem e Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^o Dr^a: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^o Dr^a: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^o Dr^a: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Sou grata, por durante todo este período de intensa pesquisa, ter a oportunidade de estar em volta de pessoas tão qualificadas, talentosas e queridas que, como uma rede de muitas mãos, me sustentaram para que este trabalho fosse realizado. Palavras são insuficientes para agradecer, mas aproveito este espaço para frisar as devidas homenagens:

Agradeço à minha família, que frente às enormes dificuldades emocionais e financeiras que a mudança para a cidade de São Paulo trouxe, fizeram tudo o que podiam para me auxiliar. Agradeço especialmente à Heidi Cleia, Leo Nicolas, Hamilton Amaral, Eliana Amaral, Rosângela Rossi e Fabrício Rossi por todo o acolhimento que me deram.

Agradeço especialmente à minha orientadora prof^a Dr^a Leny Magalhães Mrech que apostou em mim e com muita rigorosidade, responsabilidade e dedicação ao ensino e transmissão da psicanálise, permitiu que eu pudesse tecer um trabalho profundo, com temas tão complexos e delicados com a devida fundamentação teórica à nível de mestrado. Leny teve um papel imprescindível no percurso traçado na pesquisa, na seriedade de retomar as contribuições freudianas para uma discussão contemporânea, nas difíceis passagens dos ensinamentos de Lacan e a seriedade dos conceitos que confluem e se complexizam ao longo desta teoria, bem como na provocação viva - talvez uma outra palavra apropriada seja “provocação *real*” - de todos estes conceitos em nossa sociedade latino-americana do século XXI.

Guardo uma enorme admiração pela pesquisadora e psicanalista que tive a honra de ter como orientadora, que apesar do rigor, sempre esteve disponível para me auxiliar em todos os processos, encontros e desencontros, desta pesquisa.

Agradeço também à Prof^a Dr^a Eliane Aparecida Costa Dias e Prof^o Dr.^o Niraldo de Oliveira Santos pelo tempo, disponibilidade e dedicação à leitura deste trabalho, tanto no processo de qualificação como no processo de defesa do Mestrado. Ter o olhar criterioso de ambos na construção desta pesquisa contribuiu muito no meu processo de formação psicanalítica e de pesquisadora.

À todos e todas que me incentivaram e contribuíram para as reflexões da pesquisa com leituras, exemplos, provocações, aulas e encontros. Especialmente agradeço à CLIPP e à todos que compõem o Núcleo de Psicanálise e Autismo - principalmente à Leny Mrech e

Perpétua Machado, Alessandra, Andrea Garcia, Claudio Ivan e Ludmilla; à Prof^a Dr^a Soraya Souza que me acompanha nas costuras da psicanálise e educação desde a graduação na UNICAMP; e ao LEPSI pelos encontros que me foi permitido participar e encontrar além da formação, amigos com quem compartilho da vida acadêmica.

À todos os trabalhadores da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo que fazem a máquina girar todos os dias para que pesquisas tão valiosas possam ser escritas, em especial aos funcionários da equipe de Pós-Graduação FEUSP, por todo o suporte e solicitude que prestam aos estudantes.

À Dalila pela dedicada revisão deste trabalho.

À minha namorada Giulia Ceschi, que esteve ao lado da pesquisadora e da Liz-sujeito que experienciou o processo do trabalho em altos e baixos, sem faltar amor, carinho, suporte e companheirismo.

À escola Hiboo por toda a parceria que mantivemos durante o tempo de pesquisa para que ela fosse realizada e à todas as professoras e amigas que, no dia-a-dia, me suscitaram reflexões, hipóteses e muito suporte por todos esses anos - nominalmente, agradeço à Cristina Lee, Elizabeth Toutin, Jéssica Soares, Márcia Maria, Amanda Lima, Ana Clara Figueiredo e Letícia Albuquerque.

Minha mais sincera gratidão à todas e todos.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo central o autismo. Este trabalho parte do significativo caos como provocação do impossível de educar e encontra o no autismo eco para a reflexão. Embasado em teóricos da psicanálise lacaniana, a pesquisa desenvolve seus conceitos centrais: caos, infância e autismo. Caos é convocado para a reflexão como um significante e contornado a partir de Hesíodo e Freud. A partir de estudos psicanalíticos, é abordado a primeira infância e a construção e desenvolvimento psíquico do sujeito nesta faixa etária. Posteriormente, o tema do autismo é pautado de forma cronológica: é pautado a história do autismo na psiquiatria, o entendimento atual do autismo na medicina e o autismo entendido na psicanálise lacaniana. Com este escopo, apresenta-se uma possibilidade de leitura da obra “quiero dejar de ser un dentrodemi” de Birger Sellin para analisar as teorias anteriormente abordadas a partir da experiência de um sujeito autista.

Palavras-Chave: Autismo, Psicanálise Lacaniana, Birger Sellin.

RESUME

This research has autism as its central object of study. This work starts from the significant chaos as a provocation of the impossible to educate and finds an echo in autism for reflection. Based on theorists of Lacanian psychoanalysis, the research develops its central concepts: chaos, childhood and autism. Chaos is summoned for reflection as a signifier and contoured by Hesiod and Freud. Based on psychoanalytic studies, early childhood and the construction and psychic development of the subject in this age group are addressed. Subsequently, autism is discussed chronologically: the history of autism in psychiatry, the current understanding of autism in medicine, and autism understood in Lacanian psychoanalysis are discussed. With this scope, it presents a possibility of reading the work “quiero dejar de ser un dentrodemi” by Birger Sellin to analyze the theories previously addressed from the experience of an autistic subject.

Keywords: Autism, Lacanian Psychoanalysis, Birger Sellin.

Índice

1. Introdução	9
2. O significante caos	16
2.1 O caos a partir do conceito de pulsão de morte freudiano	17
2.2 A instância psíquica do Real: Sua porção de gozo e caos	19
3. A constituição psíquica do sujeito	21
4. O autismo	27
4.1 O autismo na “ciência”	28
4.2 DSM e Autismo: Retomada histórica	30
4.3 Medicina baseada em evidências e Análise do Comportamento Aplicada	36
4.4 O autismo na perspectiva da Psicanálise	42
4.4.1 Ou autismo ou psicose: A relação das estruturas com o Outro	44
4.4.2 A batalha do autismo na Psicanálise contemporânea	52
4.4.3 Significante-unário	54
4.4.4 O gozo do Um	56
4.4.5 A relação autista e o objeto	61
4.4.6 Corpo carapaça	63
4.4.7 Topologia de borda e foraclusão do furo	67
4.4.8 O furo corporal	71
4.4.9 O furo do inconsciente	71
4.4.10 A relação dos furos e a foraclusão	72
4.4.11 O impacto da foraclusão do furo na topologia borromeana	74
4.4.12 A construção de uma borda	75
4.4.12.1 Borda como superfície corporal	76
4.4.12.2 Borda tranquilizadora	77
4.4.12.3 Borda dinâmica	78
4.4.12.4 Borrimento da borda	79
4.4.12.5 O borrimento e a neo-borda na “cura” autística	80

5. O autismo e o caos: um encontro com Birger Sellin	82
5.1 quero dejar de ser un dentrodemi	82
5.1.1 A ortografia de Birger	84
5.1.2 Birger Sellin	85
5.1.3 Os relatos de Birger	86
5.1.4 Medo	88
5.1.5 Sofrimento e destruição de Birger	91
5.1.6 O caos em Birger	93
5.1.7 Escrita e fala, lalíngua e linguagem	95
5.1.7.1 Evidências de Birger em lalingua	96
6. Considerações Finais	99
Referências	103

1. Introdução

Governar, educar e psicanalisar são desafios, de fato, mas ao dizê-los impossíveis, só fazemos garantir prematuramente que sejam reais.

(LACAN, 2003, p. 444)

Iniciei minha pesquisa, como pedagoga, desejante de conhecer e de me apropriar das contribuições que o saber psicanalítico iluminava sobre a escola e a sala de aula. Durante minha graduação em Pedagogia na UNICAMP, cursando o Projeto de Iniciação à Docência (PIBID), fui orientada por contribuições psicanalíticas para o olhar docente, sobretudo, em Freud, Winnicott e Melanie Klein. O inconsciente e sua demanda pelo olhar e escuta sensível ao que perpassa as relações e o espaço da escola orientaram minha prática e trouxeram muitos ganhos para minha melhor relação com as crianças e, conseqüentemente, maior facilidade para trabalhar os conteúdos pedagógicos pertinentes a cada idade. Da mesma forma, a competência e a perspicácia para o olhar sensibilizado que a Psicanálise orienta demanda sério comprometimento com o planejamento, a postura da professora em sala de aula e, também, a avaliação posterior desse olhar.

Cativada e entusiasmada com todos os ganhos que o saber psicanalítico teceu em minha formação docente, além de toda a ampliação de pensamento que esses saberes elucidaram em minha formação pessoal, conhecer e compreender mais das construções de saberes da Psicanálise se tornou meu desejo profissional e pessoal.

Dentro de um amplo leque de saberes e estudos que poderiam focalizar para tal desejo (Psicanálise e sala de aula), um significante latejava em meus pensamentos – ao estudar as teorias e ao praticar o professorado – o *caos*.

O termo *caos* tem sido constantemente refletido por mim, desde minha entrada no pensamento psicanalítico. A leitura de *O mal estar na civilização*¹ (FREUD, 2011), com meus vinte anos, impactou a forma como olhar para as relações que se teciam a meu redor com o espaço, as pessoas e, claro, o meu propósito ao educar. Porquanto não existe um Deus regulador e narrador de todo o movimento do Universo, não existe um pai ou uma mãe que saiba exatamente o que fazer nos momentos de dificuldade e crise, apontando o caminho sem erros, não existe uma ordem natural das coisas humanas. De modo que existiria assim um *caos* natural das coisas cuja significantização e cujo sentido com os quais tentamos organizar é que nos fazem humanos e tecem nossa história.

¹ FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. 1ª. ed. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2011. 93 p.

De mesma forma, tenho me deparado com a sala de aula: não é sobre existir um motivo maior – até divino – de lidar com as crianças que se apresentam em nossa turma, não existe um caminho metodológico certo que se deva trilhar, uma Pedagogia que não abrirá brechas para erros e/ou uma ciência capaz de explicar toda a ação da criança e de responder à professora o que fazer diante dessas ações. O *caos* na sala de aula me aparecia como esse momento de furo desorganizado que incide sobre todo esse saber e que desorganiza também as crianças, desesperando o educador.

Essa argumentação não tem por objetivo desvalidar todas as construções pedagógicas criadas e estabelecidas para dar contorno e estrutura ao desenvolvimento do processo escolar com a criança, mas pontua que existe uma questão sobre o andamento e o desenvolvimento do ano letivo, o qual implica a singularidade de cada ser em uma sala de aula e, nesses momentos de eclosão de *caos* em sala para além ou anteriormente às estratégias didático-pedagógicas, possui algo relacionado ao estar daqueles corpos presentes: o *significante caos* me aparece, portanto, como uma tentativa de nome para o real. Um *significante* que emerge com recorrência, como tentativa de nomear o impossível de educar.

Orientada pelo *caos*, em diálogo, construção e orientação da Prof^a. Dr^a. Leny Magalhães Mrech, encontrei outro *significante* para seguir um rumo em minha busca do *caos*, o autismo. Os diagnósticos de autismo têm aumentado e, obviamente, se refletem em nossas escolas. Como qualquer pedagoga, já havia tido experiências com crianças autistas de diferentes níveis, com psicólogos de diferentes orientações que dialogam conosco para criar estratégias, com crianças que apenas tinham o diagnóstico, mas nenhum outro acompanhamento e, claro, crianças que nem diagnóstico tinham, mas carregavam o estigma ano a ano.

No entanto, apesar das diferentes experiências, nunca tive o sentimento de segurança diante da tarefa de educar essas crianças, mesmo quando elas se apresentavam juntamente com um manual passo-a-passo do que fazer para cada comportamento que manifeste ou para cada comportamento que eu desejaria que ela manifestasse. Sentimento de insegurança que não era vivido apenas em mim, mas em todos os demais colegas de profissão, que se viam diante de tais crianças.

Antes do aprofundamento teórico de minha pesquisa, em conversas informais em salas de professores, bares e almoços, perguntava aos colegas de trabalho, professores e amigas que mantive da graduação sobre os encontros dessas pessoas com crianças autistas, seus sentimentos e estratégias. Os caminhos das conversas que surgem são muitos: nos faltaria formação na graduação? Nos falta formação continuada? Nos falta espaço

qualificado? Nos faltam adultos em sala de aula? Em conversas, as questões e reclamações variam muito, mas a certeza é a de que algo nos falta e nos angustia e o significante *caos* que me orientava era falado espontaneamente por minhas colegas “[...] *quando fulano se desorganiza, minha sala vira um caos.*” ou “*Quando fulana não está num dia bom, a turma fica caótica*”.

A partir dessas escutas, sabia que o encontro do autismo com o significante *caos* era uma escolha possível. Como professora, meu primeiro lugar de pesquisa e reflexão foi dentro da instituição escolar, campo de atuação que despertara muitas reflexões aprofundadas neste trabalho, no entanto, com o desenvolvimento da pesquisa, desloquei o *lugar* da reflexão a respeito do encontro de *caos* e *autismo*. No lugar de procurar esse encontro na escola, a escolha foi procurar na narrativa de sujeitos autistas.

A pesquisa se mantém pertinente para uma formação docente, mas intenta aproximar-se mais do autismo e dar espaço para a fala de autistas dizerem sobre sua experiência. Ademais, com o aprofundamento teórico que precisei compreender para tecer esta escrita, percebi o verdadeiro encontro feliz de meu desejo no mestrado: o autismo dentro do viés psicanalítico: para compreendê-lo, era necessário um intenso aprofundamento teórico sobre a Psicanálise.

Meu reencontro com Freud permitiu a retomada com consistência de seus conceitos fundamentais e tive o prazer de conhecer, em uma compreensão possível em nível de uma pesquisa de mestrado, a teoria lacaniana.

Trata-se de um trabalho árduo para quem não está na área clínica, mas imensamente prazeroso quando, após diversas leituras confusas e incompreensíveis, pude entender a lógica do pensamento lacaniano e me deparar com o real, com o qual, a partir desse encontro, encontrei o *caos* e encontrei a abertura para pensar no autismo de forma inclusiva, respeitosa e humana. “*O real é o mundo daquilo que cai, que não volta, que se rejeita o que é útil, é o gozo e o que não funciona.*” (LAURENT, 2014b, p. 31)

Entrar em contato com a teoria psicanalítica de forma profunda e compreender as relações *borromeanas* da psiquê humana fora um salto muito difícil e um estudo constante, mas de pertinente importância e iluminação ao tratar do autismo. A partir do ensino de Lacan, o autismo perde todo o caráter deficiente e faltoso que carrega em seu estigma e ganha uma marca de autenticidade de ser.

Na busca por biografias a respeito de autistas no espaço escolar, houve dificuldade em encontrar relatos publicados de crianças ou adolescentes nas escolas. Assim, o olhar desta pesquisa mira nas narrativas autistas sobre suas experiências diante de um mundo

normatizante, com o objetivo de investigar em alguns textos publicados de autistas como eles relatam sua experiência e se o significante *caos*, na construção de seu termo enlaçado ao real, aparece na escrita.

Para que assim ocorra, na primeira parte desta pesquisa o/a leitor/a encontrará uma investigação teórica a respeito dos dois significantes norteadores da pesquisa: o *caos* e o autismo. No primeiro capítulo, o tema central discutido é a conceitualização do termo *caos*, que será refletido ao longo de toda a pesquisa. E, para tanto, trarei de forma breve o que *caos* representava em meu imaginário singular como docente, para enfatizar como um significante do trabalho. Posteriormente, conceitualizarei a palavra e sua significação, principalmente em Hesíodo, com seu livro Teogonia, a origem dos deuses gregos, pois é onde essa palavra, tal como a conhecemos, aparece pela primeira vez.

Com essa apresentação, são tecidos mais dois pontos de consideração sobre esse significante com os saberes psicanalíticos: primeiro, refletindo o termo *caos* como uma possibilidade de pensar a pulsão de morte freudiana, trazendo como textos norteadores o “Ego e o Id” (1923) e “A pulsão e os seus destinos” (1915). Por fim, trabalhando a partir das considerações de Lacan, busco chegar ao *caos* como um significante que dialoga com o real e com o gozo. Para esse percurso, utilizo contribuições de Miller (2012) e Laurent (2014).

No segundo capítulo, é traçado um breve resumo de progressão histórica sobre o momento da “insondável decisão de ser”, o processo de constituição psíquica que ocorre no momento da infância, articulando para isso as construções de Freud em “Três ensaios sobre a sexualidade”(1905), e aprofundando junto às considerações lacanianas de Outro, significado e sentido a partir do seminário de Sauret “O infantil e a Estrutura” (1997). E finalizo, embasada nos estudos de Laurent (2014), avançando um pouco mais na teoria laciana em seu último ensino, onde a questão da falta instaura o lugar do Outro é o menos-Um fundamental.

Posteriormente, abre-se para discussão o tema chave da pesquisa: o autismo. Apresento o autismo de maneira geral, de acordo com o Ministério da Saúde e, depois, como a ciência atual entende o autismo, tal como referenciada pela APA (Associação Americana de Psiquiatria) e pelo DSM-5 (Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais). Com esta apresentação, auxiliada por Vilma Bianchi e Jorge Abrão em seu artigo “A construção histórica do autismo” (2023) e Christian Dunker, com “Questões entre a Psicanálise e o DSM” (2012), trago uma retomada histórica do Manual de Diagnóstico de Transtornos Mentais em sua relação com o autismo ao longo do tempo, ampliando o repertório do leitor a respeito das questões políticas e sociais na construção de saberes científicos do autismo.

Com esse gancho, também abordo de forma breve uma das vertentes de tratamento do autismo que mais têm alcance social e político nos dias de hoje, que é o ABA, tratamento de Análise Comportamental Aplicada. Apresento o programa de uma forma geral e, depois, trago reflexões sobre esse programa junto com Gibson & Douglas em seu artigo “Disturbing Behaviours: O. Ivar Lovaas and the queer history of autism science” (2018) e, com Michelle Dawson, pesquisadora universitária também diagnosticada com autismo e que publicou um artigo de grande reverberação chamado “The misbehaviour of behaviourists: Ethical challenges to the autismo – ABA Industry” (2004).

O Capítulo seguinte trata de forma mais específica sobre como a Psicanálise entende e estuda o autismo, dados os impasses provocados pela medicina baseada em evidências e o ABA. Neste Capítulo, o mais denso de todo o projeto, abordo conceitos desenvolvidos a respeito do autismo em ordem cronológica e relacional, para que o/a leitor/a possa acompanhar a construção histórica que a Psicanálise teceu sobre o autismo, ao mesmo tempo em que alguns conceitos centrais da Psicanálise são desenvolvidos.

É importante destacar que algumas vertentes e contribuições da Psicanálise sobre o tema do autismo, sobretudo, a respeito das famosas e difundidas ideias de Bettelheim, foram descartadas para esta pesquisa, pois muito além da importância do papel da mãe na constituição psíquica do sujeito, a pesquisa se alinha teoricamente com o último ensino de Lacan, no qual a questão central se encontra na relação do sujeito com o seu gozo e a sua falta. A partir desse ponto de vista, os papéis socioculturais da família são compreendidos num outro lugar de responsabilidade sem a carga da culpabilização, pois se entende que é desproporcional outorgar a responsabilidade de um indivíduo em uma família enquanto existe todo um aparelho político e social excludente na estrutura de nossa sociedade com suas diversas facetas econômicas, raciais, geográficas e sociais.

Nesse sentido, o Capítulo introduz o autismo desde Kanner (1943) e seus primeiros sintomas observados e apresenta o trabalho de Rosine e Robert Lefort. Auxiliados por dois livros importantes dos autores *O nascimento do Outro* (1990) e *A distinção do autismo* (2017), elucido os primeiros conceitos desenhados por Kanner e as observações e contribuições que os autores consolidam, sobretudo, a respeito da relação da criança autista diante do Outro e os sintomas decorrentes dessa relação, embasados em suas próprias observações e da supervisão do próprio Jacques Lacan .

Em seguida, abro um item no capítulo com uma discussão iniciada desde Kanner e que persiste até os dias atuais no erro diagnóstico, a dificuldade de identificar a diferença entre o autismo e a psicose. Os Lefort fazem um minucioso trabalho descritivo sobre as

diferentes estruturas e essa pesquisa expõe diferenças, tais como aparecem nos seminários de Lacan “A psicose” (1988) e “As formações do inconsciente” (1999).

Dadas as diferenciações, o item seguinte desse capítulo abre a discussão contemporânea da Psicanálise a respeito do autismo, com as contribuições estruturais de Lacan e dos Lefort, a pesquisa avança para um recente trabalho de Eric Laurent, “A batalha do autismo” (2014), para expor os sintomas e desenhos já refletido pelo casal Lefort, agora aprofundado na questão do real e do gozo. Consequentemente, é necessária uma conceitualização profunda a respeito do conceito de gozo, pois esse conceito passa por deslocamentos na própria teoria lacaniana, até chegar à ideia do qual a pesquisa encontrará o próprio lugar do *caos*, que o trabalho apresentará auxiliado pelo Seminário “O Sinthoma” (1975-1976/2007) de Lacan e o texto “Os seis paradigmas do gozo” (2012), de Miller.

Muito próximo do último ensino de Lacan, os próximos subcapítulos têm o intuito de retomar aqueles conceitos iniciais com as considerações do real e do gozo. Muito influenciado pela leitura do livro “Estudios sobre el autismo” (2014)², abordaremos as relações de objeto do sujeito autista, o encapsulamento e o conceito de *corpo-carapaça* (LAURENT, 2014), a questão da topologia de borda e o furo, uma defesa do Eric Laurent para pensar o tratamento e o entendimento do autismo e, certamente, uma definição do próprio conceito de furo apresentado na pesquisa.

Finalizo esse denso capítulo abordando como os atuais psicanalistas pensadores sobre o autismo olham para a topologia *borromeana* para pensar seu tratamento, apresentando o conceito de Laurent de *forclusão do furo* e a proposta de Jean-Claude Maleval, a partir da ideia de Laurent, de uma construção de borda para o sujeito autista.

No Capítulo “O Autismo e o Caos”, é o momento do encontro dos dois significantes trabalhados na pesquisa. A partir da leitura de mensagens de Birger Sellin, autor do livro *Quiero dejar de ser un dentrodemi* (2017), encontra-se campo para costurar as formulações de toda a pesquisa diante das demandas que o autor reclama na experiência autista. Birger relata sua dificuldade em estar no mundo, o sofrimento que o isolamento autístico provoca, a impossibilidade de ter autonomia de seu corpo, como também, os sentimentos de afeto e carinho que têm pelas pessoas de sua família e amigos ao redor.

Depois de uma breve apresentação do livro e de Birger, a pesquisa debruça-se na investigação de uma possível leitura a respeito dessa obra, separando tópicos de interesse para exemplificar conceitos, como *corpo-carapaça*, a *relação destruição-autodestruição* e sua

² MILLER, J. A.; LAURENT, E.; MALEVAL, J-C.; SCHEJTMAN, F.; TENDLARZ, S. E. *Estudios sobre el autismo*. 1ª. ed. Buenos Aires: Colección Diva, 2014. 106p.

parcela de pulsão de morte e gozo, presentes na relação do autista com o mundo, o lugar opaco do real que se percebe presente nas mensagens de Birger, e o caos que aparece em muitos de seus relatos, como um indicador desse real e o excesso de gozo que esse comporta. Junto com todos os autores e conceitos já trabalhados, acrescenta-se a construção de Patrício Alvarez Bayon (2024) em seu livro *O autismo, entre a língua e a letra*, para endossar as hipóteses levantadas.

Desejo a todos(as) uma ótima leitura!

2. O significante *caos*

A escolha desta palavra como um norteador da pesquisa ocorreu pelo termo, comum no linguajar cotidiano, suscitar a ideia de uma sensação angustiante de desordem na qual, concomitantemente, há uma grande potência energética envolvida. Não se refere, por exemplo, a um ambiente sujo e/ou desorganizado em que nada está acontecendo, nem a uma grande quantidade de objetos materiais mal dispostos em inércia. Esse pode estar inclusive muito bem limpo e organizado, refere-se, sim, a um momento no qual uma energia inflada, e não direcionada, se desorganiza e gera uma desorganização de outra proporção nas pessoas e no espaço.

A famosa obra *Guernica* (1937), de Pablo Picasso, é capaz de ilustrar essa sensação: são retratos de diferentes acontecimentos de uma potência energética muito forte, no qual, cada ação é singular e aparece solitária perante as outras, apesar de estarem todas registradas na mesma cena, uma cena em preto e branco, retirando a percepção e a diferenciação das cores dos diferentes retratos, reduzindo-se a uma tonalidade só que, por ser escura, traz juntamente uma sensação de penumbra, parcialmente exposta à luz, à visão.

No dia-a-dia, obviamente, o clima é mais ameno do que em uma guerra, mas não é inimaginável ouvir alusões de cenário de guerra quando as situações fogem de nosso controle. O que interessa contornar aqui é a ideia do *caos* que diz de uma desorganização que, quando instaurada, é difícil dar contornos ou retomar direcionamentos: a expectativa fracassa e o controle, a organização e o sentido nos escapam.

Numa pesquisa etimológica da palavra, *caos* se originou do grego *khaos*, presente pela primeira vez em “*Teogonia: A origem dos deuses*”, de Hesíodo, escrito por volta dos séculos VIII e VII a.C. *Khaos* é o primeiro das quatro divindades originárias do mundo, atribuído pela cronologia de sua existência um peso e um poder significativo na constituição da humanidade, segundo a concepção religiosa e filosófica grega – raiz do pensamento filosófico ocidental. De acordo com José Antonio Torrano (1995), linguista, professor e tradutor dessa obra de Hesíodo, é pela sua cronologia de origem, quão mais próximo da origem dos tempos a divindade é criada “*mais rico e extenso em sua possibilidade de determinação, pois contém em si todos os poderes e seres que dele descendem.*” (TORRANO/HESÍODO, 1995, p. 32-33).

Khaos é uma grande potência que implica parte de si em todos os seus descendentes. Todos têm sua parte de *Khaos*. Provindo do verbo *khaíno* (que significa abrir-se, ou abrir a boca/fauces/bico), *Khaos* é uma divindade que traz em sua imagem a simbologia da

separação, do surgimento de algo a partir de um princípio de separação, “*fendendo-se em dois o que era um só*” (TORRANO/HESÍODO, 1995, p. 35), ao contrário de Eros, que surge logo após *Khaos* e, simbolizando o Ser e o Amor, reproduz junto com outros seres. Ainda no mito, tudo que provém de *Khaos*,

[...] pertence à esfera do não-ser³ [...] são potências tenebrosas, são forças de negação da vida e da ordem [...] forças da debilitação, da penúria, da dor, do esquecimento, do enfraquecimento, da aniquilação, da desordem, do tormento, do engano, da desapareição e da morte.

(TORRANO/HESÍODO, 1995, p. 35)

Essa busca etimológica traz interessantes considerações do termo no que diz respeito a algo que precede a ideia do ser,⁴ ao mesmo tempo em que tudo que é criado posteriormente – seja ser ou não-ser – possui partes de si, preservando-se concomitantemente como um princípio incorpóreo. Tudo o que provém de *Khaos*, não tem substância física, são a partir do próprio deus, “*puros princípios ativos e energéticos*”. (TORRANO/HESÍODO, 1995, p. 37).

Sua reprodução através da cissiparidade denota algo que não depende do externo para se proliferar, trazendo a ideia de que não existe limite externo para conter sua ‘*disseminação*’, ao mesmo tempo em que, no ‘*fender-se*’, logicamente acaba implicando um diminuir-se a cada fenda e repartição. No entanto, pela sua simbologia negativa sempre relacionada a uma “*negação da vida e da ordem*”, essa autonomia geradora implicaria necessariamente herdar e transmitir a mesma potência – de excesso e desorganização – a seus descendentes.

2.1 O caos a partir do conceito de *pulsão*⁵ de morte freudiano

*Humanizamos o caos porque o tememos;
e o transformamos pela mesma razão.*

³ Os conceitos “Ser” e “Não-Ser” são, em Hesíodo, entendidos como algo positivo e negativo, presença e ausência: “*Dia e Noite são princípios ontológicos, e exprimem imagicamente a esfera do Ser e a do Não-Ser. Esta posição especular (Érebo [descendente direto de Khaos, potência negativa que gera]; Éter [potência positiva, que gera]; Noite [potência negativa, que gera]; Dia [potência positiva]) é subsumida no jogo enantiológico que é a mundivisão exposta na Teogonia. Dia e Noite, Ser e Não-Ser, guarda em si uma relação íntima e profunda entre si: o Ser vige e configura-se segundo uma estrutura configurada pelo Não-Ser, de tal forma que o pensamento que pensa o que é o Se não pode não pensar o Não-Ser.*” (TORRANO/HESÍODO, 1995, p. 36)

⁴ “*Khaos, como outra expressão metafísica do Não-Ser, é um princípio cosmogônico e – para dizê-lo com exatidão e integralmente – também ontogenético*” (TORRANO/HESÍODO, 1995, p. 37).

⁵ Há nas traduções das obras de Freud um conflito para a palavra *trieb* do alemão. Neste trabalho, opta-se por manter o conceito como *pulsão*, no entanto, quando se trata de uma citação literal do livro, foi decidido por manter a palavra *instinto* como escrito nos livros de tradução do Paulo Cesar de Souza: Companhia das Letras.

A constituição etimológica do *caos*, a partir da filosofia e da mitologia grega, é proveitosa para pensarmos essa questão a partir do olhar psicanalítico. Psicanaliticamente, *caos* não é um termo *per se* e pode ser qualificado a partir de diferentes conceitos, dependendo de suas especificações. O próprio Sigmund Freud olhava para essa mitologia como uma ilustração mítica da origem do aparelho psíquico. Quando desenhou e nomeou seus conceitos de pulsões, nomeou de *Eros* a pulsão de vida, aquele que compreende o instinto sexual, os impulsos instintuais sublimados e seus derivados e o instinto de autoconservação (FREUD, 1923/2011, p. 37), e a pulsão de morte em conflito com Eros.

Nesse conceito de pulsão de morte, é possível encontrar um lugar para o *caos*. Dizer de pulsão, em Freud, é dizer de uma força, um impulso interno, constante, que coloca exigências ao nosso aparelho nervoso, na busca por sua satisfação, um conceito limite entre o somático e o psíquico “[...] *como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que atingem a alma, como uma medida de trabalho imposto à psiquê por sua ligação com o corpo.*” (FREUD, 1915/2010, p. 42).

Em seu trabalho *O Ego e o Id* (1923/2011), Freud já havia escrito *Além do princípio de prazer* em um cenário pós-guerra que o fez refletir e reformular suas ideias de pulsões, justamente para pensar o que move o impulso psíquico de destruição que observava a seu redor. Assim, Freud olha para o aparelho psíquico surgindo a partir de um conflito inicial imposto pelo nascimento: se, antes, a vida não existia, quando passa a existir, há duas potências em atividade, uma a favor da continuação e manutenção da vida, que é Eros, e a outra em busca de se reconduzir ao estado inanimado, “*restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida*” (FREUD, 1923/2011, p. 37).

Essa pulsão “*essencialmente muda*” (FREUD, 1923/2011) não seria percebida conscientemente pelos seres humanos, mas estaria atuando em todas as instâncias psíquicas, normalmente vinculado a Eros de maneira inofensiva e, quando autêntica, seria desviada para fora como agressão (FREUD, 1923/2011, p. 52)

Devido à ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar o instinto de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio

⁶ NETO, Domingos de Souza Nogueira. Arte e *caos*: Enigmas da criação. *Revista Mais*, [S. l.], 8 jul. 2013. Cultura, p. 1. Disponível em: <http://www.revistamais.com/materias/arte-e-caos-enigmas-da-criacao>. Acesso em: 17/maio/2023.

de um órgão especial. Esse órgão seria a musculatura, e o instinto de morte se manifestaria então — mas provavelmente só em parte — como instinto de destruição voltado para o mundo externo e outras formas de vida.

(FREUD, 1923/2011, p. 38).

Sendo essa pulsão não identificável, de uma potência motora e destrutível – desorganizada e desorganizante – encontra-se uma possível abertura de localização do *caos*.

2.2 A instância psíquica do Real: Sua porção de gozo e *caos*

A partir da orientação lacaniana, o olhar destacado para a pulsão de morte trabalha com um avanço da complexidade do conceito e se desdobra em outros termos e formas de manifestação para além da agressividade. Em Lacan, a partir de seu Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1973/1988), o conceito de pulsão em Lacan direciona-se ao real e sua parcela de gozo, assim, para Lacan a pulsão é una, e sempre de morte.

Debruçando sobre a pulsão de morte, com Lacan, estamos diante de algo que não se submete ao registro do Simbólico ou às leis da civilização, comportando em si certo horror e dilaceramento do sujeito, no qual, no fim de sua vida e do ensino, localiza-o como disjunto da instância do Outro, no registro do real (MILLER, 2012, p. 46).

O real planteado por Lacan é um mundo que supõe que haja um simbólico e que este disfuncione. O real é o mundo daquilo que cai, que não dá volta, que se rechaça ao útil, é o gozo e o que não marcha. O gozo tem um aspecto mais além do princípio do prazer. Afeta ao corpo no registro que cada vez é antinômico com o vivente. Freud o percebeu na pulsão de morte mais além do princípio do prazer. No fundo, todo gozo comporta sua parte de morte.

(LAURENT, 2014b, p. 31)

Khaos, como a divindade primeira que, em si, contempla tudo, em que a partir de sua junção com *Gaya* – a Terra – gera *Eros*, no qual, mesmo que identificado como a divindade do amor e da fecundação, tem em si uma parte de *Khaos*, é uma favorável analogia para pensarmos numa pulsão poderosa e, ao mesmo tempo destrutiva que, diante da humanização, deve encontrar caminhos e satisfazer-se sem trazer ameaças à civilização, um paralelo proveitoso de encarar a relação do gozo e a linguagem do real e do simbólico. “*A linguagem não é, ela mesma, uma mensagem, mas que se sustenta apenas pela função do que chamei de furo no real.*” (LACAN, 2021, p. 32).

O real em Lacan é um conceito que se torna complexo ao longo de seu ensino, até ganhar o estatuto de uma resposta sintomática à descoberta freudiana. Essa instância psíquica não corresponde à realidade, mas ao que se subtrai do mundo da realidade (LAURENT, 2014b, p. 31). Desdobrando seus ensinamentos do nó *borromeano* em seu seminário sobre Joyce, em sua lição IX, Lacan (1976/2021) trabalhou a relação do Real e do Simbólico em seus enodamentos que auxiliam a elaboração desse paralelo do *caos* e a normatização.

O simbólico distingue-se por ser especializado, digamos, como furo. Mas o impressionante é que o verdadeiro furo está aqui, onde se revela que não há Outro do Outro.

Aí seria o lugar do real, do mesmo modo que o sentido é o Outro do real, mas não há nada assim. No lugar do Outro do Outro, não há nenhuma ordem de existência. É justamente por isso que posso pensar que tampouco há para o real.

Posso pensar que o real está em suspenso, se assim podemos dizer. Ele pode ser isso a que o reduzi sob a forma de questão, a saber, ser apenas uma resposta à elocubração de Freud, e assim, de todo modo, se pode dizer que ela repugna a energética, que está completamente suspensa quanto a essa energética.

A única concepção que pode suprir essa tal energética é aquela que enunciei com o termo real. (LACAN, 1976/2021, p. 130)

Dessa forma, a pesquisa localiza o termo *caos* como um significante que denuncia algo que tomou o sujeito e não lhe foi dado conta nomear, aponta para a perda do sentido e do controle dos sujeitos, um significante que tem a ver com o real e o gozo.

A educação, por princípio civilizadora, como diz Hannah Arendt (1961/1972)⁷, tem seu caráter normalizador, se propõe a nomear, a culturalizar, organizar e, conseqüentemente, humanizar as pequenas pessoas – tornar pequenos filhotes de humanos aptos a viver em um mundo social, como parte da sociedade. Podemos falar, em termos lacanianos, que a sociedade, sobretudo, no que tange à educação, tem sua função neurotizante e, dentro dessa, a agitação sem nome, a desorganização que nos paralisa, sofre a pressão de ser direcionada, organizada e simbolizada. E o *caos* é o significante que aparece na fala como indício de que, mesmo por um instante, a organização e a simbolização falharam.

⁷ARENDDT, Hannah. *A crise na educação*. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247. 1ª. edição (Between past and future): 1961.

3. A constituição psíquica do sujeito

Ainda em Freud, vale ressaltar suas contribuições no que tange ao conceito de infância, mais especificamente, o período em que o sujeito está diante de sua “insondável decisão de ser” o tempo de sua constituição psíquica, alvo do interesse desta pesquisa.

Um dos seus primeiros trabalhos, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), Freud já atesta a existência de sexualidade na infância, mesmo nos primeiros meses, e se debruça minuciosamente para refletir cada fase desse desenvolvimento psíquico e sexual, persistindo em defendê-las até o fim de sua vida e obra. Sexualidade, para Freud, ao contrário do pensamento da época, não está resumida à genitália e ao coito sexual. Seu conceito abrange muito mais e tem sua importância pelo ganho de prazer sentido nas diferentes zonas corporais e instintuais, como no ato de nutrição (FREUD, 1907/1976).

Esse período da vida do ser humano, do qual pouco nos lembramos, tem uma importância crucial que diz respeito a nossa vida psíquica, nossas fixações e objetos de desejo da vida adulta (FREUD, 1905/2016), como um “[...] *tempo pré-histórico do indivíduo que esconde os primórdios de sua vida sexual.*” (FREUD, 1905/2016, p. 77).

Quando Freud reformula sua tese psicanalítica a partir da elaboração do Id e do Ego, percebe-se que, no período da infância, se trata justamente do desenvolvimento da instância do Ego, enquanto o Id, a pulsão desejante, se elabora. Em seu escrito de 1914, *Introdução ao Narcisismo* (1914/2010), ele pontua: *É uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais.*” (FREUD, 1914/2010, p. 13)

Assim começaria a vida – psíquica – humana: o bebê recém-nascido traz consigo impulsos sexuais ligados primordialmente ao ato da amamentação e ligará esse ato de nutrição a um sentimento de prazer que irá para além da satisfação de um corpo com fome, tornando a boca uma primeira zona erógena que orientará toda a atividade psíquica para proporcionar sua satisfação e Freud a denomina fase oral: “No sugar da criança, em que ela insiste com obstinação, mostra-se muito cedo uma necessidade de satisfação que, embora partindo da assimilação de alimentos e por ela estimulada, aspira pelo ganho de prazer, independentemente da nutrição e que, por isso, pode e deve ser chamada de sexual.” (FREUD, 1940/2019, p. 64)

A partir daí, a próxima fase, a fase anal, traz consigo uma quota de *aspirações agressivas* (FREUD, 1940/2019, p. 64). Existe um processo de mistura dos impulsos em que

algo de sádico – da dor – é experimentada com certo prazer a partir da experiência e da relação com a mãe.

Segundo Freud, por volta dos 3 ou 4 anos, tem início o *período de latência*, um momento no qual a vida sexual se manifesta de forma mais observável, pois os impulsos sexuais infantis ganham maior força. No entanto, esses passam por repressão ou por sublimação pela impossibilidade de se satisfazerem enquanto sexuais, estreitando assim o seu curso.⁸ (FREUD, 1905/2016, p. 80).

Os impulsos sexuais desses anos de infância seriam, por um lado, inutilizáveis, já que as funções reprodutivas estão adiadas – por isso o nome de latência – por outro lado, seriam perversas em si, partindo de zonas erógenas e sendo carregadas por instintos que, dada a orientação do desenvolvimento individual, só poderiam provocar sensações desprazerosas.
(FREUD, 1905/2016, p. 80)

É relevante para a pesquisa também ressaltar a característica que Freud, neste ensaio, delimita como crueldade. A crueldade é muito familiar ao caráter infantil, pois, como as características da vida sexual infantil são essencialmente autoeróticas, encontram seu objeto de prazer no próprio corpo (FREUD, 1905/2016, p. 102), na relação com um outro, de cuidado e compaixão, ainda não está estabelecida.⁹

Contudo, a partir desse momento, a vida sexual da criança atingiria seu primeiro florescimento (FREUD, 1905/2016, p. 103). Essas pulsões sexuais que começam a ganhar mais força no período de latência são responsáveis por aquilo que a comunidade psicanalítica e entusiastas da educação nomeiam de *desejo de saber*. “*A Psicanálise nos ensinou que o instinto de saber das crianças é atraído, inopinadamente cedo e com imprevista intensidade, pelos problemas sexuais e, talvez, seja inclusive despertado por eles.*” (FREUD, 1905/2016, 103)

Para Freud, é nesse período de pulsões latentes que a criança, na busca de respostas para as questões veladas que lhe afligem, que lhe diga sobre algo do sexual que lhe perturba mas não se pode saber, se lançará a diferentes questionamentos e perguntas da vida prática cotidiana. É a famosa fase dos “por quês?” que evidencia um momento de intenso trabalho de pesquisa de nossas crianças – sendo esse um dos destinos possíveis para essas pulsões – uma forma de sublimação.

⁸ Como uma pulsão dotada de energia.

⁹ “*A crueldade tem relação estreita com o caráter infantil, pois o empecilho que faz o instinto de apoderamento se deter ante a dor do outro, a capacidade de compaixão forma-se relativamente tarde.*” (FREUD, 1905/2016, p. 102).

Da repressão, outra possibilidade de destino que esta pulsão pode rumar, ganhará voz as ideias do nojo, da vergonha e alguns ideais estéticos. Lembrando que ambos os caminhos são importantes para constituir a moral e a ética da pessoa adulta em sociedade.

Até os 5 ou 6 anos, período anterior à puberdade, quando se concretizaria o que nomeou de complexo de Édipo, Freud defendia que as crianças seriam, sim, capazes da maior parte das manifestações psíquicas do amor, como ternura, ciúmes, dedicação etc. através das análises da clínica psicanalítica (FREUD, 1907/1976). Assim seria porque são afetos que provêm de uma relação do sujeito com suas pulsões, mas que, ao chegar à puberdade, aconteceria um processo de recalçamento dessas experiências, a fim de emergir um sujeito em uma nova fase sexual da vida. Portanto, as experiências psíquicas desse “*período precoce da sexualidade*” seriam vítimas do que ele intitulou *amnésia infantil* (FREUD, 1940/2019, p. 63).

Esses fenômenos que surgem na primeira infância fazem parte de um desenvolvimento sujeito a leis, passam por uma intensificação regular e alcançam por volta do final do quinto ano de vida um ponto culminante, então seguido por uma pausa. Durante essa pausa, o progresso se detém, muitas coisas são desprendidas e involuem. (FREUD, 1940/ 2019, p. 62)

A Psicanálise avançou bastante desde Freud e, graças às contribuições de Lacan, essas fases do desenvolvimento sexual ganham uma roupagem mais concreta e, ao mesmo tempo, mais fluida, capaz de responder por diferentes possibilidades que um sujeito pode caminhar em sua constituição psíquica.

“*É preciso que à necessidade se acrescente a demanda para que advenha o sujeito - disjuncto de gozo.*” (SAURET, 1998, p. 15). Essa citação de Lacan em resposta à Spitz diria resumidamente respeito ao caminho que o sujeito trilha em sua infância e foi frisada por Marie-Jean Sauret que, em 1997, realizou um seminário a convite da EBP-SP, denominado “*O infantil e a estrutura*”, no qual trabalhou a questão da infância para a Psicanálise, buscando o diálogo e “[...] *todas as consequências possíveis do ensino de Freud e Lacan*” (SAURET, 1998, p. 5).

Quando incorporamos o pensamento lacaniano para a pesquisa, olhamos para a estrutura psíquica não mais a partir de Id, Ego e pulsões mais autocentradas, mas a partir do atravessamento do campo da linguagem sobre o corpo, suas produções e seus resíduos a partir de uma relação com um outro e o Outro.

Então, ao olhar para as formulações freudianas desse início de vida psíquica, na primeira fase – fase oral – o que se produz pouco a pouco naquele pequeno ser humano é sua inscrição no campo da linguagem a partir do significante, “[...] *com o leite, a criança bebe desde o começo o significante: incorporação significante que o inscreve no campo da linguagem.*” (SAURET, 1998, p. 28). De mesma importância, em matéria de constituição psíquica, que a amamentação, ou seja, a nutrição, o pequeno bebê também lida com a fome – a “*falta primordial*” (SAURET, 1998, p. 28) que levará esse recém-nascido a se lançar na linguagem para atender sua demanda.

O que ocorre ao longo do tempo, ainda na fase oral, é que essa sensação de satisfação que o bebê sente ao sugar o seio de sua mãe e beber de seu leite ultrapassa a necessidade biológica da fome e ganha outra significação, seu corpo é capaz de responder afetivamente a sua angústia a partir da boca, ao remeter-se a esse primeiro sugar: “[...] *desde a entrada no jogo, existe essa dimensão substitutiva que faz com que o sujeito, separado do gozo, seja orientado para ele [...]. Seria pela significação que domina a sua relação com o Outro. Isto é, o privilégio da boca na relação do sujeito e a sua mãe.*” (SAURET, 1998, p. 28).

Na fase dita anal, o marcador é o confronto com o gozo do Outro, falta ou excesso. A metáfora freudiana que implica a entrada de certo sadismo da criança no segurar ou liberar suas fezes, diz sobre uma busca daquele sujeito ao Outro, e é a partir da “*única coisa destacável de seu corpo*” que aquele sujeito, bebê ou criança, manifestará seu apelo.

O que garante que o Outro persiste em se ocupar com a criança? Nada. É este enigma que introduz uma mudança no sentido da demanda: o que o Outro quer de mim? E a única coisa destacável do corpo do sujeito é o excremento, que abre para a metáfora anal e o sujeito traduzirá como dom e retenção. [...] o sofrimento, a insatisfação e a dor são efetivamente interpretados como prova de que aquilo que se inscreve como menos aqui, se inscreve como positivo na conta do Outro. (SAURET, 1998, p. 20)

A questão da falta, apesar de sofrida, continua tendo grande importância na constituição de afirmação e posição desse sujeito, pois a ideia de completude sujeito-Outro, bebê-mãe, traz um devoramento do sujeito por esse Outro – ou em seu contrário, um regurgito¹⁰. Surge um novo agente para ser o responsável por essa falta acontecer, o *Nome-do-pai* entraria nessa função para *humanizar* o desejo da mãe, colocá-la em seu papel de mulher e retirá-la de cena (SAURET, 1998, p. 21).

¹⁰ A respeito da sensação de total satisfação, Marie-Jean pontua que a completude traz em si um medo de ser devorado pelo Outro, numa fase oral, ou levado à oblatividade, em fase anal, ou, em seu contrário, vomitado ou deixado largado, dependendo da fixação da neurose infantil daquele sujeito. (SAURET, 1998, p. 20)

A relação do pequeno sujeito e sua constituição psíquica em relação ao Outro nos traz pertinentes elucubrações e reflexões para pensar e auxiliar as crianças em sua relação com o mundo da linguagem, no entanto, com o avançar do pensamento de Lacan, a relação de falta que faz o sujeito se dirigir ao Outro adquire maior profundidade.

Lacan gradualmente faz uma virada em sua teoria, ao perceber que lidar apenas com o jogo de significantes e o trajeto ao Outro, não é suficiente para o manejo clínico de certas psicoses e o autismo – que alguns psicanalistas enfrentavam na clínica sobre sua supervisão e uma nova sociedade que ele percebia se desenhar.

A Psicanálise percorre pela via do significante e sua mínima S_1 - S_2 intenta com esse movimento decifrar certo saber transferencial que carrega com ele um sentido. No entanto, a essa altura de sua vida e com a imersão na clínica e na teoria psicanalítica, Lacan olha para o sentido como algo que comporta um limite, algo que é aparente, pois o sentido conduz redução à *última palavra* e, em seguida, a um lugar de falta de resposta “[...] *o sentido indica a direção na qual ele fracassa.*” (LACAN, 1972/1985, p. 106). A partir desse momento, o inconsciente que a Psicanálise lacaniana passará a enfatizar é aquele que escapa do sentido, por escapar da interpretação. Uma nova articulação do inconsciente na disjunção entre esse e a interpretação (MILLER, 2006, p. 12).

Há uma mudança estratégica a partir do século XX, em que o gozo passa a ter um enfoque maior que o desejo, o Outro e, conseqüentemente, surgem de outros conceitos que vêm complementar (ou suplementar) o que se colocava apenas como o sujeito: o conceito de *falasser* – ser na fala –, entendendo que nosso ser não é um ser qualquer, é um ser que fala e que está o tempo todo se reciclando pela e na fala, assim se defendendo do real; e o conceito de *Um-corpo*, aquilo que viria antes do assujeitamento à fala, à inscrição do Outro - o início psíquico daquele ser humano junto a seu corpo, antes de ser marcado pelas experiências de linguagem em sua história pessoal.

Esse *Um* seria o *Um-corpo* que o sujeito tem, no qual antes da linguagem está imerso em um gozo e, a partir da inserção do desejo do Outro, e a inscrição de sua falta, instaura-se uma falta, o *menos-um fundamental* (LAURENT, 2016, p. 18), fazendo do sujeito *furotraumatizado*, sujeito produzido como ausência, como furo (LAURENT, 2016, p. 19) do qual o sujeito não cessará de tentar preenchê-lo e, assim, assujeitar-se à linguagem e ao desejo e, nas palavras de Laurent,

A operação de separação entre a carne e o corpo provém da impressão de um menos-um fundamental. Para o ser que fala e demanda, o corpo deixa de inscrever

todo o gozo. [...] O corpo é, portanto, superfície de inscrição de falha, com relação ao trauma do gozo.

(LAURENT, 2016, p. 18).

A partir das reflexões do saber psicanalítico diante do real e do gozo, a pesquisa encontra campo profícuo para dar corpo às reflexões sobre o *caos*, sobretudo, no que tange ao autismo.

4. O autismo

O autismo, apesar de bastante conhecido, ainda é uma incógnita para famílias, educadores, médicos e, inclusive, para os próprios autistas que, em muitos relatos, demoram para encontrar espaço seguro para se compreenderem¹¹. Os diagnósticos crescem cada vez mais e as problemáticas, discussões e reflexões se multiplicam no decorrer dos anos.

De acordo com o Ministério da Saúde¹², o Transtorno do Espectro Autista, se configura como...

[...] um distúrbio do neurodesenvolvimento, caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021, n. p.).

No documento, é dito que esses sinais de “*atrasos no desenvolvimento*” podem ser percebidos muito antecipadamente, nos primeiros meses de vida, mas que é por volta dos 2 ou 3 anos de idade que é feito o diagnóstico clínico a partir de observações da criança, entrevista com a família e aplicação de instrumentos específicos. Esse diagnóstico oportuniza à criança encaminhamentos para intervenções comportamentais e apoio educacional que, segundo o documento, poderiam levar a melhores resultados.

Em outro documento, como orientação à família de uma criança autista¹³, é recomendado que, caso se perceba que a criança não esteja se desenvolvendo “*conforme os marcos apresentados na caderneta da criança*”, deve-se procurar um profissional de saúde, a fim de se proceder a uma avaliação.

Informações sobre a etiologia do TEA permanecem desconhecidas, mas apontam evidências científicas para a defesa de que não haveria uma causa única do autismo, mas sim, uma interação de fatores genéticos e ambientais, no sentido de que “[...] *fatores ambientais podem aumentar ou diminuir o risco de TEA em pessoas geneticamente dispostas.*” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021, n. p.).

São casos de alterações físicas e funcionais do cérebro que podem ocasionar atrasos no desenvolvimento e gerar sintomas de agitação e/ou agressividade por diversos motivos,

¹¹ Marina Bialer, 2017. AUTOBIOGRAFIAS NO AUTISMO. São Paulo: Toro Editora, 2017.

¹² MINISTÉRIO DA SAÚDE. Definição – Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança. Linhas de Cuidado, Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Brasília/DF, 25/mar/2021. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 20/mar/2023.

¹³ MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sou Paciente, familiar ou cuidador. Linhas de Cuidado, Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Brasília/DF, 25/mar/2021. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/sou-paciente>. Acesso em: 20/mar/2023.

como dificuldade de comunicação, dor, incômodo sensorial, entre outros. E, nesses casos, os procedimentos aconselháveis para essas manifestações são:

[...] estratégias comportamentais de modificação do comportamento, uso de comunicação suplementar e/ou alternativa como apoio para compreensão/expressão, estratégias sensoriais e também procedimentos mais invasivos, como contenção física e mecânica, medicações e, em algumas situações, intervenções em unidades de urgência/emergência.

(MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021, n. p.)

4.1 O autismo na “ciência”

A base para entendimento, visibilidade e criação de políticas públicas para essa população é inteiramente fundamentada no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM), que está atualmente em sua 5ª. edição e passou, em 2022, por uma revisão, na qual, apesar de algumas mudanças terminológicas, se mantém com a mesma essência e estrutura.

Esse manual tem o propósito de ser uma “[...] *classificação de transtornos mentais e critérios associados, elaborada para facilitar o estabelecimento de diagnósticos mais confiáveis desses transtornos.*” (APA, 2014, n.p.), sendo uma referência para a prática clínica na área da saúde mental. Ao longo dos anos, ele se tornou uma referência mundial para clínicos e pesquisadores de orientações biológicas, psicodinâmicas, cognitivas, comportamentais e interpessoais fornecendo uma “língua comum” que para comunicar as características dos transtornos mentais e, tentando trazer “*critérios concisos e claros*” intenta trazer uma avaliação objetiva sem caráter filosófico ou etiológico das questões, servindo também como “[...] *instrumento para a coleta e a comunicação precisa de estatísticas de saúde pública sobre as taxas de morbidade e mortalidade dos transtornos mentais*” (APA, 2014, n.p.).

Ainda, para garantir a integridade científica do documento,

A classificação dos transtornos está harmonizada com a Classificação Internacional de Doenças (CID), da Organização Mundial da Saúde, o sistema oficial de codificação usado nos Estados Unidos, de forma que os critérios do DSM definem transtornos identificados pela denominação diagnóstica e pela codificação alfanumérica da CID. No DSM-5, as codificações da CID-9-MC e da CID-10-MC (essa última programada para entrar em vigor em outubro de 2014) estão vinculadas aos transtornos relevantes na classificação.

(APA, 2014, n.p.)

Qual a confiabilidade dos “*critérios concisos*” que foi responsável pela avalanche de diagnósticos - nem sempre exatos - de autismo no mundo? Será mesmo uma classificação atórica como se vende?

De acordo com o DSM-5, o autismo faz parte do Transtorno do Desenvolvimento e está configurado dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), englobando o que era antes qualificado de Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento, Transtorno Desintegrativo da Infância e a Síndrome de Asperger (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 53). O diagnóstico ocorre a partir de diferentes critérios que essas pessoas trazem em comum em maior ou menor intensidade, os quais são: (1) *déficits persistentes na interação e comunicação social em múltiplos contextos*, como a linguagem e a verbalização (ou não) da criança; a reciprocidade emocional que está claramente evidente em crianças pequenas – no caso de haver linguagem, percebe-se que essa costuma ser unilateral, sem reciprocidade social, usada mais para solicitar e rotular do que para comentar (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 53).

No caso de não haver linguagem, a comunicação não verbal também apresenta um déficit pelo ausente ou atípico contato visual – e a dificuldade de desenvolver, manter e compreender relacionamentos, pois pode haver “[...] *interesse social ausente, reduzido ou atípico, manifestado por rejeição aos outros, passividade, ou abordagens inadequadas que parecem agressivas ou disruptivas.*” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 54).

São também características marcantes os (2) *padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesse ou atividades*, que incluem estereotípias motoras simples, uso repetitivo de objeto, fala repetitiva e interesses que se manifestam de forma atípica em intensidade ou foco (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 54).

O autismo pode estar também (3) *presente precocemente no período de desenvolvimento*, quando se notam que os primeiros sintomas do TEA envolvem frequentemente o atraso no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 56).

No mais, (4) *os sintomas causam prejuízos clinicamente significativos no funcionamento social, profissional e em outras áreas importantes da vida* e que (5) *não são mais bem explicadas como transtorno global do desenvolvimento*, pois um autista pode apresentar prejuízos relativamente sutis em áreas individuais (como a fala, o contato visual

etc.), mas “[...] *perceptível na integração satisfatória entre contato visual, gestos, postura corporal, prosódia e expressão facial para a comunicação social.*” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 54).

No restante, o documento pontua que não se trata de um transtorno degenerativo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 56), pois crianças autistas conseguem, com o passar da vida, ir aprendendo e construindo formas de relação com o mundo e aprendizagens e são poucos os adultos que permanecem autistas. Sobre o prognóstico, existe certa estatística a respeito de fatores ambientais que pode contribuir para o risco de TEA, como idade parental avançada, baixo peso ao nascer e exposição fetal a ácido valproico (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 56). Enquanto isso, fatores genéticos dizem que a herdabilidade do transtorno varia de 37% até 90% e existem pesquisas que apontam que 15% dos casos sofreram de uma mutação genética conhecida, mas sem consistência definitiva (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 57)

Apesar de se atestar *ateórico*, essa caracterização do autismo em todos os seus sintomas e olhares é fruto de uma elaboração historicamente construída a partir de disputas de diferentes linhas teóricas de áreas como Medicina, Biologia, Psiquiatria e Psicologia, e a retomada dessa narrativa histórica é imprescindível para entender porque o autismo é concebido nesta perspectiva e, conseqüentemente, as escolhas e demandas de tratamentos por onde ocorrem investimento e políticas públicas e privadas para essa população.

4.2 DSM e Autismo: Retomada histórica

Com base num extenso e rico artigo de Vilma Bianchi e Jorge Abrão (2023)¹⁴ a respeito das relações da Psiquiatria e da infância, nossa retomada histórica pertinente à pesquisa inicia-se no século XIX, quando, sob uma perspectiva da formação psiquiátrica do adulto, vigorava uma noção de *retardamento mental* na criança, com o nome de *idiotia* (BERCHERIE, 2001, p. 130, apud BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.265). Sendo a loucura uma questão de pessoas adultas, as discussões a respeito da infância eram apenas a respeito do “*grau de irreversibilidade do retardamento mental*” (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.265). Em relação às classificações psiquiátricas gerais, é neste século que alguns critérios são agrupados, buscando uma classificação científica universal (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.271).

¹⁴ BIANCHI & ABRÃO. A construção histórica do Autismo. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 5260-5277, 22 mar. 2023.

A partir dessas discussões, estudiosos da época refletiam o termo *idiotia* numa disputa sobre esse ser um déficit global comprometedor e negativo ou algo relativo a um lado mais concentrado no campo educativo, que envolvia falta de atenção, de concentração e de vontade (BERCHERIE, 2001, p. 132, apud BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.266). Com esse embate teórico envolvendo Psiquiatria e Pedagogia, abriu-se caminhos para o surgimento de outra concepção no campo das patologias infantis: a formação subjetiva da criança (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.266).

No fim do século XIX, surge o conceito de *crianças anormais*, podendo ser vítimas de doença mental ou demência por influência da clínica psiquiátrica de adultos da época – uma concepção essencialmente médica e somática dos transtornos mentais, concebidos como doenças do cérebro (BERCHERIE, 2001, p. 133, apud BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.266) – o olhar para a infância passa a conter os mesmos tratamentos, como se não houvesse diferenças entre essas fases da vida.

[...] a busca de um denominador comum entre os transtornos das infâncias e adolescência e dos adultos significa que, a partir desse momento, as crianças desadaptadas estariam sendo diagnosticadas sob os nomes de: mania, excitação, depressão, melancolia, obsessão, fobia, alucinação, delírio, loucura moral (perversão) e neurose (histeria, epilepsia, coreias, tiques).
(BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.267)

É nesse momento da psiquiatria infantil que Bleuler (1911) usou a palavra autismo pela primeira vez, qualificando-o como uma forma específica de esquizofrenia, inspirado em termos freudianos de autoerotismo. Essa caracterização autista referia-se a uma incapacidade de estabelecer contato afetivo, retraimento social, inacessibilidade do mundo interno do paciente, comportamentos rígidos e, em casos extremos, o mutismo (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.268).

Na entrada do século XX, já com grande influência da Psicanálise sobre a Psiquiatria, o olhar para a infância desloca-se do lugar de ser explicada pelo adulto formado e passa a explicar o advir do adulto. No mesmo período, dois psiquiatras, Kanner e Asperger, usaram o termo *autismo* de Bleuler para descrever observações de crianças atendidas, ainda dentro do leque da esquizofrenia.

Em relação às classificações psiquiátricas gerais, a partir de grandes avanços e influências da Neurobiologia, Fenomenologia, Antropologia, Linguística, Psicanálise e até mesmo a Matemática (IZAGUIRRE, 2011. p. 15, apud BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.272), começaram a surgir diversas nomenclaturas de extensas descrições, com o objetivo de

alinhar diagnósticos psiquiátricos e encontrar informações estatísticas sobre a população, lembrando que se vivia em um período fortemente marcado pelas duas Grandes Guerras Mundiais.

Christian Dunker (2014) em seu artigo¹⁵ que também faz uma retomada histórica do DSM, faz um levantamento histórico com um olhar propriamente para os Estados Unidos, quando a necessidade desse consenso terminológico (DUNKER, 2014, p. 85) e de estatísticas do poder público eram mais fortes e, já em 1880, havia sido feito pela Associação Americana de Psiquiatria, APA (American Psychiatric Association), um censo chamado *Manual estatístico para o uso de instituição de insanos*, incluindo 22 diagnósticos (DUNKER, 2014, p. 81).

Com a forte influência da Psicanálise no início do século XX, conceitos, como neurose, psicose, personalidade, estrutura e psicodinâmicas, passaram a orientar os fundamentos da classificação estadunidense de doenças mentais (DUNKER, 2014, p. 81). Mas apenas em 1952 foi criado o primeiro DSM como o Manual que conhecemos hoje, influenciado pelas classificações e fundamentos conhecidos até então, ainda fortemente marcadas oposição entre neurose e psicose (DUNKER, 2014, p. 81) e ampliando uma classificação já utilizada pelo exército norte-americano, contemplando no total 182 distúrbios.

No entanto, Bianchi e Abrão trazem uma pertinente observação do que também acontecia nesse mesmo período: o surgimento dos primeiros psicofármacos (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.272).

Com o surgimento das primeiras drogas denominadas “antipsicóticas”, não entra em crise o paradigma, mas com o aparecimento de múltiplos tipos de psicofármacos, a questão muda. O primeiro antipsicótico que se introduz no mercado, a clorpromazina, é de 1952. Nesse mesmo ano, surge o DSM - I. É uma coincidência, mas há relação entre a importância crescente dos tratamentos psicofarmacológicos e o sistema classificatório dos sucessivos DSMs.

(IZAGUIRRE, 2011, p. 16, apud BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.272)

Apesar de ter sido uma coincidência, o surgimento dos psicofármacos não passa despercebido e traz um marco nos estudos sobre neurociências, que vão ganhando cada vez mais importância com a determinação de tratamentos e diagnósticos que recebem (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.272).

¹⁵ DUNKER, Christian Ingo Lenz. Questões entre a psicanálise e o DSM. *J. psicanal.* [online]. 2014, vol.47, n.87, pp. 79-107.

Quase 20 anos depois, surge uma nova reformulação do Manual, apesar de manter os mesmos 182 transtornos (*disorders*), a APA busca neste DSM-II ajustar sua classificação para ir de acordo com o CID, instrumento correlato proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A teoria da psicodinâmica, bem como, critérios etiológicos provindos da Psicanálise atrai grandes críticas, pois esse manual começa a ser usado por sistemas de saúde pública, convênios médicos, centro de pesquisa psiquiátrica e farmacêutica (DUNKER, 2014, p. 86) e o caráter “filosófico” da Psicanálise assinalava uma teoria retrógrada diante do surgimento de uma Psiquiatria “científica”.

Propondo-se como um sistema classificatório atóxico e operacional das grandes síndromes psiquiátricas, esse manual modificou profundamente a concepção da pesquisa e da prática psiquiátrica, pois, a partir de agora, a Psiquiatria teria à disposição um sistema diagnóstico preciso, do ponto de vista descritivo-terminológico, e passível de servir de apoio para a pesquisa empírico-experimental. (DUNKER, 2014, p. 91).

A repercussão e autenticidade do DSM gera um movimento de uma terminologia comum na Psiquiatria, a partir do qual as discussões e os tratamentos ao redor do mundo poderiam se efetivar. No entanto, por detrás dessa linguagem comum, também se propagava um “[...] *silenciamento das controvérsias e divergências internas, quer à Psicanálise, quer à Psiquiatria.*” (DUNKER, 2014, p. 87) pela homogeneização de diferentes conceitos.

Essa língua comum da ciência é influenciada pelo movimento *basic english*, um movimento linguístico que pretendia favorecer “[...] *rapidez, coerência e consistência da comunicação*” (DUNKER, 2014, p. 88). Refletida no DSM, esse movimento gerou uma supressão dos diferentes discursos e debates sobre o mal-estar e, de acordo com esse psicanalista,

[...] Esse compromisso obrigou os pesquisadores a abandonarem os conceitos de seus campos específicos e mostrou-se particularmente conveniente para disciplinas que operam com uma metodologia empírico-experimental em suas abordagens do sofrimento psíquico. (DUNKER, 2014, p. 89)

A terceira versão do DSM, então, usa pela última vez o conceito de neurose como uma categoria clínica (DUNKER, 2014, p. 91) e a Psicanálise perde completamente o espaço para a revolução científica do momento: a Medicina baseada em evidências (DUNKER, 2014, p. 92). Acusada como obsoleta e não científica, as contribuições da Psicanálise no

campo da Psiquiatria são dispensadas e a preocupação que se consolida a partir do DSM-III é transformá-la em um instrumento convencional diagnóstico e descritivo, não mais preocupado com o campo etiológico.

Por fim, no DSM-IV, é encerrada toda a contribuição psicanalítica ou de uma filosofia da história (DUNKER, 2014, p. 98) que ajuda a pensar sobre o psiquismo humano e o documento passa a se fundamentar na Psiquiatria a partir da Neurociência, da Biologia e da Medicina baseada em evidências. Isso significa que as doenças mentais passam a independe de experiências anteriores da pessoa e seus sintomas ascendem como classe diagnóstica (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.273): “*O problema crucial que se perde de vista com a exclusão da neurose como categoria diagnóstica é que os diferentes sintomas de um sujeito exprimem e se articulam em uma narrativa de sofrimento.*” (DUNKER, 2014, p. 93).

A consequência, do ponto de vista da Psicanálise é que, ao ignorar o contexto histórico do sujeito e desconectar os diversos sintomas que esse traz como consequências diversas de certo conflito, se desabilita o sujeito a, de alguma forma, se responsabilizar pelo seu sofrimento, ao tomar consciência daquilo de que sofre e, assim, auxiliá-lo a encontrar respostas e atitudes internas e externas para tecer essa solução (DUNKER, 2014). Ao contrário, o que a partir do DSM-IV se perpetua é uma “externalização” do sofrimento como uma disfunção neurobiológica – falta de nutrientes, alguma questão com neurotransmissores – no qual a medicação entra de modo compensatório, solucionando o problema que a pessoa não é capaz de resolver por si (DUNKER, 2014, p. 94).

Esse documento separa pela primeira vez em cinco eixos os transtornos mentais e o autismo, qualificado dentro do eixo *transtornos invasivos do desenvolvimento*. Nesse eixo, estava incluso também o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Asperger e o transtorno de Rett (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.273)

Sobre propriamente o autismo,

De acordo com os critérios diagnósticos utilizados no Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM IV (APA, 2002), a perturbação deve ser manifestada antes dos três anos de idade, havendo um prejuízo severo em pelo menos um dos diferentes campos do desenvolvimento: interação social, linguagem usada para comunicação social, ou jogos simbólicos ou imaginativos. No Transtorno Autista, podem ocorrer anormalidades no desenvolvimento das habilidades cognitivas. Na maioria dos casos o diagnóstico está associado ao retardo mental geralmente na faixa moderada (Klin, 2006 apud BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.273).

O DSM-V, por fim, versão ainda atual desse Manual, buscou alinhar-se completamente com diagnósticos descritivos e “totalmente verificáveis”, fixando uma maneira de pensar a psicopatologia a partir da Medicina baseada em evidências, estabelecendo uma ilusória hegemonia nas pesquisas, nas clínicas e no financiamento público e privado de saúde mental (DUNKER, 2014, p. 78). O caminho é o da “*medicalização da Psiquiatria, a fim de afastá-la de vez das influências filosóficas (JASPERS, Fenomenologia, existencialismo, marxismo) e psicanalíticas (em especial, Lacan).*” (CIRINO, 2001, p. 92, apud BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.274)

A ideologia tão solidificada da *medicina baseada em evidências*, hoje cunhada como a verdade científica, tanto no meio científico quanto no popular, contempla como seu mérito o poder de cálculo e correlações entre séries estatísticas, com a qual, ao lidar com grandes populações, traria, pelos números, a sonhada solução dos problemas para as burocracias sanitárias (LAURENT, 2012, p. 149). A respeito dessa insígnia de *verdade científica*, refletimos, auxiliados por Dunker (2014), sobre a posição que a Psicanálise assume e opera clínica e socialmente:

[...] Na vertente lacaniana, a verdade é o próprio descompasso entre a realidade e o discurso. É de outro ângulo a verdade da impossibilidade da verdade porque nada da ‘realidade’ terá lugar na linguagem. Dessa forma, a verdade, cuja forma é necessariamente discursiva – e, como tal, recoberta pela inépcia de qualquer discurso – é aquilo que erra quanto à apreensão das coisas.

O discurso não possui meios de sair de si mesmo, não podemos dar as costas à linguagem para ‘vermos’ o que há por detrás, porque toda visão encontra-se estruturalmente condicionada pela própria linguagem. [...] Dessa forma, temos uma consequência epistemológica da concepção lacaniana, pois a noção de linguagem abraçada por ele denuncia a compreensão como equívoco do apego à segurança imaginária e a uma precipitação intelectual que a distancia da verdade. (DUNKER, 2014, p. 101)

Nesse sentido, a Psicanálise acaba atuando na contramão da hegemonia por acreditar que, pela singularidade psíquica de cada sujeito, apenas um tratamento imposto externamente a uma criança ou adulto, totalmente à parte de sua vida e de seu contexto sociocultural, não será efetivo para auxiliar o sujeito a superar seu sofrimento e traz apenas uma solução rápida e custosa graças ao uso de psicofármacos e de uma padronização de comportamentos que se espera para a “normalidade social”.

Especificamente a respeito do autismo, os psiquiatras infantis, na mesma linha, reaproximam-se do pensamento da primeira metade do século XIX e apostam como o

principal agente de transformação, os psicofármacos “[...] *integrados ao condicionamento do comportamento e do pensamento*” (BIANCHI & ABRÃO, 2014, p. 5.274), retirando qualquer responsabilidade da pessoa pelos seus sintomas. Essa última versão do DSM reuniu “[...] *outras classificações que teriam como principais critérios diagnósticos a tríade de prejuízo na comunicação, interesses restritos e movimentos repetitivos.*” (BIANCHI & ABRÃO, 2023, p. 5.273) numa mesma categoria chamada espectro, assim denominado oficialmente hoje: TEA – *Transtorno do Espectro Autista*.

4.3 Medicina baseada em evidências e Análise do Comportamento Aplicada

A Medicina baseada em evidências, apesar de ilusoriamente aparentar um caráter de hegemonia do pensamento, traz dentro de si grandes debates e infinitas discussões a respeito do que os números não conseguiram encontrar respostas e o autismo persiste como um buraco onde a tal *verdade científica* não cessa de buscar soluções para tamponar. Como é o caso das múltiplas hipóteses sobre a natureza dos genes implicados no autismo (LAURENT, 2012, p. 157), segundo a qual, a cada mês que passa, novas hipóteses são levantadas sem sucesso, precisando buscar recursos até fora do planeta¹⁶ para tentar alcançar dados que poderiam provar alguma de suas teorias

A respeito do tratamento do autismo, especificamente o TEA, o foco consiste não em entender e auxiliar o sujeito para uma vida social, mas sim, regular o comportamento desse para que seja adequado à sociedade. A ideia desse tipo de tratamento fortaleceu-se muito, graças ao prestígio e à solidificação da Medicina baseada em evidências, pois, ao contrário do complexo e complicado auxílio à criança e/ou adulto autista se entender em um mundo social, a mudança e a regulação do comportamento dos sujeitos criou uma capacidade mensurável e objetivável (LAURENT, 2014, p. 135) para se estabelecer como verdade científica perante outros tratamentos.

É o que se tem hoje com um campo vasto e solidificado no mundo inteiro pelo método comportamental, popularmente conhecido como ABA, uma abreviação do conceito norte-americano para *Applied Behavior Analysis*.

Esse método ganhou campo vasto no tratamento de pessoas autistas por se dizer comprovadamente eficaz¹⁷ na mudança de comportamentos autistas. No Brasil, ao longo das

¹⁶ PIOVEZAN, Stephanie. “Resposta para o autismo e o Alzheimer pode estar no espaço”, diz 1º. cientista brasileiro que irá à ISS. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2023/07/resposta-para-o-autismo-e-o-alzheimer-pode-estar-no-espaco-diz-1o.-cientista-brasileiro-que-ira-a-iss.shtml>. Acesso em: 1/fev/2024.

¹⁷ Discutiremos a questão da comprovação científica do método ABA adiante.

últimas décadas, o número de adeptos – familiares, educadores e terapeutas – ao tratamento cresceu de tal forma que, até dentro de documentos oficiais, há pessoas ligadas à metodologia comportamental na escrita e na elaboração dessas tratativas. No *Manual do Direitos de Pessoas com Autismo* da cidade de São Paulo (2021), encontramos logo na introdução este parágrafo:

O tratamento constante é imprescindível para o bom prognóstico e para minimizar as consequências desta patologia na vida do indivíduo portador. Envolve equipe multidisciplinar e terapias com maior comprovação científica baseadas na ciência ABA (Análise do Comportamento Aplicada ou Applied Behavior Analysis).” (SÃO PAULO, 2021, p. 3)

O ABA, em português traduzido como Análise do Comportamento Aplicada, é uma linha teórica da Psicologia inspirada na Psicologia Comportamental. De acordo com o site brasileiro Terapia ABA,¹⁸ essa terapia é uma intervenção estruturada, focando na intervenção de comportamentos julgados inadequados, como estereotípias, atitudes agressivas, interesses restritos a determinados objetos ou assuntos, apego a rotinas, entre outros, sobretudo, ligados à linguagem. A página que contempla o artigo chamado “Como funciona a terapia ABA?”, é aberta com a seguinte citação: “[...] *Se eles não aprendem do jeito que a gente ensina, nós ensinamos do jeito que eles aprendem.*” (IVAR LOVAAS)¹⁹

O autor dessa citação, Ivar Lovaas, é o psiquiatra fundador do ABA. Na Clínica Neuropsiquiátrica de Los Angeles, na Universidade da Califórnia. Lovaas se tornou professor assistente e, desde 1960, começou a desenvolver e testar uma abordagem enraizada na teoria comportamental para tratar crianças “perturbadas”, segundo as quais, desde cedo, já focaliza aquelas que possuíam diagnóstico de autismo (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 9).

Os experimentos consistiam em usar reforços positivos – como dar comida e afetos – quando se tratavam de comportamentos desejáveis e reforços negativos – bater, dar choques elétricos, e outros tipos de represálias – para comportamentos não desejados, como balançar o corpo, não olhar nos olhos, não abraçar etc.

Nessa pesquisa, recorreu-se a dois extensos e ricos textos a respeito da história do O. Ivar Lovaas e a solidificação do ABA para apresentar de forma breve como essa terapia foi pensada e seu crescimento ao longo dos anos no tratamento do autismo: *Disturbing*

¹⁸ Como funciona a terapia ABA. Terapia ABA, 2023. Disponível em: <https://www.terapiaaba.com.br/conteudo/como-funciona>. Acesso em 02/02/2023.

¹⁹ Idem, Ibidem.

behaviours: O. Ivar Lovaas and the queer history of autism science (2018), de Margareth F. Gibson e Patty Douglas e *The misbehavior of behaviourists* (2004), de Michelle Dawson.

Em 1987, Lovaas publicou o que foi considerado um marco para a consolidação do método ABA, mas já antes, em 1970, Lovaas também se dedicou a outro projeto, menos reconhecido, que deu ferramentas e conhecimentos necessários para o sucesso de seu atual consolidado experimento. Trata-se do *Feminine Boy Project* (FBP) – projeto para meninos afeminados, numa tradução simples – que buscava, numa época quando a homossexualidade ainda era entendida como doença mental, mudar o comportamento de meninos (normalmente, brancos, provindos de classes altas) que traziam atitudes entendidas como femininas, no qual Lovaas catalogou e desenvolveu intervenções no comportamento de jovens em relação a não conformidade de identidade sexual e gênero (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 3).

A racionalização nas duas áreas do trabalho de Lovaas (FBP e ABA) trazia resultados na mudança de comportamento e “[...] *excelentes oportunidades através da qual justificava o poder e a promessa do comportamentalismo*” (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 4).

Nós selecionamos reforços com base em seu valor para uma criança específica. Muitas crianças engajaram-se apenas por comida e precisavam ocasionalmente de um tapa nas nádegas se o terapeuta quisesse controlar o comportamento interferente indesejável. Para outras crianças, a aprovação e a desaprovação simbólicas eram eficazes na manutenção do comportamento das crianças durante as sessões de trabalho. (LOVAAS; KOEGEL; SIMMONS; LONG, 1973, p. 136, apud GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 20)

A mudança de comportamento das crianças e sua possível cura do autismo ou da homossexualidade era uma promessa apresentada como uma “[...] *baliza da esperança para familiares e profissionais desencorajados*” (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 13) e, apesar das sistemáticas violências proferidas a esses sujeitos, como ignorar, bater, gritar e dar choque (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 4), eles conseguiram cunhar-se como científicos, inclusive “[...] *alcançar uma regulação científica para famílias, particularmente as mães, para serem treinadas e se tornarem as terapeutas em casa.*” (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 10).

Ao custo de intensivas e violentas intervenções com crianças autistas, Lovaas cresceu com sua metodologia comportamental para tratar o autismo, acusando outras metodologias de ineficazes (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 11). Apesar disso, a própria ABA já se mostrava limitada quando os casos eram mais severos. “*Dentro dessa rubrica, o desejo – e humanidade – das pessoas então descritas [autistas ou com distúrbio de gênero] podem se*

tornar unicamente objetos de mudança, construção ou erradicação, e preocupações éticas assim como fora enfrentado.” (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p.18).

O que prospera cientificamente a partir do comportamentalismo é uma perspectiva de “*mecanismo humano*” (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 13), segundo a qual uma pessoa pode ser treinada para adotar novas formas de agir no mundo, de acordo com aquilo que convém à sociedade. No entanto, o que se entende como um plano de fundo é que existe um padrão esperado de ser humano que a sociedade tem de produzir e, caso um sujeito não atenda a esses padrões, será preciso operar intervenções precoces, para recuperar o funcionamento normal dessa criança, apesar dos altos custos, uma verdade que se instaurou no meio científico a partir dos dados e mensurações que eles mesmos produziam, sem questionar-se sua lógica ou ética. (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 20).

O ABA se tornou referência entre familiares, profissionais e até políticos como “*construtor de certas pessoas que ainda não são humanas*” (GIBSON & DOUGLAS, 2018, p. 20).

É sobre a questão ética e humana que Michelle Dawson (2004), pesquisadora canadense e diagnosticada com autismo reflete em seu texto. Para ela, extinguir os comportamentos autistas são outras palavras para a extinção dos autistas, um entendimento de que esses não seriam humanos aceitáveis.

Apesar de que, em certo momento, tratamentos de choque e violências mais bruscas terem sido questionadas pela comunidade, o ABA reconfigurou suas formas de punições físicas, porém essas punições ainda existem como forma de controle e, sem essas, não haveria eficácia em sua terapia (DAWSON, 2014, p. 1)

[...] então, há o dilema behaviorista sobre se um ensaio controlado do ABA seria ético, uma vez que os controles seriam privados desse tratamento supostamente eficaz. ABA não vai a lugar algum sem sua cortina de fumaça de adjetivos como ‘cientificamente provado’ e ‘medicamente necessário’. (DAWSON, 2014, p. 1)

É através do cunho científico que o programa comportamentalista ganha espaço e credibilidade para manter seus métodos de violência em prol de um jeito de ser humano no qual acreditam. A associação científica de tratamento do autismo – ASAT (*Association for Science in Autism Treatment*) – comprova esse pensamento reportando que “[...] *boa ciência e a boa ética são incompatíveis no autismo, ademais, a ética poderia ser destrutiva na pesquisa do autismo e a morte da esperança para familiares de autistas em todos os lugares*” (DAWSON, 2014, p. 2).

Trata-se de uma oposição que se cria de tal maneira que “[...] *se a criança autista precisa ser tratada eticamente, então eles serão condenados.*” (DAWSON, 2014, p. 2), como se o autismo fosse uma doença mortífera, como o câncer (Idem *ibidem*). Aliás, essa comparação – autismo é igual a câncer – já foi utilizada diversas vezes por psiquiatras e defensores do método para defender no meio científico os métodos que utilizam (Idem).

A questão que se coloca, autistas não são pessoas que devem ou conseguem existir, procura por em cheque a vida de milhares de pessoas que, assim como Michelle Dawson, não só existem como lutam para serem aceitas com as suas diferenças – ademais, não querem deixar de ser autistas, pois gostam e preferem essa forma de se relacionar com o mundo.

‘Falsas oposições’ (se a criança autista precisa ser tratada eticamente, então eles serão condenados) e falsas equações (autismo igual a câncer) têm deixado de lado a evidência empírica e se tornado uma promoção central para a legalidade, cientificidade e popularidade da indústria ABA.

Aqui temos mais: Autismo igual a tragédia, sofrimento e condenação. Assim, ou crianças autistas são tratadas com sucesso através de uma intervenção comportamental precoce ou ele é condenado a uma vida de isolamento e institucionalização. Autismo é incompatível com conquista, inteligência, integridade física e psicológica, dignidade, autonomia e aprendizado: ou você é autista ou você tem acesso a essas possibilidades. Ou o autista é atendido pela ABA e se torna semelhante a um não-autista, ou o autista é condenado. O autismo é igual a uma bomba nuclear, um derrame, diabetes, uma doença terminal, se tornando “crivado de dor por um terrível acidente” e, novamente, sempre câncer. [...] Autismo é incompatível com humanidade: ou você é autista ou você é humano.” (DAWSON, 2014, p. 2) [*destaque nosso*]

O que nos dá o direito de dizer que um ser humano deve existir apenas de determinada maneira? A comunidade LGBTQIA+ viveu décadas de luta com essa bandeira e mesmo com a retirada do *‘homossexualismo’* como doença mental no DSM-IV e maior aceitação social dessas pessoas, ainda persiste muita luta para garantir direitos humanos a essa comunidade.

O *Feminine Boy Project* existiu nessa tentativa de mudar o gênero das pessoas para se adequar aos padrões da sociedade, sem que essas pessoas, por serem crianças, pudessem escolher participar ou não dessas intervenções. O ABA traz em si a mesma ideologia: “[...] *transformar a natureza sem o consentimento de seus clientes através de intervenções do comportamento.*” (DAWSON, 2014, p. 4).

A ideia de que os comportamentos autistas são inúteis, que autistas são incapazes de aprender e de se comunicar (DAWSON, 2014, p. 6) são as bandeiras ditas científicas dos defensores da análise do comportamento aplicada, no entanto a pesquisadora sabiamente pontua “[...] *não há evidência científica de que os comportamentos autistas são incompatíveis*

com inteligência, aprendizado e conquista.” (DAWSON, 2014, p. 6). Há diversas personalidades de sucesso, em diferentes áreas diagnosticadas com autismo que nos mostram o contrário, como é o caso da psicóloga e zootecnista Temple Grandin,²⁰ a escritora e artista Donna Williams,²¹ o menino Jake Barnett que entrou aos 10 anos na universidade de astrofísica e, aos 14 anos, entrou no mestrado de física quântica,²² o bilionário Elon Musk,²³ a cantora Sia²⁴ e a reconhecida ativista sueca Greta Thunberg²⁵.

Acusada como ciência desonesta (DAWSON, 2014, p. 9), a pesquisadora também alerta para o fato de que certos comportamentos que se tentam erradicar a altos custos – como quase 40 horas por semana de terapia intensiva – podem ser necessários para os autistas, como o balançar, o “ser analítico” e, da mesma forma, comportamentos impostos podem ser altamente dolorosos internamente, como o contato visual ou olhar apropriado (DAWSON, 2014, p. 10-11).

Assim colocado em questão, a simples autodenominação de empiristas para fundamentar certa ciência de sua ideologia por trás do comportamentalismo não se sustenta:

[...] Apenas quando as pessoas com diferenças tiverem direitos legais e humanos, eles poderão ser eticamente pesquisados e eticamente ajudados. [...] Eles [ABA] não possuem nenhuma maneira de conhecer se a recuperação do autismo é um bom ou terrível resultado. Seus critérios são enviesados por produtos da violação dos direitos humanos e não podem ser confiáveis. Ao fingir o contrário, comportamentalistas estão propondo treinar autistas em apropriados comportamentos humanos, enquanto exibem alguns dos comportamentos humanos mais desadaptados disponíveis.

(DAWSON, 2014, p.15)

Uma proposta ética que auxilie sujeitos autistas a se encontrarem num mundo tão diferente da forma como eles se entendem é um desafio para ir além do comportamento. Eric Laurent (2012) lembra que “[...] *é preciso entender como funciona o cérebro dos autistas e não focar na reforma de seus comportamentos.*” (LAURENT, 2012, p. 138), pois o autismo existe para além do comportamento e, quando as pessoas que fizeram a ABA-Terapia

²⁰ Breve descrição sobre ela em *A distinção do Autismo* (2017), de Rosine e Robert Lefort. [1. ed.] Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017. Cap. IV., p. 55 - 62

²¹ Idem. Cap. V, p. 63 - 68.

²² Breve descrição dele em “Autobiografias no autismo” (BAILER, 2017).

²³ Celebidades com autismo. Vogue, 2023. Disponível em:

<https://vogue.globo.com/celebidades/noticia/2023/05/celebidades-com-autismo-conheca-os-famosos-que-lida-m-com-a-condicao.ghtml>. Acesso em: 03/fev/2024.

²⁴ Idem, ibidem

²⁵ Idem, ibidem.

precisam de ajuda em ambientes distintos daqueles em que o aprendizado comportamental ocorreu, há uma dificuldade enorme.

ABA surgiu com a bandeira de um acesso educativo que salvaria todos os problemas dos autistas, mas com o tempo, cada vez é mais nítido perceber que, se tratando desse tema, não há uma solução em massa, porquanto cada autista traz sua singular capacidade de olhar para o mundo. Nesse sentido, a Psicanálise traz uma *disciplina crítica* (LAURENT, 2012), pois mantém uma “[...] *distância ética necessária em relação aos desejos de erradicar a qualquer preço sintomas que incomodam.*” (LAURENT, 2012, p. 161).

Tal fato não quer dizer que ela chama para si o direito da verdade, mas que, num momento de valores ocidentais utilitaristas escancarados em nossa sociedade, na qual quando se torna necessário utilizar sagradas fórmulas químicas nos salvar

[...] a reintrodução criteriosa de noções, como mal-estar e sofrimento, o diálogo científico com outras matrizes políticas e epistemológicas, são passos necessários para a definição de um programa de atenção e tratamento a um objeto complexo e transversal como a saúde mental. (DUNKER, 2014, p. 103)

4.4 O autismo na perspectiva da Psicanálise

A Psicanálise reflete o autismo há muito tempo: décadas atrás, já esteve na vanguarda de orientação, inclusive no DSM para o diagnóstico, tratamento e orientação. Até o próprio nome *autismo* surgiu de Bleuler, contemporâneo de Freud que, tratando casos de psicose, denominou “autismo” como uma categoria da psicose, influenciado pelo termo freudiano *autoerotismo*, retirando o radical *eros* do interior da palavra, por perceber que aquelas pessoas estavam voltadas a si mesmas, porém sem o desejo.

Mas os psicanalistas pioneiros que se debruçaram sobre o tema, trazendo grandes revelações e descobertas profícuas sobre o autismo foram Rosine Lefort e Robert Lefort (2017). A partir de diversos estudos e análises clínicas, esses pesquisadores estudaram o autismo e passaram a tratá-lo como uma estrutura própria de sujeito com suas especificidades, retirando a nomenclatura *autismo* de uma forma redutora e patológica e apresentando as grandes potências dessa estrutura, expondo, igualmente, onde se localiza o sofrimento desse ser.

Os próprios autores vão explicar que o termo autismo, surge a partir de Bleuler, como um termo que diferencia e especifica determinados sintomas da esquizofrenia. O sintoma

autista seria quando o sujeito, dividido em si – *spautung* –²⁶ fecha-se e predomina em sua vida uma relação voltada apenas a seu mundo interior. Diferentemente da esquizofrenia, em que os “*sintomas autísticos*” apareciam por volta dos 2 ou 3 anos de idade, e esse quadro vai apresentando evoluções ao longo da vida – podendo inclusive desencadear algum delírio – o autismo aparece, de forma evidente ou sutil desde o nascimento (LEFORT, 2017), sem sinal de evolução ou delírio ao longo de sua vida, “*o autista não delira*” (LEFORT, 2017, p. 50).

A primeira pessoa a separar o autismo da esquizofrenia foi Kanner, a partir de longínquos estudos, segundo os quais especificou diversas características que o sujeito autista teria e que traria distinções ao quadro clínico. Kanner, como um psiquiatra organicista, apontou essas características autísticas em seu texto, clássico em matéria desse tema “*Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*” (1943), que valem nossa atenção, sendo elas: (1) a inaptidão em estabelecer relações normais com crianças e adultos; (2) uma solidão autística particular que o faz ignorar a vida exterior a si e traz uma impressão de autossuficiência, pois “*A criança autista não chama, de forma tal que o grito não chega a representar demanda [...] Tudo se passa como se o outro diante dele não existisse.*” (LEFORT, 2017, p. 42)

Outra característica é o que esse pesquisador nomeia de *sameness*: (3) um sintoma de imutabilidade, que nos leva a perceber que os objetos em torno do sujeito autista tomam tal importância que a menor mudança em sua repartição é rapidamente percebida e desencadeia uma demanda imperativa de restauração da peça faltante, o que os Lefort colocam como uma “[...] *analogia e preservação do real contra a destruição que anima o sujeito.*” (LEFORT, 2017, p. 43).

O sujeito autista normalmente aparenta possuir também (4) uma boa destreza em atividades manuais, apesar de não tolerar orientações, distrações ou intrusão, o que pode acarretar outra característica notável do autismo que consiste em (5) suas explosões de violência. Essas explosões podem ser desencadeadas por diferentes fatores, normalmente provindo de percepções do exterior e que são “[...] *explosões de violência destrutiva, dirigidas ao mundo exterior, objetos ou outros (adultos ou crianças) e, mesmo, dirigidos a si próprio em crises autodestrutivas de automutilação ou epileptiformes.*” (LEFORT, 2017, p. 43)

A respeito de sua comunicação e linguagem (6), as observações de Kanner são mais incisivas e foi o que verdadeiramente permitiu marcar a distinção do autismo diante da esquizofrenia (LEFORT, 2017). Quanto à aquisição da fala e os progressos da linguagem do

²⁶ “A entrada na esquizofrenia comporta essencialmente uma *Spautung*, isto é, uma dissociação entre o mundo interior e o mundo exterior com predominância do mundo interior.” (LEFORT, 2017, p. 50)

autista, esses são variados – ele pode permanecer mudo, seu processo pode ser lento ou de rapidíssima aquisição – o que é imprevisível, como também é “[...] *imprevisível o sentido que ele vai dar ao que aprendeu.*” (LEFORT, 2017, p. 44). Quanto a sua fala, é comum perceber fenômenos de *ecolalia* – repetição daquilo que lhe é falado para responder por sua fala – falar e responder à demanda externa sob uma forma ritualizada ou condensada, e também confusão dos pronomes, em que o “você” pode advir no lugar de “eu”. (LEFORT, 2017, p. 43).

Outra característica marcante a respeito da linguagem e da fala do sujeito autista são palavras ausentes de simbolização, no plano concreto. As palavras de que se utiliza trazem um sentido estritamente específico da sua realidade, na qual se exige repetir, “[...] *fazendo do significante um índice dessa realidade*” (LEFORT, 2017, p. 44). Apesar desse fato, o registro da memória do sujeito autista é extraordinário, sem falhas de palavras ou imagem, podendo ser capazes de decorar “[...] *antes dos dois anos, os Salmos, o catecismo inteiro, ou algum outro saber [...] reconhecer obras musicais complexas, sinfonias ou concertos.*” (LEFORT, 2017, p. 44).

No entanto, a chave para entendermos por que esses sintomas aparecem ao sujeito autista e qual caminho percorre para que assim se estabeleça em suas diferentes variantes, são mais bem compreendidas, se olharmos o autismo a partir de sua constituição psíquica própria.

4.4.1 Ou autismo ou psicose: A relação das estruturas com o Outro

Se o autismo, muitas das vezes, pode ser confundido como uma psicose, é porque existem algumas proximidades. E tanto suas proximidades quanto diferenciações estão elucidadas a partir de sua estrutura.

O termo estrutura é o que Lacan, ao trazer a Psicanálise para um âmbito mais científico-metodológico, se utiliza para localizar os sujeitos, apesar de suas inúmeras diferenças e subjetividades, em quadros clínicos que possuem como denominadores comuns sua lógica de funcionamento psíquico e, conseqüentemente, seu atravessamento no campo significante, como “[...] *a folha em que se poderá ver um certo detalhe do modo como as nervuras se imbricam e se inserem – há alguma coisa de comum a toda planta que se reproduz sob certas formas que compõem sua totalidade.*” (LACAN, 1955/1988, p. 29):

[...] ela [essa estrutura] implica certo número de coordenadas, a própria noção de coordenada dela faz parte. A estrutura é, em primeiro lugar, um grupo de elementos formando um conjunto covariante. Eu disse *conjunto*, e não, uma *totalidade*. [...] A estrutura se estabelece sempre pela referência de algo que é coerente com algo diverso, que lhe é complementar. (LACAN, 1956/1988, p. 214-215).

Quando elabora sua primeira teorização a respeito das psicoses em seu Seminário 3, “As psicoses”, Lacan (1955-1956/1988), destaca que, diferentemente da estrutura neurótica na qual o pensamento está inserido a uma cadeia de significantes orientada por um Outro que lhe permitirá habitar a linguagem e percorrer, durante sua trajetória de vida, em busca de seus objetos de desejo a estrutura psicótica, apontada como uma estrutura psíquica, na qual o sujeito não se aliena à cadeia significativa e ao Outro como tal, ou seja, sua forma de apreender o mundo externo e suas relações humanas se mantém numa relação de exterioridade e imitação, um “como se...” (idem).

A instância do Outro, dentro do desenvolvimento proposto pela teoria lacaniana, se formula como um lugar em que se instaura o campo significativo daquele ser e pelo qual esse se incorpora nas diferentes significações durante o percurso de sua história de vida, por onde o sujeito busca seu reconhecimento e a referenciação de sua experiência, os quais são manifestados por meio do discurso do sujeito falante, por meio do uso de seus significantes, de sua ordem e de seus receptores (LACAN, 1956/1988, p. 92), o Outro é o fiador da linguagem – e a submete a toda a sua dialética no sujeito (LACAN, 1958/1999, p. 152).

O Outro é uma instância fundada primordialmente pelo agente da função materna, a partir de seus cuidados e de uma marca que esse funda, revelando um interesse e um desejo particularizável sob o pequeno sujeito, o bebê (LACAN, 1969/2003, p. 369). É esse desejo de traço particular do agente materno sobre a criança que fundará a marca do Outro e fundará um lugar – a causa *do desejo* – daquele sujeito ao Outro, reaparecendo e orientando o desejo do sujeito *para além* da demanda.²⁷

Para que haja esse campo do desejo, num momento quando o sujeito supostamente bebê está lidando apenas com materiais significantes, é necessário que ele eleja um entre todos para fundar esse campo e sofra um apagamento, um *censuramento* no simbólico. Esse significante produzirá uma marca, a marca de gozo desse sujeito e, depois, se apagará. E, a

²⁷ É necessário aqui fazer a diferenciação de demanda e desejo em Lacan, pois, apesar de se diferenciar da satisfação das necessidades, essa se situa aquém das necessidades por estar numa relação com o Outro e se desenhar como um “privilegio do Outro”, provando a esse seu amor (LACAN, 1998, p. 698). “*O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (spaltung).*” (LACAN, 1998, p. 698).

partir desse apagamento surgirá o furo e o pequeno sujeito orientado pelo seu desejo se encarregará de, futuramente, produzir linguagem.

O que acontece na estrutura psicótica é que, posteriormente acessa inscrição do S_1 , existe uma falha na instauração dele no campo do Outro. Essa falha produz uma relação de exterioridade com o significante que coloca o discurso interior em um âmbito, sobretudo imaginário – alguém que se relacionará com a vida e o mundo sem a necessidade de alcançar um *além* de si com seus consequentes desejos e emoções, mas numa relação de imitação e identificação daquilo que é exposto.

Na psicose, a cadeia significante sofre com a falta do primeiro significante, o qual instaura sua lei de articulação e ordenação, como um significante essencial no interior do Outro, no qual o sujeito tem que suprir sua falta no imaginário e no real, o *Nome-do-Pai* (LACAN, 1958/1999, p. 153).

O *Nome-do-Pai* é um significante que surgirá a partir da função paterna no complexo de Édipo. A função paterna que diz de um pai simbólico é uma metáfora que faz um significante ocupar o lugar de outro significante, no caso, desse último, sendo o primeiro significante introduzido na simbolização, o S_1 (LACAN, 1998, p. 180). No complexo de Édipo, parte-se do que Lacan chama de pai simbólico, não precisando corresponder à figura do genitor, mas sim, a alguém que faça esse papel de um terceiro ponto que se situa entre a relação da criança com o/a agente da função materna, de modo que o sujeito deixa de depender do desejo materno.

Esse significante castra o sujeito desejanste do desejo materno, impede-o de gozar a partir do desejo materno e o faz instaurar uma lei que não apenas regula o incesto, mas engancha o aparelhamento de significantes daquele sujeito segundo certo ordenamento simbólico. Assim ocorre porque, na instância do Outro, há uma refração onde o sujeito não mais acessará seu puro desejo, há uma modificação essencial para o desejo no seu nível de transposição de significante a significado (LACAN, 1998, p. 155), feita a partir desse significante do *Nome-do-Pai*. Sucintamente, o significante se desencadeará no Outro a partir do *Nome-do-Pai*, a lei que barra o acesso ao gozo e faz rodar, a partir do Outro, a cadeia significante (LACAN, 1998).

Na psicose, falta a lei, a articulação ordenada do significante, pela ausência do *Nome-do-Pai* e é isso que o/a psicótico/a se encarregará de suprir,

[...] ele [*Nome-do-Pai*] é, no interior do Outro, um significante essencial, em torno do qual procurei centrá-los no que acontece na psicose – a saber, que o

sujeito tem de suprir a falta desse significante que é o *Nome-do-Pai*. Tudo o que chamei de reação em cadeia, ou de debandada, que se produz na psicose ordena-se em torno disso. (LACAN, 1998, p. 153)

O detalhe está em que, apesar de existir uma falha na relação e na simbolização do Outro pela função paterna, o Outro está presente de alguma forma, o que falha é o discurso desse dentro da rede significante (LEFORT, 2017, p. 54). E, mesmo assim, o sujeito numa estrutura psicótica se encarrega de salvar o Outro e quem goza em suas satisfações pulsionais é a instância mesma do Outro (LEFORT, 2017).

Para o psicótico, se o Outro não foi afetado por uma falta significante, ele fica afetado por um furo que orienta então o vetor da demanda sempre no mesmo sentido, isto é, do Outro em direção ao sujeito. [...] Se, na psicose, há ausência de significante, o sujeito psicótico não deixa de estar confrontado a um Outro, embora real, e à mediatização do objeto ainda que real também.

(LEFORT, 2017, p. 52)

No caso do autismo, a questão central consiste na completa ausência do Outro. Para o sujeito autista, o lugar do Outro não é visado nem resguardado, ele não existe como tal.

Rosine e Robert Lefort vão percebendo por meio de várias análises que, no autismo, o Outro está num real absoluto, não furado, a quem nada falta (LEFORT, 2017). Essa realocação do Outro – que deveria consistir como por essência no plano simbólico – ao plano opaco do real faz com que o sujeito se perceba diante de um cenário extremamente ameaçador, em que nada lhe pertence ou reserva a ele um lugar.

A partir dessa ausência, inúmeras consequências topológicas são percebidas. Como não há Outro, não podemos falar de *objeto a* (LEFORT, 2017, p. 15), já que o Outro não é o portador desse objeto e não pode promover sua alteridade de sujeito a partir dele. Dessa forma, o sujeito autista resta como o próprio objeto (LEFORT, 2017, p. 36), assim como as demais pessoas que estão em relação com ele: é sempre uma relação de objeto, na qual ele pode ser atravessado, mas nada o penetra.

Se o Outro se encontra num plano real, a palavra proferida e o afeto materno, ou de um adulto que poderia ocupar o lugar dessa instância psíquica, não o representa e se torna intrusiva, causando-lhe horror justamente pela impossibilidade de gozar o gozo do Outro e, assim, a própria afetividade lhe faz horror (LEFORT, 2017, p. 57). Diante da análise de uma

mulher adulta autista²⁸ que profere “*Graças a Deus, minha mãe foi uma mãe má!*”, os autores pontuaram que ali reside a pedra angular do autismo: “*O sujeito apenas pode funcionar com suas capacidades intelectuais próprias, desde que esteja separado de sua afetividade.*” (LEFORT, 2017, p. 67).

Por outro lado, se o Outro está num real absoluto, não furado, está também implicado a impossibilidade da alienação significativa (LEFORT, 2017, p. 27) e da orientação do sujeito na cadeia significativa ao desejo, pois não há furo o qual caberia ao pequeno sujeito preencher – assim também não há razão para enunciar nada (LEFORT, 2017, p. 30).

O atraso da linguagem tem a ver com o que o Outro oferece como lugar do significante. Se não há o Outro, a alienação significativa simbólica – que promove o S¹ necessário para fazer rodar o sistema significativo e adentrar na linguagem – não pode operar (LEFORT, 2017, p. 56). “[...] *O Outro constitui um lugar para a criança, o pequeno sujeito, lugar do significante, da palavra, do objeto do qual esse sujeito se faz portador, em suma, o lugar da dialética da linguagem.*” (LEFORT, 2017, p. 169).

O material significativo para o autista se confunde no real, se torna objeto real – propiciando muito mais a metonímia – uma vez que nenhuma parte do todo pode ser isolada – pela falta de inscrição do significante no Outro (LEFORT, 2017, p. 31)

Se o significante está presente, não é no deslizamento da cadeia significativa, é em continuidade com o real. O autista convoca o real para portar seu significante (LEFORT, 2017, p. 111) e o real não garante a função de mortificação, segundo a qual a dimensão mesma da sexuação poderia tomar lugar, corpo e, muito menos, afeto.

Na estrutura autística, o significante não se torna corpo e, desse modo, não produz afeto: o afeto é o efeito corporal do significante que, se falta, deixa o sujeito autista estritamente submetido à lógica do significante, não sem picos espantosos, cujas respostas é preciso trazer das ciências ou das matemáticas, aquelas do saber no real. (LEFORT, 2017, p. 84)

De mesma forma, lhe é impossível encontrar seu significante unário – o primeiro significante de todos que o representariam e que poderiam retirar algo do real e torná-lo capaz de simbolização, assim petrificando-o em um gozo intolerável (LEFORT, 2017, p. 26).

Como o autista não é um sujeito dividido e não se apresenta por um S¹, gera uma “[...] *ausência correlativa de um resto, o a*” (LEFORT, 2017, p. 61). Em suma, o autista é

²⁸ LEFORT, Rosine e Robert. Donna Williams: O gozo iminente do outro. *In: A distinção do Autismo*. 1ª. ed. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017. cap. Capítulo V, p. 63-67.

constantemente enviado para o real das sensações sem relação com o Outro pelo *objeto a*, um pedaço de real sem amarração significante e realidade – encontro de pedaços do real e do gozo, que lhe traz horror – e sem desejo.

O significante, sem a lei, aquela do pai, só reenvia à realidade muda da Coisa. O Outro materno está aí mais do que perdido: apagado. Nenhuma demanda pode mais ser endereçada a esse Outro, que não está mais aí, e que normalmente veicula o objeto perdido, as fontes da pulsão $S \rightarrow D$.
(LEFORT, 2017, p. 152)

Seu corpo é despedaçado, não há furo em si nem no Outro, igualmente não há objeto e, portanto, não há lugar de sujeito (LEFORT, 2017, p. 78). Então, o que opera é um *supereu* precoce que pode ser devastador, na medida em que é a construção de um significante do sujeito totalmente incompleto. Ainda, a partir da ausência do Outro e, conseqüentemente, do *objeto a*, o autista sofre em sua vida pulsional.

A estrutura da pulsão, segundo Lacan, é caracterizada por um percurso circular em que o Outro é o sujeito, que faz fechar seu curso (LEFORT, 2017, p. 15). No entanto, quando há ausência do retorno, de sua fonte e de seu alvo, o que resta é uma pressão de violência constante, e o objeto, que deveria responder ao objeto pulsional, deslocando o sujeito ao seu desejo, aparece no real – um real intolerável que gera necessidade de destruição pela ameaça que provoca (LEFORT, 2017, p. 15).

No início da vida, a criança começaria a partir da pulsão escópica (o olhar) e se entenderia como sujeito corporizado pelo Outro em busca de seu objeto, para evitar o temor da castração. Percebe-se, entretanto, no caso da criança autista, que esse olhar é, geralmente, morto, um olhar congelado e vazio (LEFORT, 2017, p. 20), pois não existe esse objeto pulsional e a metaforização desse para que represente a si. A alienação também aparece em falta no autismo.

Como não há alienação e separação, nem significante unário – o S_1 –, não se pode pressupor uma consolidação de um *eu*. O *eu*, para Lacan, é uma instância que vai sendo constituído a partir da projeção especular – que pressupõe o campo simbólico, mas primordialmente imaginário –, em que, a partir do campo escópico, o sujeito se direciona ao Outro e assimila para si aquilo que ao Outro lhe faltaria, o *objeto a*. Esse processo do ‘assimilar para si’ vem da alienação do sujeito ao Outro a partir do significante, no qual posteriormente o processo de separação lhe fará um sujeito dividido e formará aquilo que lhe convirá entender-se como seu *eu*.

Essa alienação nos coloca no plano do pequeno outro (LACAN, 1955/1988, p. 55), com o minúsculo lugar a que chamamos de *eu*. “*O eu é, desde já e por si mesmo, um outro, que ele se instaura numa dualidade interna ao sujeito*” (LACAN, 1956/1988, p. 114). É o que esse psicanalista matematiza, no estágio do espelho, como $i(a) \rightarrow i'(a)$. O ‘i’ como imagem que busca ter esse (a) do objeto, projetando-se na imagem virtual, é representado pelo apóstrofo (lê-se linha). O virtual, no caso representa a simbolização do sujeito a algo que não está presente no real, a partir de sua alienação ao Outro.

O imaginário em jogo na imagem virtual do corpo, no encontro com o espelho, é substituído aqui pela identidade com o real [...] No autista, portanto, não há essa parte não especularizável, que só tem existência lógica no encontro com o espelho e que Lacan designou com uma letra *o* (*a*).
(LEFORT, 2017, p. 75)

Sem o grande Outro, sem o pequeno outro e sem especular, o que advém para esse sujeito suportar-se como algo que lhe remeteria a um *eu*, a uma identificação e a um corpo não-despedaçado é o conceito de duplo, um imaginário no real, o duplo como espelho no real (LEFORT, 2017, p. 113). A ideia do *eu* virá do real do duplo, que dará corpo para o autista. Ao invés de existir um lugar simbólico de alienação onde poderá surgir uma imagem virtual – algo de uma alucinação que se transporia em fascinação e, então, objeto de desejo (LEFORT, 2017, p. 28) – a imagem que o autista tem de si, *i* (*a*), se repete no real, em outro objeto, sendo a fórmula no caso: $i(a) \rightarrow i(a)$; sem alucinação nem tão pouco objeto de desejo.

No duplo, o autista se encontra em seu semelhante, permite um espaço em que ele pode ausentar-se em si mesmo e fazer-se presente nesse outro lugar do real. Esse duplo pode ser um objeto comum, em que é comumente percebido por colar esse objeto sobre a superfície de seu olho (LEFORT, 2017, p. 15), sem necessariamente vê-lo, se trata de uma colagem e de um olhar transpassado. De mesma forma, é possível também que esse duplo ocorra em pessoas que, como não estão no lugar do outro (do pequeno outro) pela ausência dessa instância, estão também postas numa relação de objeto. No entanto, quando as pessoas tomam para si “[...] e o lugar do duplo no real, no espaço e na função de sua imagem especular, isto é, de um outro na iminência de seu gozo.” (LEFORT, 2017, p. 77), se constitui, no entanto, um problema da ordem do horror, horror do gozo do outro, ameaçador de sua vida. “[...] A ausência de identificação ao semelhante é suficiente para dar conta desse traço essencial da estrutura autística. Lá, ainda, a ausência de imagem especular virtual torna o gozo do outro iminente.” (LEFORT, 2017, p. 77).

O que esse duplo vem a ocupar é o lugar do significante unário como material real. Esse significante que é impossibilitado de deslizar na cadeia simbólica e produzir um sujeito a partir disso pela falta de inscrição no Outro, repete-se no plano do real sem perspectiva de se tornar material significante e em risco de destruição (LEFORT, 2017, p. 91).

O risco de destruição de si, como a destruição em si, diz da falta de lugar da montagem pulsional em que “*o real toma-lhe o lugar*” (LEFORT, 2017, p. 28). Para o autista, a pulsão que seria $S \rightarrow D$, onde o sujeito se serviria de um objeto para gozar de seu desejo, “[...] *ainda que possa haver gozo, é de destruição que se trata; na ausência de qualquer objeto, resta em jogo apenas a pulsão de morte, única pulsão fundamental que, sem a imagem narcísica, exclui o amor; mas não, o gozo.*” (LEFORT, 2017, p. 54).

No autismo, é da pulsão de morte que se trata. Relembremos que, para Freud, a pulsão de morte surge em determinado momento de sua descoberta, como o impulso psíquico de destruição, uma busca psíquica de reconduzir o sujeito, vivo, ao estado inanimado, “[...] *restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida*” (FREUD, 1923/2011, p. 37). Uma pulsão “*essencialmente muda*” (FREUD, 1923/2011) que, nos casos de neurose, estaria atuando em todas as instâncias psíquicas de maneira inofensiva e desviadas para fora como agressão (FREUD, 1923/2011, p. 52)

Devido à ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar o instinto de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio de um órgão especial. Esse órgão seria a musculatura, e o instinto de morte se manifestaria então – mas provavelmente só em parte – como instinto de destruição voltado para o mundo externo e outras formas de vida.

(FREUD, 1923/2011, p. 38)

Para Freud, trata-se de uma pulsão não identificável, de uma potência motora destrutiva. Apesar de, para Lacan, toda pulsão ser uma pulsão de morte. O que Rosine e Robert Lefort tentam contornar é que, para o autista que não possui o Outro, para que o circuito da pulsão se feche e satisfaça o gozo daquele sujeito, resta particularmente ao autista uma predominância do muscular que exalta apenas um caráter destrutivo, buscando fazer um buraco naquilo que aparece como real absoluto, sem nenhum lugar para o pequeno sujeito que o interroga (LEFORT, 2017, p. 15).

No autismo, existe um gozo forçosamente masoquista (LEFORT, 2017, p. 163), seja pela violência física que o autista vivifica, ou pela palavra que profere. Muitos relatos de crianças autistas, sobretudo, trazem a questão do grito como um dos meios de liberar-se das

tensões internas. É parte também do significante no real, o da “letra” sem texto, materializar a pulsão de morte, pois estão sempre ameaçados de destruição (LEFORT, 2017, p. 85), a palavra no real é a portadora da morte da Coisa.

[...] o perigo mais agudo é a iminência de seu gozo e a necessidade de matar nele essa parte que a linguagem não eliminou [...]. Essa necessidade é a fonte da exaltação pulsional do autista, da destruição/autodestruição como satisfação-gozo da única pulsão, a pulsão de morte. (LEFORT, 2017, p. 170)

Assim, é latente e perceptível a base da relação autista com o mundo exterior em uma dominante de destruição/autodestruição “[...] *o mundo deve ser destruído ou o destrói*” (LEFORT, 2017, p. 15). Essa destruição do outro e sua autodestruição passa pela imagem especular do sujeito no real (LEFORT, 2017, p. 89) que, pela ausência da identificação ao pequeno outro, é sempre uma relação com objetos pela destruição, uma violência destrutiva (LEFORT, 2017, p. 56). Para o autista colado ao mundo real, sem furos e completamente estrangeiro, traz uma ameaça de intrusão intolerável.

4.4.2 A batalha do autismo na Psicanálise contemporânea

Com séria orientação da Prof^a e Dr^a Leny Magalhães Mrech que debruça-se profundamente sobre a questão do autismo na contemporaneidade, este trabalho encaminha-se para o tema a partir do impacto da suplementariedade do Real, do *gozo*, do *Um* e de *lalíngua* (MRECH, 2022) que permite uma maior apreensão dos sintomas autísticos e possibilidades de elaboração.

“A batalha do autismo” (2014) foi o título dado por Eric Laurent em seu longo e minucioso trabalho em que tece as particularidades psíquicas do sujeito autista dentro da abordagem psicanalítica, a partir de uma extensa bibliografia de outros psicanalistas, bem como, de psiquiatras e demais profissionais da saúde, além de autobiografias de pessoas autistas.

O autismo, quando de sua descoberta, a partir de Kanner e Asperger, fora sempre um ponto de atenção a respeito de raras crianças com comportamentos disruptivos e autísticos, tanto que, por muito tempo, foi confundido com as esquizofrenias infantis. No entanto, a partir da década de 1970, os números foram crescendo de maneira exponencial, de forma a reposicionar todo o olhar psiquiátrico para esse quadro que traz “[...] *um novo paradigma do sofrimento psíquico*” (LAURENT, 2014a), buscando incansavelmente respostas, tratamentos e/ou curas.

A identificação e o diagnóstico participam de polêmicos debates e sua causa alimenta disputas e desacordos no que tange ao desencadeamento do autismo. A busca da causa ainda está aberta e, a cada ano, novos fatores e hipóteses neurológicas, biológicas e psicológicas do autismo se somam (e se multiplicam) para tentar dar conta de responder ao que se tornou uma epidemia (LAURENT, 2014b, p. 28). No entanto, hoje já não se paralisa nessas respostas para pensar nas proposições que podem auxiliar esses sujeitos, e sim, se preocupa em entender o funcionamento psíquico desses indivíduos para “[...] *auxiliá-los a viver em nossa sociedade de maneira mais leve, seja através da cura, ou de rearranjos psíquicos que amenizam o tensionamento vivido pelo autista.*” (LAURENT, 2014b, p. 28)

A gravidez e/ou o parto difíceis, uma doença genética, um traumatismo somático podem produzir num sujeito sequelas clínicas quanto à assunção de seu corpo e/ou ao seu ‘domínio motor’ e provocar um *deixar largado*, uma impossibilidade de apelo efetivo ao Outro, levando-o às vezes à rejeição do Outro. Esses dados, incluindo os eventuais dados biológicos, fazem parte do contexto da aplicação da Psicanálise, no caso a caso. O fato de haver algo de biológico em jogo não exclui a particularidade do espaço de constituição do sujeito como ser falante. (LAURENT, 2014a, p. 33).

De fato, há uma demanda incessante por essas respostas da comunidade científica vindo das famílias de crianças autistas que sofrem por muitas vias, pela sensação de incapacidade de lidar com sua criança, com a culpa e pela responsabilidade que carregam consigo, com o desamparo e com o desgaste – questões que também trazem fatores fortemente políticos e sociais.

No entanto, conforme o autismo tornava-se uma epidemia, mais pertinente que a busca por sua causa tornou-se compreender como acontece o funcionamento psíquico desses sujeitos e como auxiliá-los, se não à cura – no caso da infância – a um deslocamento psíquico no qual esse sujeito conseguisse viver em sociedade sem tanto sofrimento.

A escolha do termo *batalha* no título de seu livro, vêm justamente para contemplar dois amplos âmbitos do sofrimento do sujeito autista: o sofrimento social, da falta de recursos e de políticas que acolham e incluam esses sujeitos e suas famílias na sociedade; e o sofrimento psíquico enfrentado pelo próprio sujeito diante do mundo – inteiramente simbolizado – e as relações sociais.

Fazendo um mapeamento histórico, os pioneiros psicanalistas a olharem para essa o autismo de forma singular foram Rosine e Robert Lefort. Rosine, que era analisada e supervisionada pelo próprio Lacan, e Robert, psiquiatra e psicanalista que coordenava uma

instituição de acolhimento de crianças com dificuldades (muitas dessas psicóticas), conseguiram trazer contornos pertinentes até a atualidade por estarem orientados pela “[...] *categoria do real no ensino de Lacan e das consequências que ela implica na prática*” (LAURENT, 2014, a p. 37) assim,

[...] mantiveram o passo que deram, à medida que a leitura nova [*de novo*], por J-A. Miller, do último ensino de Lacan, renovava as abordagens das modalidades de enodamento entre real, simbólico e imaginário. Mantiveram-no em sua concepção da Psicanálise em geral, na variação de seus comentários clínicos, sempre surpreendentes, que desmontava qualquer forma de classificação rígida. (LAURENT, 2014a, p. 38).

A partir do estudo de Rosine, intitulado “O nascimento do Outro” (1990), os Lefort puderam avançar em seus estudos na compreensão das consequências da presença do simbólico no mundo do sujeito (LAURENT, 2014a, p. 38), como também, sua ausência.

4.4.3 Significante-unário

Rosine Lefort se manteve sempre à frente do seu tempo e atualíssima em suas hipóteses por manter como o fio-condutor de sua teoria e intervenções um trabalho a respeito do S_1 , *significante-sozinho* [*signifiant-tout-seul*]. Esse significante unário diz de uma palavra em seu estado nodal, carregando um caroço de real em si (LAURENT, 2014a, p. 41). A partir daí, a intervenção proposta por Lefort seria um tratamento que permitiria operar uma inversão de rumo, sair do real e seguir para a nomeação (LAURENT, 2014a, p. 42).

Pressupondo que esse S_1 carrega em si um caroço de real, dado que, ao real “*não falta nada*” (LACAN, 1975-1976/2007), esse significante sozinho está marcando o corpo na ausência do Outro. Portanto, a possibilidade de construir uma cadeia metonímica, possibilitaria produzir um furo nesse real no qual o sujeito poderia emitir outras palavras além dos significantes de partida (LAURENT, 2014a, p. 42). Esse significante-unário, quando oralizado, pertence sobretudo ao registro da *lalíngua*, um ruído que não cessa, independentemente de como é colocado em forma na língua (LAURENT, 2014b, p. 37).

Lacan debruça-se sobre a *lalíngua* desde seu Seminário 20 e insiste em sua pertinência até o fim de sua obra, por causa da potência de gozo que ela carrega e do significante em seu valor sonoro, de um simples balbuciar até as particulares semelhanças linguísticas, como *deux*, dois, e *d’eux*, deles, “[...] *o que caracteriza lalíngua entre todas são os equívocos que lhe são possíveis*” (LACAN, 1973/2005, p. 112).

A importância da *lalíngua* na clínica do autismo se presentifica pelo equívoco fundamental da complexidade da linguagem, sua carga de gozo e sua possibilidade de sujeição ao Outro, presentes nos significantes da *lalíngua*.

O sujeito pode começar a introduzir-se no mundo com muitos poucos significantes, muitas poucas palavras que logo se complexizam eventualmente num circuito. Porém o conjunto do banho da linguagem em que está imerso não cessa, não obstante, de zumbir todos os equívocos possíveis da *lalíngua*. O sujeito tenta reduzir os equívocos através da utilização do mesmo, a repetição do mesmo e, não obstante, esses equívocos não cessam de produzir esse ruído da *lalíngua*, que é uma estranha ‘alucinação’. É um registro alucinatório que não é igual ao da psicose. Se trata de uma introdução diferente nesse real da *lalíngua*.

(LAURENT, 2014b, p. 37)

A partir da inauguração teórica de Lacan, segundo a qual o sujeito psíquico se engancha na linguagem para constituir seu *eu* e suas conseqüentes relações no enodamento entre real, simbólico e imaginário, Laurent destaca ao leitor que, para entender a constituição do sujeito no discurso psicanalítico, é preciso retomar onde “[...] *o corpo aparece de maneira privilegiada como um corpo de significante. Significante, certamente, mas onde o real ocupa o lugar que lhe cabe a partir do objeto a e, se o sujeito aparece como um efeito de real, isso é justamente na criança.*” (LAURENT, 2014a, p. 44).

Esse real opaco latente, que aparece primeiro no *Um-corpo*, é vivido de maneira cristalizada no sujeito autista e o impede de viver seu estádio do espelho, de se entender como um pequeno outro e, conseqüentemente, de ser um *sujeito dividido na linguagem*. Nesse lugar, o autista estabelece um *duplo real* que encontra em objetos e/ou semelhantes, no qual em momentos de angústia aguda e iminência de gozo, o risco é o de advir uma...

[...] necessidade de matar nele [o duplo], essa parte que a linguagem não eliminou, para que se funde uma relação com o Outro [...]. Essa necessidade é a fonte da exaltação pulsional do autista, ou seja, da destruição/autodestruição como satisfação-gozo da única pulsão, a pulsão de morte. (LAURENT, 2014a, p. 47)

É pertinente destacar que, apesar de muitos autistas se recusarem a utilizar a linguagem, como no caso daqueles que permanecem no mutismo durante muito tempo, retomando a fala de Lacan, esses sujeitos não estão fora da linguagem, o que acontece é que, ao engancharem-se na linguagem, ela traz eminente a si, o equívoco – um equívoco fundamental da lógica do significante, no qual resiste uma falta.

As palavras não se esgotam em um sentido único e universal concreto, elas estão sempre articuladas numa cadeia significativa que toma seu fio condutor por meio da falta do Outro no sujeito que, para os sujeitos autistas, onde nada falta ao Outro, a linguagem torna-se insuportável, preferindo tapar-lhe os ouvidos para escapar-se dela. Há também inúmeros relatos de autistas que se utilizam de outras formas de comunicação que lhes são mais interessantes, por não haver esse equívoco. São elas: a escrita, a matemática, a música e a fotografia.

[...] o caráter autista dessa estrutura reside no fato de que um sujeito possa querer interpretar a língua de maneira totalmente redutível a um sistema de regras. Como se tudo na língua devesse poder ser deduzido, engendrado [...] O jogo do simbólico *real*-liza-se, então, sem equívocos possíveis.

(LAURENT, 2014a, p. 50)

4.4.4 O gozo do *Um*

Para adentrar teoricamente no campo do real no autista, embasado no último ensino de Lacan, é pertinente destacar a importância e a presença do gozo que está solidificado em seu significante unário.

A característica do *sameness*, descrita por Kanner (1943) e constatada pelos demais profissionais que se debruçam sobre o autismo, é marcada pela forte necessidade dos sujeitos autistas de que as coisas obedeçam a uma ordem absoluta, imutável, repetitiva. Essa necessidade da repetição do significante unário é consequente, segundo Laurent, de uma intensa solidificação de um gozo que se presentifica nesse significante, no qual o sujeito fica preso dentro de um circuito.

O gozo, elaborado ao longo da vida e do ensino de Jacques Lacan, é um conceito que pretende dialogar com o que Freud designou de *mais além do princípio de prazer*. O gozo é uma experiência do Um, da completude corpo-psíquico do ser antes de qualquer inscrição no Outro.

A experiência do gozo se apresenta quer como presença de Outra coisa, quer como ausência de uma instância de percepção e de representação que poderia responder a isso. Ela se inscreve numa série que inclui o êxtase, o transe, o ‘arrebato’, segundo a palavra de Marguerite Duras (DURAS, 1964; LACAN, 1965a). Seu lugar é o corpo. No êxtase, o sujeito nada pode dizer. Ele é isso, sem imagem e sem representação. (LAURENT, 2016, p. 17)²⁹

²⁹ LAURENT, E. *O avesso da biopolítica: Uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

Lacan, em seu Seminário XX, *Mais... ainda...*, dá um passo decisivo e difícil em seu ensino que trata de distinguir, no ser, o que é da ordem do Outro e o que é da ordem do Gozo, trazendo uma virada em sua Psicanálise e na clínica, ao destacar o olhar do psicanalista na modalidade de gozo de cada sujeito (LACAN, 1972-1973/1985).

Miller (2012), em seu escrito “Os seis paradigmas do gozo”, faz um panorama da trajetória do conceito de gozo em Lacan e sua acrescida de sentido em direção ao *Um*, um efeito de superposição, ao longo do seu ensino. Neste estudo, é pertinente destacar a partir do seminário *A Ética da Psicanálise*, quando Lacan passa a tratar esse termo como pertencente ao registro do real, como o gozo *impossível* (MILLER, 2012, p. 11), o teórico da Psicanálise o faz surgir a partir do termo freudiano *Das ding*.

Essa *a coisa*, diz de uma satisfação pulsional verdadeira que está fora da simbolização e que “[...] *Isso significa que tanto a ordem simbólica como a relação imaginária, isto é, toda essa montagem do grande grafo de Lacan que se dá em dois níveis é, de fato, construída contra o gozo real, para conter o gozo real.*” (MILLER, 2012, p. 12)

O gozo passa a ter um caráter absoluto e se encontra na instância do real, na qual ele instaura um espaço negativo no sujeito psíquico, um vazio que o sujeito buscará preenchê-lo sem que jamais encontre um preenchimento adequado para sua plena satisfação (MILLER, 2012, p. 13). Nesse paradigma, o gozo comporta certo horror e dilaceramento e seu acesso seria, conseqüentemente, apenas por um forçamento, no para-além do simbólico e do imaginário, assim enfatizando uma marcada disjunção do significante e do gozo (MILLER, 2012, p. 14)

Segundo Miller, é nesse terceiro tempo da “*doutrina do gozo*” de Lacan, em que se marca a oposição entre o prazer e o gozo (MILLER, 2012, p. 14), no qual o prazer daria conta de abarcar aquilo que é da ordem do bem, do significante e do semblante, fazendo uma barreira naquilo que seria da ordem do gozo, no que ele comporta do excesso e do real.

A dificuldade que Lacan enfrenta com esse novo lugar do gozo é a localização desse conceito, não simbolizável, dentro de sua lógica do inconsciente estruturado como uma linguagem, orientado pelo Outro. Se gozo e significante são disjuntos, onde localizar a manifestação de gozo na estrutura do inconsciente? É a partir do Seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, que Lacan passa a forjar uma estreita articulação entre significante e o gozo para dar conta de responder à questão através do mecanismo de alienação e separação, no qual o resultado do processo de alienação simbólica, implicaria

necessariamente uma resposta de separação, resposta essa correspondente ao gozo (MILLER, 2012, p. 18).

Essa resposta nos apresenta um gozo fragmentado em objetos pequenos *a* (MILLER, 2012, p. 17). No lugar do significante do gozo qualificado como *grande phi*, anteriormente refletido, ele introduz o *pequeno a*: um elemento de gozo que não responde à lei significante, mas se apresenta como um elemento inscrito na ordem simbólica. Seu diferencial diante de um significante que obedece a ordem simbólica reside no fato de ser uma substância de gozo, respondendo como objeto, e não, como significante (MILLER, 2012, p. 23).

Os quatro discursos, no seque ensino de Lacan, requalificam uma nova posição que o gozo toma diante do sujeito em seu discurso. O significante é valorizado, representando também um gozo para o sujeito, daí sua repetição, uma repetição e um retorno de gozo que, no entanto, ocorre porque, ao representar o gozo como significante, o significante o faz faltar (MILLER, 2012, p. 24).

“O significante representa um sujeito para um outro significante” é uma relação que resume a alienação simbólica, mas os discursos de Lacan introduzem, de algum modo, que o significante representa um gozo para um outro significante. Lacan não fornece essa fórmula porque ela faria confusão com a primeira, ou porque ela radicaliza a sua lógica. Ao representar o gozo, o significante que representa o sujeito o faz faltar também, uma vez que o sujeito permanece ao lado, como conjunto vazio. (MILLER, 2012, p. 24)

Nesse momento, Lacan dá conta de solucionar o impasse outrora vivido entre a articulação significante, inconsciente e gozo ao inscrever esse último entrelaçado primordialmente ao corpo. “*O ponto de inserção do aparelho significante é o gozo*” (LACAN, 2017 *apud* MILLER, 2012, p. 30) é a frase célebre que traça essa articulação – o ser prévio ao funcionamento de um sistema significante é um ser de gozo, um corpo afetado de gozo (MILLER, 2012, p. 30)

Quando o ser passa a ser um sujeito, inscrito na ordem simbólica e na cadeia significante, então tratará de se haver com esse gozo como objeto perdido, no qual Miller destaca uma “*equivalência entre o sujeito e o gozo*” (MILLER, 2012, p. 30). Por isso, se consegue pensar que o que se veicula na cadeia significante trata do gozo.

O que era antes qualificado para o gozo como produção de um vazio, aparece agora como um efeito do significante e, nessa perda significante de gozo, nessa falta acima citada, é onde Lacan introduz o *objeto a* que faria suplemento ao gozo, agora como *mais-gozar* (MILLER, 2012, p. 31). O *objeto a* colocado como *mais-gozar*, passa por um acréscimo de

ser “[...] *aquilo que preenche sem jamais preencher exatamente o desperdício de gozo, o que, mesmo promovendo o gozar, mantém a falta-de-gozar.*” (MILLER, 2012, p. 36), mas amplia a lista de objetos para além dos objetos de corpo e se estende a todos os objetos da indústria, da cultura, o que pode vir a preencher esse vazio deixado pelo gozo. O que “[...] *pulula na sociedade para causar nosso desejo e tamponar a falta de gozo, mas apenas por um instante, pois a repetição não se detém.*” (MILLER, 2012, p. 36).

Acerca do *objeto a* Laurent (2014b) faz uma pertinente observação de que esse é um dos motivos para que a via do autismo mostre o continuum da clínica proposto por Lacan como um verdadeiro aparato, um objeto animado de funções que possibilita a amarração de um circuito pulsional (LAURENT, 2014b, p. 33).

A partir do Seminário XX *...Mais... Ainda*, Miller localiza a solidificação do conceito de gozo no fim do ensino de Lacan, quando o psicanalista volta seu olhar para o sujeito além do que concerne à ordem do simbólico, à linguagem e ao Outro. A linguagem, em seu último ensino perde seu conceito de originalidade, pois, ao retomar o sujeito em seu *um*, o ser primeiro à linguagem, ele percebe que há uma fala precedente ao “[...] *ordenamento gramatical e lexicográfico*” da cultura, o qual Lacan denomina a *lalíngua*. Esse conceito fundamental concerne à fala do sujeito como gozo, disjunta³⁰ a estrutura da linguagem (MILLER, 2012, p. 38).

Essa disjunção se realiza fundamentalmente entre o gozo e o Outro – é a retomada própria do conceito freudiano *Das Ding*. No último ensino de Lacan, é a partir do gozo que se analisa no sujeito. Miller enfatiza que o ponto dessa perspectiva é que antes de toda a relação, há gozo, “[...] *há gozo enquanto propriedade do corpo vivo*” (MILLER, 2012, p. 42), um gozo unário, que acentua o *Um*. “[...] *O ponto de partida do gozo nos conduz a Um-totalmente-só, separado do Outro*” (MILLER, 2012), no qual, levando ao limite da estrutura simbólica pautada por Lacan onde se perguntariam se há um Outro do Outro, Lacan enfatiza que esse seria o *Um*, “[...] *é o Outro que aparece como Outro do Um*” (MILLER, 2012, p. 43). Esse *Um* carregado de gozo e *Em-corpo*: “É o corpo que está ali em questão muito mais do que a repetição abordada em seu *Avesso da Psicanálise*, nas núpcias do gozo e do saber.” (MILLER, 2012, p. 43).

O gozo, como material desse *Um* que precede ao sujeito submetido à ordem simbólica, é o gozo do corpo próprio. E, a partir daí, Lacan elenca as diferentes modalidades

³⁰ O termo disjunção carrega em si a ideia de duas coisas que não se conectam, que sua intersecção promove um vazio, a partir de onde Lacan consegue “*levar as indicações do paradigma 5 a seu termo*” (MILLER, 2012, p. 37), vazio esse que outras questões tentam preencher, fazendo suplência, mas nunca preenchendo satisfatoriamente.

de gozo em seus últimos seminários – o gozo do corpo, o gozo fálico, o gozo da fala, o gozo sublimatório – no qual, essencialmente, estão todos disjuntos do Outro, deixam de dirigir-se ao Outro, pertencendo, portanto, ao registro do real, fundamentalmente assexuado (MILLER, 2012, p. 46).

Com essa trajetória das diferentes superposições que o gozo comporta na clínica lacaniana, diante do sujeito autista que não está enlaçado ao Outro, a clínica do último ensino de Lacan percebe o autista amarrado nesse gozo do *um*. O sujeito autista sente uma excitação de ordem incessante por onde busca meios de se livrar de um *cheio-demais* de excitação, de um objeto impossível de ceder (LAURENT, 2014a, p. 57), como se se tratasse de esvaziar o corpo dessa excitação opaca.

Diante desse gozo mortificante, Laurent propõe – através do que nominou a “clínica da repetição pura do s1” ou a “clínica do circuito” – como saída de intervenção clínica, para que se produza um sujeito. O psicanalista, ao reconhecer o circuito em que o sujeito autista está envolvido, produz uma quebra que abala o mundo desse.

O sujeito consegue tirar esse traumatismo que a língua é, tanto mediante momentos de produção de um saber sobre a linguagem em seu conjunto e sobre as regras do discurso como laço social, quanto mediante momentos de estupor, de pura ausência real. Em ambos os casos, ou nessas duas vertentes, podemos falar da produção *do sujeito*. Por isso determinado autista pode falar de um ‘*momento de esvaziamento*’. É uma pura ausência real que pode indexar o surgimento de uma *função ‘sujeito’* em meio a uma hiper agitação, a urros, ou então nessas prisões domiciliares em significantes-mestres real-lizados.

(LAURENT, 2014a, p. 51)

Nesse caso, ainda com os Lefort, o agente que possibilitaria a construção de uma cadeia significativa para dar caminhos a essa falta e o excesso de gozo solidificado no S_1 , dado que o autista está primeiramente fechado em si mesmo, sem qualquer desejo de construção de relação com outras pessoas. O objeto *a* entra em jogo em sua importância de permitir uma via por onde construir um circuito pulsional junto a esses sujeitos, é o objeto e a relação que o sujeito estabelecerá com seu objeto que abre caminho para que os autistas estabeleçam uma relação com o mundo e com a linguagem.

4.4.5 A relação autista e o objeto

A relação do autista com seus objetos privilegiados é sempre um ponto de atenção na clínica, apesar de serem diferentes formas de relações que esses sujeitos podem estabelecer

com eles. De toda forma, a relação com o objeto é de importante atenção, porque trata de uma escolha erotizada e “[...] *demonstra forte presença na relação dos sujeitos autistas com o mundo, como o objeto psicanalítico enquanto tal.*” (LAURENT, 2014b, p. 29), pois a eleição do objeto com o qual o sujeito autista se relacionará e, por vezes, se acoplará, está numa relação com seu corpo. “*Trata-se de uma tentativa de se situar em relação a esse objeto – ao qual se cola e também se rejeita. Esse objeto é essencial, ele é inseparável do sujeito.*” (LAURENT, 2014a, p. 52)

Maleval (2014) traz considerações sobre o manejo desse objeto que, para os sujeitos, está inicialmente posto no plano do real e, dessa forma, sua convocação pelo sujeito não trata de representações, mas de sua completude material (MALEVAL, 2014, p. 49). Esse, que se torna um objeto de gozo fora do corpo, se torna como um órgão para aquele sujeito.

Como órgão, esse objeto não terá outras funções além das que a criança vier a inventar. Essas invenções lhe permitirão ligar esse órgão suplementar a seu corpo. As diferentes construções produzidas pelas crianças autistas nos indicam a função de um órgão suplementar que a criança tenta, à custa de sua vida, se for preciso, extrair ou introduzir como órgão que conviria à linguagem no seu corpo. (LAURENT, 2014a, p. 52)

Laurent, chama atenção dos objetos que fazem borda com o corpo, como sapatos e luvas por exemplo, que podem ser lidos como uma espécie de pele de seu corpo, uma *armadura*, em que outros objetos mais complexos, como um super-herói, também respondem à mesma lógica estrutura.

Os autistas se colam a diferentes peles e seus descolamentos são variados, mas quando a criança se prende a um objeto específico e isola-o por sua singularidade, esse objeto passa a se tornar exteriormente uma montagem de seu próprio corpo (LAURENT, 2014a, p. 53). Todavia, existem objetos do corpo, de nosso circuito pulsional que merecem certo destaque. “[...] *Na fonte do autismo, se encontra uma retenção dos objetos pulsionais, que suscitam uma perturbação da comunicação, pois sua cessão está no fundamento da entrada na relação com o Outro.*” (MALEVAL, 2018, p. 7)

Laurent também especifica os distintos caminhos e tratamentos como os objetos orais, anais, da voz e escópicos são tomados pelos orifícios corporais (TENDLARZ, 2014, p. 100), os quais, no caso, não estão constituídos como furos ou bordas pulsionais.

É importante salientar desde já que, na clínica atualíssima de Lacan, a topologia do autismo é percebida com uma não constituição de borda, a qual nos referiremos com maior

profundidade no desenvolver deste trabalho, e essa não constituição da borda está amparada pela não-relação do Outro.

Neste sentido, os objetos anal e oral, a partir da não relação ao Outro, são objetos sem forma, que precisam ser, por vezes, extraídos como estranhos ao corpo, ou reincorporados, pois sua perda pode ser entendida como mutiladora (TENDLARZ, 2014, p. 100). De mesma forma, em relação ao objeto voz e escópico, são objetos que podem ter valor altamente intrusivo do Outro real, no qual é comum observar crianças autistas tapando olhos e ouvidos alternadamente diante de uma demanda de fala, ou um som desestabilizador (TENDLARZ, 2014, p. 100).

Silvia Elena Tendlarz (2014), em seu capítulo presente no livro *Estudios sobre el autismo*, enfatiza o trabalho de Maleval ao distinguir o início da entrada do sujeito numa estrutura psicótica ou no autismo, no qual, falando de autismos, cujos sintomas aparecem posteriormente ao nascimento da criança, normalmente relacionados a algum evento ou acidente traumático na primeira infância, assim explica: “*Jean Claude Maleval sublinha que o desaparecimento das condutas dirigidas ao Outro, provavelmente estejam ligadas a um momento decisivo na aquisição da linguagem. Nesse momento, se joga a insondável decisão de ser.*” (TENDLARZ, 2014, p. 94).

Nessa mesma linha da relação do autismo com a linguagem, na relação com o Outro, Laurent também enfatiza os estudos de Maleval, em que se organiza a clínica do autismo a partir do lugar do objeto voz (LAURENT, 2014a, p. 53). Esse *objeto voz* é portador da marca da singularidade que o sujeito autista não suporta, a “[...] *dissociação entre a voz e a linguagem está no princípio do autismo*” (MALEVAL, 2009, p. 88 apud LAURENT, 2014a, p. 53), pois requer um endereçamento ao Outro – lembremo-nos de que a linguagem está carregada de uma simbolização direcionada a um Outro.

Entretanto, ao sujeito que está *fora* do Outro, preso no gozo do Um no campo do real, entrar no campo do simbólico “*limpo de gozo*” para se enunciar pode ser uma extração de si mesmo. Assim, para o sujeito autista a incorporação de um órgão voz, independente de qual seja, não lhe é possível por se tratar, para ele, de uma mutilação de si. Mas o objeto externo que entra em seu mundo, mesmo que não nomeado, tem papel importante ao despertar o *rumor da língua*, pois convoca ao que o sujeito autista foge constantemente, se tratando da linguagem: o real insuportável de seus equívocos (LAURENT, 2014a, p. 91). De toda forma, Laurent (2014b) defende a importância desses objetos, pois a partir desses é que se consegue “[...] *complexizar, engrandecer, [e] permitir ao sujeito*

introduzir-se em um mundo mais complexo a partir de sua determinação” (LAURENT, 2014b, p. 29).

De acordo com a construção de Laurent, Tendlarz aponta:

No funcionamento da criança autista, se produz um rechaço ao Outro experimentado como intrusivo e, às vezes, sobre o apoio na pessoa analista como seu duplo real, mas sobretudo, a partir do laço sutil que pode estabelecer o analista com a criança, se leva a cabo um deslocamento desse encapsulamento autista.

(TENDLARZ, 2014, p. 95)

4.4.6 Corpo carapaça

Pela fragmentação dos órgãos em objetos de gozo externos, aquilo que o corpo teria como articulação ao Outro em seu circuito pulsional, Laurent pensa o corpo autista como sendo um “*corpo sem órgãos*”, um *corpo carapaça*. “*O sujeito ‘se goza’ sem o trajeto da pulsão que poderia articular seu corpo ao Outro. Pura superfície, o corpo-carapaça é o que advém de um corpo em que todos os orifícios estão ocluídos. A partir daí, mais nenhum trajeto é possível.*” (LAURENT, 2014a, p. 54)

Esse termo já havia sido cunhado por diversos psicanalistas pós-freudianos, kleinianos e pós-kleinianos para se referir ao envoltório corporal autístico. Tendlarz faz um pequeno resgate histórico desse termo em seu capítulo, apontando que esse já havia sido empregado nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960 por Margaret Mahler, que apresentava a ideia da “*necessidade de atravessar a carapaça autista*” (TENDLARZ, 2014, p. 97).

Na mesma época, na Argentina, Emilio Rodrigué indicava que esse termo já se encontrava em Melanie Klein, quando essa percebia a noção de corpo do sujeito autista como apenas uma casca (TENDLARZ, 2014, p. 97).

Dez anos depois, na década de 2010, Frances Tustin, psicóloga inglesa conhecida pelo seu trabalho sobre o autismo, “[...] *postula o ‘encapsulamento autista’ como uma barreira protetora frente ao mundo exterior, engendrando a ilusão de ter uma envoltura exterior a seu corpo.*” (TENDLARZ, 2014, p. 98).

Assim, a *metáfora do encapsulamento autista* (TENDLARZ, 2014, p. 98) foi retomada por Laurent, dentro da orientação lacaniana, a partir de uma diferente perspectiva:

“[...] não se trata nem do fortalecimento egóico, nem de uma defesa frente à aniquilação total, mas sim, de um tratamento particular da falta e do furo.” (TENDLARZ, 2014, p. 98).

O termo “carapaça” é nomeado por identificar crianças autistas que “[...] não têm envoltório corporal, que não reage à imagem de seu corpo.” (LAURENT, 2014a, p. 78) e que, ao invés de entrar na dinâmica imaginária do espelho, cria em seu lugar uma “[...] neobarreira corporal dentro da qual – ou sob a qual – ele fica totalmente encerrado.” (LAURENT, 2014a, p. 78). Se esse sujeito não possui uma imagem de seu corpo, ele tem uma cápsula, dentro da qual se defende das manifestações do Outro (LAURENT, 2014a, p. 78).

O corpo carapaça consistiria, então, num retraimento homeostático de um corpo encapsulado, excluído de qualquer reciprocidade imaginária de corpo e sem função de interlocução simbólica (LAURENT, 2014a, p. 55), no qual suas modalidades de encapsulamento podem variar: vão do profundo rechaçamento do Outro até a inclusão de pessoas e objetos (TENDLARZ, 2014, p. 98), a depender da posição singular do sujeito autista diante da possibilidade de abertura ao Outro.

Maleval (2014) contribui com o conceito de Laurent sobre o corpo carapaça, atestando que esse funcionaria como uma *bolha de proteção para o sujeito* que, se não tem corpo ou imagem do corpo, possui uma bolha, muito sólida, que implica uma retenção de objetos pulsionais para se defender do Outro, apesar de permanecerem igualmente ameaçadoras (MALEVAL, 2014, p. 45-46).

Essa bolha, segundo Maleval, possui seu tom ameaçador porque a retenção de alguns objetos pulsionais traz junto a si uma ameaça de castração, da qual o sujeito autista busca se defender. Assim, esses objetos trazem uma experiência de mutilação, porquanto também são objetos de gozo (MALEVAL, 2014, p. 46), assim explicados:

A bolha autista implica a retenção de objetos pulsionais: resultam frequentes no mutismo, voo da mirada, estrabismo, encopreses e extravagâncias alimentares. (MALEVAL, 2014, p. 45)

Toda atribuição de um objeto pulsional é experimentada como mutiladora, enquanto o traumatismo que intenta recobrir a carapaça segue sendo ameaçador, de maneira que a ameaça de uma castração real é onipresente.

(MALEVAL, 2014, p. 46)

Somente pela via de um suporte de um objeto é que o tratamento psicanalítico consegue permitir que o sujeito se desencerre dessa cápsula, para entrar num circuito simbólico sem sofrer uma crise, pois “*sem objeto, não há Outro*”. (LAURENT, 2014, p. 55).

A partir da introdução de um objeto privilegiado, é possível que se instaure, na clínica um circuito, um vaivém de trajetos e substituições de objetos que construam “[...] *rudimentos de uma metonímia de um deslizamento.*” (LAURENT, 2014, p. 55) como o caminho de um corpo continente até um instrumento destacado: “*Trata-se de inserir a criança num campo de fala e de linguagem em que, por uma ‘suave forçagem’, ela é convidada a interagir.*” (LAURENT, 2014, p. 57)

Para entender essa *forçagem* dentro do campo da linguagem, compreendendo que, no autismo, o gozo está mortificado no significante unário, onde não existe imagem de corpo muito menos acesso ao Outro, pensa-se, embasando-se no último ensino de Lacan que o que ocorre no autismo é o retorno do gozo numa borda (LAURENT, 2014, p. 79).

Maleval (2014), nesse sentido, percebe a pertinência dos objetos para a constituição de um circuito pulsional no que eles são capazes de tratar a perda no real.

Sem um trajeto pulsional que passaria pelo lugar do Outro, esse gozo opaco se presentifica no “[...] *plano do limite da neoborda, que é o lugar onde o sujeito está situado, um lugar de defesa maciça, um lugar de pura presença.*” (LAURENT, 2014, p. 79)

Quando se pensa no que seria uma constituição psíquica propriamente autista, temos dois elementos essenciais para entendê-la. Laurent destaca em seu livro que “[...] *a principal característica do espaço [topológico] autístico é o fato de ser sem furo*”. (LAURENT, 2014, p. 79).

Essa ausência de furo é correlata da permanência desses sujeitos no registro do real, uma dimensão em que nada falta e da qual nada pode ser extraído, pois “[...] *no registro do real, não há furo, exceto aquele que uma automutilação tenta criar.*” (LAURENT, 2014, p. 80)

Da minha parte própria, proporia falar de *foraclusão do furo*, se aceitarmos estender a *foraclusão* até esse ponto. Essa *foraclusão* torna o mundo *invivível* e leva o sujeito a operar um furo por *forçagem*, via uma automutilação, para encontrar uma saída para o *excesso* de gozo que invade seu corpo.

(LAURENT, 2014, p. 80)

Dentro da topologia lacaniana, pensar a topologia autística como um espaço sem furo no Outro nos leva, conseqüentemente, a conjecturar o corpo como um opaco plano, sem falta a ser preenchida. Nesse sentido, Laurent captura a ideia do *corpo-carapaça* como que produzindo uma *neoborda* no lugar onde o furo delimitaria uma borda – lugar em que todos os contatos e trocas podem ocorrer. Essa *neoborda* “[...] *forma um limite quase corporal,*

intransponível, para além do qual nenhum contato com o sujeito parece possível.” (LAURENT, 2014, p. 83)

Segundo Laurent, a partir dessa perspectiva, é possível distinguir o que pertenceria aos fenômenos de borda e aos acontecimentos de corpo. Apesar de ter um corpo despedaçado, entender a topologia autística a partir da *foraclusão* do furo nos permitiria entender a natureza e a consistência específica dessa fragmentação do corpo (LAURENT, 2014, p. 83).

Uma heterogeneidade de componentes que se apresente na relação com o sujeito, capazes de criar um circuito metonímico – brinquedos, deslocamentos, palavras etc. – podem constituir a *borda pulsional* para o sujeito autista (LAURENT, 2014, p. 83).

No entanto, a inclusão de algo novo no circuito “[...] *tem de vir acompanhada da extração de outra coisa*” (LAURENT, 2014, p. 84). Essa extração de outra coisa, segundo o autor, ocorre mediante um acontecimento de corpo, não como efeito de significação, mas sim, como *extração de gozo*: “[...] *o sujeito consegue ceder um pouco da carga de gozo que afeta seu corpo e, isso, sem que essa cessão de gozo lhe seja insuportável demais.*” (Idem, ibidem).

Assim, a forma como o autista preserva sua relação fixa com um objeto que entra em seu circuito é de tal maneira que, ao mesmo tempo que esse o objeto adquire uma forma, ele também provê uma forma ao sujeito (LAURENT, 2014, p. 87). E, nesse circuito, os objetos sofrem diferentes deformações, para que o sujeito dê conta de lidar com seu insuportável.

[os objetos] se quebram e se retiram aos poucos, mobilizando oposições para buscar dominar o furo: esvaziando-o ou preenchendo, abrindo-o ou fechando, rompendo-o ou reparando. Às vezes, buscam fazer aparecer um furo no mundo em que o gozo está em excesso; outras se esforçam por dominar o surgimento de um furo, tapando-o ou explorando-o.

(MALEVAL, 2014, p. 49)

Nesse sentido, seguindo o pensamento de Laurent, pode-se pensar em dois regimes de objetos nesse limite de possibilidades de um circuito pulsional:

O primeiro regime, um objeto que vem fazer suplência aos limites do corpo, colocá-lo *em-forma* e protegê-lo da angústia da intrusão do Outro (LAURENT, 2014, p. 88); o segundo é o objeto extraído do corpo, sentido como alteridade (LAURENT, 2014, p. 88). É um vestígio do vivo do corpo que deve ser abolido, no qual, à medida em que se afasta do corpo, o objeto também pode entrar na troca, no laço social (LAURENT, 2014, p. 88).

A respeito desse segundo regime do objeto, quando crianças autistas sentem-se lançadas a um Outro feroz, desamparadas, a extração do objeto *lhe* é sentida como necessária,

pois, quando se trata de uma extração bruta do objeto – como no comum caso das fezes – esses são extraídos como pura repetição de algo que não pertence ao corpo e sua articulação de objeto e corpo – diz apenas de uma rejeição.

Trata-se de um objeto de gozo *sem forma* que se impõe ao corpo. Está incluído de maneira tão paradoxal no copo que tem de ser extraído custe o que custar, ainda que ao preço da terrível dor que essa prática pode provocar. Para além das formas do objeto parcial, do *objeto a*, o objeto *sem forma* remete a um acontecimento do corpo traumático fundamental no sujeito autista. (LAURENT, 2014, p. 88).

Portanto, a característica que o objeto tem nessa clínica é “[...] *esse acomodamento dos restos, dos dejetos, deixados pelo encontro com o Outro, da língua que vem perturbar o corpo.*” (LAURENT, 2014, p. 89). Uma cadeia heterogênea feita de coisas descontínuas para organizar e, organizada como um circuito, no qual pode constituir uma topologia de borda e se articular pulsionalmente ao corpo (LAURENT, 2014, p. 89). Para que esse circuito se estabeleça, que se perceba e averigüe a ideia dos objetos que caem do corpo no sujeito autista, é necessário entender o espaço pulsional do autista dentro de uma topologia do toro (LAURENT, 2014, p. 90).

4.4.7 Topologia de borda e *foraclusão* do furo

Estando imersos no registro do real, esses sujeitos não possuem uma topologia³¹ de *imagem do corpo*, “[...] *um corpo circunscrito, que determina um dentro e um fora, em relação ao qual o objeto poder ser extimo*” (LAURENT, 2014a, p. 89). Assim, Laurent propõe focar para aproximar a topologia abordada por Lacan do toro, uma circunferência tridimensional onde há dois furos, interno e externo, em que ambos estão conectados pela mesma superfície – a superfície que o circunscribe interna e externa estão em continuidade (LAURENT, 2014, p. 90). Essa topologia nos permite colocar em questão do que se trata no tocante ao espaço psíquico autista, por onde “[...] *mesmo que olhemos para dentro, estamos sempre em face de uma continuidade.*” (LAURENT, 2014a, p. 92).

Sobre a topologia do toro, Fábian Schejtman (2014) aponta o destaque dos estudos lacanianos, sobretudo, em seu Seminário 24, no qual seu autor propõe-se a falar do *parlêtre* a partir deste. Pode-se pensar no toro como uma circunferência semelhante a uma câmara de

³¹Em seu texto *Los autismos en la actualidad* (2014), Laurent elucida-nos qual é o conceito de topologia psíquica a partir de Lacan: “*Lacan nos desfez da ideia de que vivemos em um espaço geometrizável, um espaço de medida: nossa relação com o espaço é principalmente sem medida, e nos deslocamos sobre superfícies que, rapidamente, podem se revelar não orientáveis, de maneira tal que passamos ao reverso do mundo tal como nos aparece.*” (LAURENT, 2014b, p. 35).

pneu, cujas superfícies interna e externa estão fechadas e em continuidade, além do fato de que há um furo em seu interior, tanto como se forma um furo, dado ao formato circular, no exterior. Essa é a topologia do nosso corpo, o corpo do ser falante é tórico – como é o caso de nosso tubo digestivo que faz um furo interior em nosso corpo (SCHEJTMAN, 2014, p. 73).

Para além do que é percebido apenas no objeto anal, esta topologia dá conta de explicar a anulação da distância que o sujeito autista percebe de seu objeto. Quando um objeto penetra em seu mundo, esses estão sempre a seu lado (LAURENT, 2014a, p. 91). E Laurent dá o exemplo da criança que vê o avião distante no céu e tapa seus ouvidos, como se as turbinas estivessem a centímetros de distância, buscando exemplificar a relação de espaço que essa criança vivifica.

É o que Tendlarz (2014) elucida, orientada pela mesma topologia nas seguintes palavras: “*A criança autista se confronta a uma topologia do espaço sem furo, que dá conta dos transtornos do espaço. O tratamento do espaço da criança autista é uma topologia sem orientação nem medida e é por ela que os objetos estão próximos ou distantes.*” (TENDLARZ, 2014, p. 102)

A distância é o que, dentro da Psicanálise, podemos nomear de campo de visão, o que está dentro e fora do espaço do campo de visão e o corpo – toro – fazendo limite entre ambos. Isto evidencia o trabalho que o sujeito autista precisa fazer, “[...] *sem a ajuda de nenhuma imagem estabelecida*” (LAURENT, 2014a, p. 97), pois está submerso no real, “[...] *para construir um espaço que permita recosturar o espaço fora da visão e o campo da visão.*” (LAURENT, 2014a, p. 97).

Muitos autistas se apoiam em dispositivos para construir um campo de *mirada* (LAURENT, 2014b, p. 35) que não está em seu campo de visão para, então, reconstruir esse campo.

Para eles, está presente desde o início a disjunção entre o olho e o olhar, o que está naturalmente no campo da visão e o que falta a construir.

(LAURENT, 2014b, p. 35)

Essas crianças nos ensinam que a *continuidade do espaço* não existe logo de entrada, não é um dado imediato. No lugar da falsa evidência da continuidade, esses sujeitos constroem uma, fazendo uso da elasticidade do espaço topológico, que possibilita costuras que não dependem do espaço métrico comum. (LAURENT, 2014, p. 97-98).

Imersos em um campo do real onde nada falta, o espaço em que o sujeito autista constrói sua cadeia significante – conseqüentemente, sua relação com o mundo – é um espaço que ele mesmo precisa obturar diante do real.

Laurent, inspirado em Miller, fala sobre um *forçamento* de um furo no real, a construção de um furo, no qual o sujeito precisa “[...] realizar *no simbólico o corte, a disjunção, a fragmentação introduzida através das palavras.*” (LAURENT, 2014b, p. 36)

Ainda por inspiração de Miller em seu comentário do caso Robert, no qual o autor indica uma *falta da falta*, para indicar que esse não consta do sujeito autista, Laurent propõe o termo *foraclusão*, um lugar simbólico à falta (TENDLARZ, 2017, p. 4) *ao furo*, para elucidar essa falta de delimitação simbólica na topologia desses sujeitos.

A partir daí, a noção de encapsulamento de uma *neo-borda*, produzida pelos objetos dão conta de perceber o corpo excluído do Outro do sujeito autista e a importância, tanto quanto os caminhos que dão possibilidade de se construir uma cadeia pulsional sem a borda.

Foraclusão do furo é um termo proposto pelo próprio Laurent e que trouxe grande repercussão à sociedade psicanalítica. E, entre apostas e críticas, a questão da *foraclusão* do furo aborda a teoria do ultimíssimo ensino de Lacan onde, antes de pensar em toda a montagem da cadeia significante e sua ordem simbólica, está o Um. “[...] *entretanto, isso ainda é apenas um véu lançado sobre o que constitui a eficácia da linguagem, isto é, sobre o fato de que a linguagem não é, ela mesma, uma mensagem, mas que se sustenta apenas pela função do que chamei de furo no real.*” (LACAN, 1972/2005, p. 32)

Apoiando-se no texto de Fábian Schejtman (2014) “¿*Qué es un agujero?*”, encontra-se em Lacan em seu Seminário 22, R.S.I., a consideração sobre a matéria dos três registros. Sobre esses e sua topologia, cada um deles constitui um toro particular, no qual o imaginário seria a consistência do corpo, o Real como ex-sistência – assim como o roteiro – e o simbólico seria o furo, estando os três denodados de modo *borromeano*, no qual, se cortando um, soltam-se todos (SCHEJTMAN, 2014, p. 76).

[...] Que aí domine o Imaginário, é algo que se baseia no fato de ele lhe dar consistência. O que introduzo através dessa observação é que o gozo, a vista dessa consistência imaginária, não pode senão *ex-sistir*, ou seja, parodiar isso: é que, à vista do Real, é outra coisa além do sentido o que se trata no gozo. O significante, então, é o que sobre, e sendo ele, por causa disso, desprovido de sentido, vem propor-se como interveniente nesse gozo. [...] Certamente, a noção do *ex-sistir* não estava assegurada ainda, para que alguma coisa ex-sista, é preciso que haja em alguma parte um buraco.

(LACAN, 1974/1975, p. 11)

No entanto, Schejtman marca na fala de Lacan que cada um dos registros possui seu porte das três matérias: consistência, *ex-sistência* e furo. Consistência em cada um dos registros é uma certa grossura, têm-se a consistência do imaginário, a consistência do

simbólico, como também o real, que seria o mesmo que dizer que há um “[...] *imaginário do imaginário, imaginário do real e o imaginário do simbólico.*” (SCHEJTMAN, 2014, p.76).

Da mesma forma, como destacado na citação acima, Lacan propôs a *ex-sistência* de cada um dos registros, o que vem a *ex-sistir* em cada um dos registros, sua parte de real. Semelhantemente, em cada um dos registros supõe-se um furo: um furo do simbólico – simbólico do simbólico –, um furo no imaginário – simbólico do imaginário – e um furo no real – o simbólico do real (SCHEJTMAN, 2014, p. 77).

Por outro lado, a título de *ex-sistência*, eles são, cada um, distinto e é também a propósito do gozo como Real que eles se diferenciam, e nesse nível, o que nos traz a experiência analítica é que na medida em que o gozo é o que *ex-siste*, que ele faz o Real, o justifica pelo fato de ele *ex-sistir*. Seguramente, há sobre isto uma passagem que importa, pois a que *ex-siste a ex-sistência?* Certamente, não no fato de consistir. A *ex-sistência* como tal, define-se, suporta-se disso que, em cada um dos termos R.S.I., faz buraco, há em cada um alguma coisa pela qual é do círculo, de uma circularidade fundamental que se define e essa alguma coisa é o que se deve nomear.

(LACAN, 1974/1975, p. 12)

Nomeação é o que produz furo e é a partir disso que se segue a possibilidade de propor os furos em cada um dos registros. Lembrando que é a cadeia significativa, na qual o sujeito autista não está enganchado, preso normalmente em *lalíngua*, lugar dos significantes-unários, presos ao gozo do Um.

Schejtman questiona em seu texto: qual seria o furo que está afetado no nível do que Laurent chama de *forclusão* do furo no autismo? (SCHEJTMAN, 2014, p. 77)

Para esse desenvolvimento teórico, o autor também buscou outras comunicações de Lacan em que aborda o tema do real, do significativo e do furo. Em uma questão que Ritter faz a Lacan, paralelamente ao seu ensino do Seminário 22, a pergunta sobre qual é o real que está sendo colocado no *Unerkannt* e o umbigo de sonho em Freud,³² Lacan diz que não é o real pulsional porquanto que “[...] *há um real pulsional, mas só há real pulsional na medida em que o real é o que na pulsão reduz à função de furo*”. Em outras palavras, o que faz a pulsão estar ligada aos orifícios corporais – as zonas erógenas freudianas (SCHEJTMAN, 2014, p. 79)

³² No mesmo texto de Schejtman, o autor traduziria o que seria o *Unerkannt* como o não reconhecido, e o umbigo do sonho, como o “[...] *ponto onde o sonho não é compreendido por ser misterioso, impenetrável, é dizer o ponto onde se detém o sentido ou toda a possibilidade de sentido [...] Um ponto onde a condensação falha.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 78). “*O umbigo do sonho forma parte do sonho, parte do sonho que toma contato com o real, como não reconhecido.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 79).

Essa pulsão faz-se pertinente, pois estamos diante de dois furos e dois reais distintos. O real pulsional – o furo corporal – e o real da repressão primária – o furo do inconsciente – imbricados nos diferentes registros imaginário e simbólico, respectivamente.

4.4.8 O furo corporal

Este furo já havia sido esquematizado no ensino de Lacan localizado na época de seu Seminário 11, estava presente entre a zona erógena e o circuito pulsional em torno do *objeto a*, em sua dimensão de objeto pulsional: “[...] *esse é o furo corporal, o da zona erógena*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 79). O que acontece no nível do orifício corporal se liga com o real pulsional na relação com o imaginário do corpo, localizado “*entre o real e o imaginário.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 80).

4.4.9 O furo do inconsciente

Não obstante, o furo do inconsciente diz sobre a relação simbólica, o que se trataria na questão do *Unerkannt*, um não-reconhecido como o reprimido primordial, uma parte do real que, para Lacan, no caso da discussão acerca dos escritos de Freud, toca o sonho. Esse furo trata “[...] *da parte do reprimido que não retorna jamais: o reprimido primário. Esse é o real da repressão primária.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 80): “*O furo do inconsciente é o Outro barrado (A). Se trata precisamente, do simbólico furado, não se conta com todos os significantes no lugar do Outro. [...] É o lugar onde o inconsciente faz água, o furo do inconsciente, o reprimido primário enquanto real do simbólico.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 81)

Essa é a marca do não-todo, que faz marca no simbólico. “[...] *O umbigo do sonho é precisamente esse encontro, estigma no inconsciente desse real.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 81) – esse encontro é justamente o que Lacan matemizou: $S(A)$.

No Seminário 23, sobre o *sinthoma*, Lacan explica que:

$S(A)$, o que isso quer dizer?

[...] O grande A é barrado porque não há Outro – não há aí suplência, a saber o Outro como lugar do inconsciente, esse de quem eu disse que é com isso que o homem faz amor, em outro sentido da palavra *com* e que é o parceiro – o *grande A* é barrado porque não Outro do Outro. [...] Colocada atravessando o *grande A*, essa barra diz que não há Outro que responda como parceiro.

A maior necessidade da espécie humana é que haja um Outro do Outro. É aquele a quem chamamos geralmente de Deus, mas a análise o desvela como pura e simplesmente *A* mulher. [...] Foi por isso que evoquei, acho, no Seminário Mais, ainda, o que queria dizer essa letra complicada, a saber o significante de que não há Outro do Outro. (LACAN, 1973/2005, p. 123 e 124)

Para além do furo, o \mathcal{A} traz um “*limite do campo simbólico ao sujeito*”, um limite onde a partir daquele ponto no desenvolvimento da cadeia significante, nada mais pode ser simbolizado. O furo do inconsciente, $S(\mathcal{A})$, interrompe a cadeia, deixando a marca do *significante da falta do Outro* (SCHEJTMAN, 2014, p. 82) – um significante solo, não encadeado, próximo à letra (SCHEJTMAN, 2014, p. 83).

4.4.10 A relação dos furos e a *foraclusão*

Schejtman, em seu estudo, encontra presente já no grafo de desejo elaborado outrora por Lacan, a antecipação da relação desses dois distintos reais no qual $S(\mathcal{A})$ dialetiza com ($\$ \diamond D$) – esse último, *matema* da pulsão, na qual, no Seminário 23, Lacan dará corpo de entendê-la como “[...] *o eco no corpo do fato de que há um dizer*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 85).

Presente na parte superior do grafo do desejo, podemos perceber que não se trata de evolução, mas *dialetização* das duas em movimento ativo e retroativo em relação ao dizer. Entre esses dois furos, simbólico e imaginário, “[...] *se pulsão é o eco no corpo do fato de que há um dizer e porquanto esse dizer traumatiza, se trata do encontro traumático com $S(\mathcal{A})$* ” (SCHEJTMAN, 2014, p. 86) – o corpo imaginário é furado em consequência do furo do inconsciente, “[...] *o encontro traumático com o dizer, como impossível de dizer, e a pulsão provém da desnaturalização, na qual o trauma empurra.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 86), em que o *objeto a* busca preencher para fazer suplência a esse vazio gerado.

Esse trajeto do *objeto a* é percebido no movimento retroativo do *grafo*, da direita para a esquerda, em que se supõe um tamponamento do furo a partir de uma “[...] *intrusão do gozo no furo pelo objeto pulsional, destacado como o mais-de-gozar.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 87).

A partir de todos esses desenvolvimentos teóricos, Schejtman consegue elucidar que, no conceito proposto por Laurent sobre *foraclusão do furo*, se trata da afetação de ambos (SCHEJTMAN, 2014, p. 84) – o furo do imaginário e do simbólico, corporal e inconsciente.

A *foraclusão* do furo – entendendo que se tratam de dois furos – proposta por Laurent pode ser averiguada no autismo, que se propõe a explicar que, sem o furo entre simbólico e real – $S(\mathcal{A})$ – o sujeito não percebe o limite onde pode escrever-se/inscrever-se como sujeito numa cadeia significante. O $S(\mathcal{A})$ seria como uma margem, uma borda que permite o escrito “[...] *não há escritura sem margem*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 87) e é esse o significante da

falta do Outro que introduz essa margem, a borda sobre a qual se apoia a possibilidade escrever. “*Não é que o Outro não está tachado no autismo, que ele o está, mas falta a borda que faz desse vazio um furo, pois um furo tem que ter bordas, tem que haver essa margem que é esse vestígio [...] do significante da falta do outro.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 87)

Como não há delimitação simbólica em que o sujeito se localize para inscrever-se, a tentativa de criar *neobordas* é realizada com o intento, conforme as observações de Laurent, de que se encontrem formas “externas”³³ de se inscrever internamente.

Junto a isso, também não há uma delimitação do furo corporal: o real pulsional que inscreve o corpo em suas zonas erógenas e permite a circulação do *objeto a, mais-de-gozar*, em seu trajeto pulsional. Pela não delimitação, a circulação de objetos pulsionais no corpo é sentida com grande ameaça pelos sujeitos, pois o toma por completo. E o encapsulamento seria uma resposta de busca de recursos “externos” para também dar essa delimitação, essa borda, a esse corpo.

O encapsulamento traz consigo a relação com o outro furo corporal, o real pulsional. Posto que isso acontece em um nível onde se põe em jogo o corpo. Se trata da repercussão, neste caso, da ausência da borda, da falta de margem do inconsciente, sobre o orifício corporal e, de aí em diante, a perturbação da economia pulsional no autismo e nas diversas presenças angustiantes do objeto, a respeito das quais o encapsulamento suporia uma resposta ao sujeito.

(SCHEJTMAN, 2014, p. 88)

Retomando a relação dialética dos dois furos que Lacan já antecipava no seu grafo, em seu Seminário 16, no movimento ativo e retroativo dos furos, que consiste no significante da falta do Outro à pulsão, é precisamente o encontro do sujeito diante do Outro barrado, que indica a chave da *forclusão* do furo, o qual repercute sobre o orifício corporal, “[...] *dificultando o circuito pulsional, a economia de gozo mesma, impedindo a constituição ‘normal’ do corpo.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 89).

O autista está afetado pela falha do Outro que nos traumatiza. Existe um Outro barrado (\bar{A}) no autismo, mas essa falha não constitui por si um furo. Para que exista, essa falha necessita de uma borda, o que Lacan transcreve no matema $S(\bar{A})$. E é isso que precisamente não se encontra no autismo: *forclusão* do furo. (SCHEJTMAN, 2014, p. 88)

³³ *Externas* foi escrito entre aspas, pois, tratando-se da topologia do toro, é possível entender como externo e o interno estão em certa relação que podem ser complementares.

Em seu escrito “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, Schejtman se apoia em Lacan, quando esse discorre sobre a primeira simbolização introduzida pela ausência da mãe, como o jogo *Fort-Da* freudiano, do agente materno, para que haja uma marca, uma borda do furo (SCHEJTMAN, 2014, p. 88).

No autismo, essa marca não se efetua. Como anteriormente abordado, há no autismo o Outro barrado, mas essa falha inicial não se torna um furo – *foraclusão* do furo –, posto que não se constitui a borda suposta do significante da falta do Outro ou, no nível do *Fort-Da*, como primeira simbolização introduzida pela ausência do agente materno (SCHEJTMAN, 2014, p. 88-89).

4.4.11 O impacto da *foraclusão* do furo na topologia *borromeana*

Dentro do *nó borromeano*, composto de três toros que indicam cada registro, Lacan mesmo já abordava em seu Seminário 23 sobre a pertinência do *enodamento*, para que se produza um furo verdadeiro no sujeito psíquico:

Supor a consistência de qualquer uma dessas funções – simbólico, imaginário e real – como fazendo um círculo, supõe um furo. [...] O que faz furo aqui é o conjunto de um desses dois círculos dobrados sobre o outro. Mas isso é um falso furo. Para que tenhamos alguma coisa que possa ser qualificada como furo verdadeiro, é preciso enquadrar, cingir um desses círculos por alguma coisa, uma consistência que os faça ficar juntos, parecida com uma bolha de ar [*souffleur*], o que, em topologia, chamamos de toro.

(LACAN, 1972/2005, p. 24 e 25)

Schejtman, a partir dessa lógica, traz à luz que é no enlaçamento entre o sujeito e o Outro – dois toros entrelaçados em si – para que se produza um furo verdadeiro, é necessário haver uma borda. Essa borda é que faria o limite $S(A)$, da mesma forma que faria a borda corporal para o *objeto a* percorrer o circuito pulsional (SCHEJTMAN, 2014, p. 91). “*Talvez, possa sustentar-se que, no autismo, então, não se verificar o ‘furo’. Nada impede, ali, a relação entre o sujeito e o Outro. O furo não se constitui enquanto tal.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 91)

Não existe o furo que enlace esse sujeito ao Outro. Todavia existe uma relação do autista com o Outro, posto que o “[...] *autista dá testemunho de ser invadido pelo efeito intrusivo do ruído da lalingua, mas essa relação não produz furo.*” (SCHEJTMAN, 2014, p. 91) justamente pelo caráter ameaçador que esse ruído produz, observando esses sujeitos.

“Para que houvesse furo, seria preciso agregar um limite entre o todo do sujeito e o todo do Outro, no autismo, não se alcançam essas bordas.” (SCHEJTMAN, 2014, p. 92).

No entanto, como o sujeito autista está encerrado no real, a *neoborda* seria o instrumento que utiliza objetos externos para enlaçar verdadeiramente seu corpo ao Outro e fazer furo, no qual possa se inscrever e inscrever sua cadeia significante.

4.4.12 A construção de uma borda

Contemporaneamente a Laurent, Jean-Claude Maleval apresenta uma reorganização da clínica do autismo a partir das distintas formas da borda (TENDLARZ, 2014, p. 96), que visam, para além de sistematizar dentro da clínica psicanalítica as diferentes classificações que a sigla TEA comporta e “[...] *retoma essas nuances para estudar a diversidade*”, inclusive tratando-se de um mesmo sujeito (TENDLARZ, 2014, p. 96). Essa classificação possibilita pensar em uma permeabilidade, um percurso que o sujeito pode traçar em suas distintas, progressivas ou regressivas, relações com a borda e com o encapsulamento graças à análise.

Maleval, ao encontro do termo de *forclusão do furo* de Laurent, enfatiza a borda como “[...] *um verdadeiro objeto mediador entre o sujeito e o Outro*” (MALEVAL, 2014, p. 49) e sua aposta para guiar a clínica em um caminho em que possibilitaria ao autista um enlace ao Outro, no qual, para alcançá-lo, é necessário que haja perdas traumáticas, respeitando e observando particularmente, “[...] *seus modos de tratamento de seus objetos de gozo*” (MALEVAL, 2014, p. 50) e auxiliando o sujeito a elaborar uma perda de objeto de gozo (MALEVAL, 2014, p. 50), para que, a partir dali, possa se produzir uma entrada significante.

A ação da linguagem sobre seus corpos produz uma dimensão de perda em seu espaço subjetivo. À falta de possuir os meios para simbolizar-se, o autista se esforça por saturar a *hiância* da origem, encerrando-se em suas sensações corporais em um mundo cerrado [...]. Ao não distanciar-se, o *objeto a* do sujeito se funde em um gozo autista. (MALEVAL, 2014, p. 43).

Seu sistema de classificação, portanto, começa do menor índice de constituição de borda ao que ele denomina de *borda dinâmica*, mais próximo do que seria uma verdadeira constituição de um furo por meio da *neoborda* pensada por Laurent, e se ampara nos estudos e classificações de Kanner e Asperger para localizar as referências em sua reorganização teórica e terminológica.

Assim, o psicanalista localiza dois polos para fazer uma comparação dos níveis autistas, onde há o primeiro, que é embasado nos diagnósticos dos autistas analisados por Kanner – no qual há diagnósticos de sujeitos que têm maior congelamento social e características autistas mais severas e situa os autistas de alto nível como *pré-kannerianos* (MALEVAL, 2014, p. 42); e o outro polo, que é Asperger, se situa num polo invisível constituído por autistas que se tornam independentes, aqueles em que o diagnóstico chega-lhes muito tardiamente ou até nunca chegue (MALEVAL, 2014, p. 42).

A defesa autista, que se caracteriza pela construção de uma borda, se desdobra desde a borda isolada até a borda dinâmica. Inclusive, chega até o *borramento* da borda em alguns autistas de alto nível. O autista que não construiu uma borda é muito difícil de diferenciar da esquizofrenia, pelo contrário, o autista cuja borda está borrada pode tornar-se socialmente invisível e nunca ser diagnosticado como tal. (MALEVAL, 2014, p. 41).

4.4.12.1 Borda como superfície corporal

Essa primeira borda diz de um momento de alto retraimento do sujeito autista em si mesmo. O sujeito está num estado tomado pelo gozo do Um com o qual “[...] *ao não distanciar-se, o objeto a do sujeito se funde em um gozo autista.*” (MALEVAL, 2014, p. 43), em que a primeira forma que a borda pode tomar é uma obturação gerada a partir do próprio, uma construção a partir de autoestimulações. (MALEVAL, 2014, p. 43).

Maleval se referencia frequentemente a Frances Tustin (1989),³⁴ sobretudo, no que diz respeito a essa primeira classificação de borda e o termo “*sensações formas*” da autora, algo flutuante, criado artificialmente, formas completamente pessoais e inclassificáveis, repetitivas e fixas (MALEVAL, 2014, p. 43), as quais trariam de alguma forma uma tranquilização à ameaça vivida pelo autista. Essa borda serviria “[...] *para o domínio e para a fixidez [fijeza], enquanto obstaculiza as relações sociais.*” (MALEVAL, 2014, p. 44) percebendo-se, com efeito, uma “*perturbação do contato afetivo*” (Idem Ibidem).

As sensações formas são engendradas por sensações corporais suaves, tais como o fluir da urina no exterior do corpo, bolhas de saliva ao redor da boca, a saliva posta sobre objetos exteriores ou até a diarreia e o vômito. Ter um objeto exterior, apoiar-se suavemente contra, contornar-se, assim como os movimentos estereotipados das mãos podem produzir essas sensações. Essas formas assim engendradas sobre as superfícies corporais são experimentadas

³⁴ TUSTIN, F. *Le trou noir de la psyché*, Paris: Seuil, 1989, apud MALEVAL, J-C. *Clínica del espectro del autismo*. Buenos Aires: Colección Diva, 2014.

como não separadas do corpo do sujeito, [...] são como os objetos autistas, particulares à criança, tranquilizadoras e calmantes, constituem uma espécie de tranquilizante engendrado pelo corpo.

(TUSTIN, 1989, p. 127, apud MALEVAL, 2014, p. 44)

Esse estágio da borda é propriamente o que o termo *carapaça*, tanto em Tustin como Laurent, buscam contemplar. No entanto, a *borda como superfície corporal* ou *carapaça*, é uma *defesa precária* (MALEVAL, 2014, p. 46) do sujeito, pois não recobre o *traumatismo inicial*, o que seria o Outro barrado por onde o sujeito alojaria sua falta e se inscreveria (MALEVAL, 2014, p. 46).

A ameaça da castração real ainda se mantém *onipresente* nessa defesa, na qual, apesar da tentativa de preencher os equívocos, buracos, produzido pelo Outro, “*não cessam de retornar*” (MALEVAL, 2014, p. 48).

Amparado nos estudos de Lefort em *O nascimento do Outro*, o psicanalista localiza essa borda como superfície corporal precisamente na falta do *significante da falta do Outro*, em que, mesmo que a carapaça intente tranquilizá-los, os autistas nesse estágio ainda percebem os objetos como mutiladores e perigosos (MALEVAL, 2014, p. 48).

O autor também destaca a pertinência de que esse estágio abarca com grande heterogeneidade de sujeitos e “*revela posições subjetivas muito diferentes*” (MALEVAL, 2014, p. 49), em que o sintoma do sofrimento que carregam, abandonados a eles mesmos, são variados, mas no qual apresentam em comum sua solidão dentro de sua carapaça, a ausência de demandas ao outro e transtornos da linguagem (MALEVAL, 2014, p. 49). “*A hiância traumática inicial produzida pela falta da linguagem sobre o corpo, a borda não poderá obturá-la totalmente. [...] A carapaça não é totalmente hermética: trabalha para enquadrar o buraco. Sublinhamos que a complexização da borda dá conta disso.*” (MALEVAL, 2014, p. 48).

4.4.12.2 Borda tranquilizadora

A borda tranquilizadora seria um segundo estágio de uma construção de borda que ocorre quando “[...] *se completa uma separação da borda em relação ao corpo e das sensações formas*” (MALEVAL, 2014, p. 52), na qual a consistência de um objeto concreto permite certa “*tranquilização dos comportamentos*” nos autistas (MALEVAL, 2014, p. 52). Assim acontece com a possível introdução de um objeto escópico, com o qual o sujeito autista consegue se separar da posição de ser seu próprio corpo esse objeto (MALEVAL, 2014, p. 52). “[...] *A presença do objeto se afirma: se revela menos apegado ao corpo. Sua*

função de tapa buraco se detém. Se torna um captador do gozo pulsional: permite dominá-lo e proteger do desejo do Outro.” (MALEVAL, 2014, p. 53)

Nesse estágio, é a introdução de um objeto concreto que está em questão, para que haja uma “lógica” própria do sujeito de preencher os equívocos ameaçadores (MALEVAL, 2014, p. 53). Nessa lógica, o sujeito autista não busca mais incorporar os objetos em sua carapaça, há uma operação de distanciamento entre os dois (MALEVAL, 2014, p. 54). É o estágio da borda que permite ao sujeito localizar e dominar a sua perda de gozo a partir de seu objeto – em sua maioria, objetos que estão relacionados à necessidade de imutabilidade, não necessariamente constituído apenas por objetos materiais, podendo se tratar de pessoas “[...] *com a condição de que sejam pessoas previsíveis e, portanto, manejáveis.*” (MALEVAL, 2014, p. 55). E Maleval diz que a concretização dessa borda possibilita agregar outros elementos para funcionar em seu desenvolvimento: o duplo e o interesse específico.

Quando a borda se *complexifica* com esses elementos, se tornam mais ou menos independentes.

Os autistas de Kanner são caracterizados por um investimento predominante de objetos, mas também muitos testemunham, somando a isso, uma aptidão para adquirir conhecimentos notáveis graças a uma memória excepcional [...] Esses interesses específicos primeiro são utilizados para proteger-se do Outro, adormecendo-o através de uma escalada de conhecimentos intermináveis.

(MALEVAL, 2014, p. 55)

Assim, a relação com o Outro é amenizada e poucos comportamentos agressivos são percebidos. Dessa maneira, esse lugar de construção da borda é uma proteção mais segura e eficaz contra o Outro, no entanto, a “[...] *preço de cortar o sujeito das relações sociais.*” (MALEVAL, 2014, p. 55).

O que está em jogo nessa fase é uma “[...] *perda na economia subjetiva*” (MALEVAL, 2014, p. 55), na qual, o gozo pulsional é situado em “[...] *um objeto fora do corpo que o capta*” (MALEVAL, 2014, p. 55) de forma que a perda do gozo não é mais sentida como mutiladora e o corpo pode começar a se estruturar.

4.4.12.3 Borda dinâmica

A borda tranquilizadora é geralmente encontrada pelo sujeito em seu meio ambiente. A borda dinâmica é mais complexa: implica uma participação do sujeito em sua construção. (MALEVAL, 2014, p. 56).

Diferentemente das construções de borda acima citadas que localizam os autistas pré-kanner e kannerianos, respectivamente, essa progressão do desenvolvimento da borda é situada por Maleval próxima aos autistas Asperger, nos quais o interesse específico, como conhecimento, se torna uma chave para que o sujeito autista domine sua angústia (MALEVAL, 2014, p. 57). A borda dinâmica é alcançada a partir de um trabalho do próprio sujeito que se vê com o objeto traumático e traz como característica – e eficácia – seu domínio diante do Outro, pela via do conhecimento (MALEVAL, 2014, p. 57).

Esse estágio é contemporâneo do desenvolvimento dos jogos de presença-ausência, que seriam, no caso desses sujeitos, os *neo Fort-da*, pois a capacidade de captar esse objeto traumático permite uma dinamização do sujeito, trazendo-lhes certa independência diante do mundo, podendo ser “[...] capazes de uma elaboração mais acentuada ainda, assumindo um investimento de gozo na perda do objeto de gozo.” (MALEVAL, 2014, p. 58).

4.4.12.4 Borramento da borda

Finalmente, tem-se o que seria uma constituição de um furo, a que Maleval se refere como perda real (MALEVAL, 2014, p. 59). Trata-se do último estágio da constituição de borda no autismo, no qual se localizariam os autistas de alto-nível, pós-Asperger. Não se trata exatamente de uma “cura” do autismo à uma estrutura neurótica, mas de uma “[...] modificação da posição subjetiva do autista que passa por uma perda maior pode tomar formas mais concretas.” (MALEVAL, 2014, p. 60). Essa diz respeito ao apagamento [borramento] da borda dinâmica em que a perda do objeto, sua falta, é suportável tanto ao sujeito quanto ao Outro, uma assunção na qual a dimensão da falta em relação ao Outro é posta em jogo (MALEVAL, 2014, p. 60).

É o estágio em que os sujeitos alcançariam o desejo do encontro com parceiros sexuais, pois a perda de elementos da borda em seu *borramento* permite uma elaboração de investimento de gozo no outro (MALEVAL, 2014, p. 62). Os sujeitos que se localizam nesse lugar, não se bloqueiam mais do mundo externo e seu objeto de sustentação para enfrentar o mundo externo não é mais tão latente e necessário, apesar de ser conservado discretamente de alguma forma para auxiliá-lo em sua regulação interna (MALEVAL, 2014, p. 60). “[...] O borramento da borda gera o que alguns nomeiam de ‘o polo invisível do autismo’, que se estende mais além da clínica de Asperger. Se encontram ali, sujeitos que, às vezes, descobrem o nome de sua diferença tardiamente.” (MALEVAL, 2014, p. 62).

O *borramento* da borda pode ser possível aos autistas que se encontram em estágios anteriores de construção da borda a partir da “[...] *fonte traumática do interesse privilegiado*” que se borra pela via da atitude do autista para se tornar um especialista (MALEVAL, 2014, p. 69). Se trata do deslocamento de objetos que constituem um furo no significante unário, preso ao gozo do Um, a um efetivo deslocamento e deslizamento de uma cadeia significante.

A defesa de Maleval é que, para que essa classificação possa se tornar um possível trajeto de construção de borda de um sujeito, é necessário um trabalho clínico em que o analista fuja da interpretação e da condução da análise e se permita ser conduzido pelo sujeito, encorajando-o a encontrar seus objetos que possam ser possibilitadores de construção de uma borda (MALEVAL, 2014, p. 67). A construção de uma borda, dentro do trabalho analítico, não se refere à interpretação das áreas de competência nem da borda:

[...] Nem a competência nem a borda se interpretam, uma e outra são ‘desabonadas do inconsciente’. [...] O ‘suave forçamento’ não poderia passar nem pelas demandas diretas nem pela interpretação do passado, se não por uma incitação ao desenvolvimento da borda, que essa se produza através de saltos criativos gerados pela assunção de uma perda que permite que a aproximação psicanalítica se torne necessária para orientar-se na cura do autista. (MALEVAL, 2014, p.71)

4.4.12.5 O borramento e a neo-borda na “cura” autística

Esta trajetória de Maleval é interessante, pois, além de localizar as diferentes posições subjetivas do autismo de formas elucidativas na teoria psicanalítica, nos permite pensar em caminhos de construção e progressão que os sujeitos podem trilhar dentro – ou fora – de uma experiência analítica e lidar com o mundo da linguagem de forma pacífica. “*A invenção é o único ‘remédio’ do sujeito autista*”, sublinha Laurent e deve cada vez mais incluir o resto, isto é, que permaneça no limite de sua relação com o Outro: seus objetos autistas, suas estereotípias, seus duplos. (MALEVAL, 2014, p. 69)

Enquanto Maleval trata do *borramento da borda* como indicativo do trajeto possível de que se trataria a cura, Laurent fala da *neo-borda*, uma construção artificial de borda a partir dos objetos, como esse “*transcurso do tratamento analítico*” (TENDLARZ, 2014, p. 98), que permitirá ao sujeito lidar com seu gozo e rearticular a sua relação com o corpo e o espaço, no qual, seu deslocamento na construção analítica, fruto de um deslocamento de objetos, oportuniza ao sujeito uma constituição singular de subjetivação psíquica.

A delicadeza e a beleza desse desenvolvimento dos autores são tratadas nesse trabalho pela sua pertinência em articular uma teoria e um trabalho possibilitado pela teoria freudiana

e lacaniana, que reconhece, respeita e valoriza a *diferença na diferença* entre os sujeitos autistas. Não correspondem à pressão *neurotizante* da sociedade, em que buscam fazer a peça de quebra-cabeça se encaixar a custo de regulações de comportamentos que reprimem e/ou medicalizam, apesar de levantarem em seus *fôlderes* a representação do autismo como uma peça de quebra-cabeça sem o seu espaço correto de encaixe. Aliás, muitos são os relatos de autistas já em idade adulta que marcam sua posição de não querer ser como os outros, mas apenas precisar de auxílio para viver em sociedade, como também familiares que, apesar das longas e duras batalhas que enfrentaram com seus filhos e filhas, quando têm a oportunidade de se deparar com esse sujeito numa posição diferente e muito mais independente da anterior, valorizam-nos em sua diferença e conseguem, como Kristine Barnett,³⁵ reconhecer seu funcionamento autístico como igualmente válido, concluindo que “*curar o autismo seria como curar a ciência ou a arte*” (BARNETT, 2013, p. 134).

³⁵ BARNETT, K. (2013). *Brilhante: A inspiradora história de uma mãe e seu filho gênio e autista*. (J. R. Siqueira Trad.). Rio de Janeiro (Rj): Zahar, 2013, apud BAILER, M. *Autobiografias no autismo*. São Paulo: Toro Editora, 2017.

5. O autismo e o *caos*: um encontro com Birger Sellin

Com os dois significantes que regem o caminho reflexivo deste trabalho agora mais bem teorizados, encontramos um espaço para que dialoguem. No desenvolvimento teórico da pesquisa, o autismo nos apresenta uma singularidade de organização psíquica, defendido por muitos autistas e pesquisadores, que demandam outras formas de manejo, cuidado, afeto e educação. Assim, buscou-se iluminar nas narrativas de pessoas autistas experiências e desafios que enfrentaram diante de um mundo normatizante, com o objetivo de investigar em textos publicados de autistas como eles relatam suas experiências e se o significante *caos*, na construção de seu termo enlaçado ao real, aparece na escrita.

Durante dois meses, foi feito um pequeno levantamento literário de livros escritos por pessoas autistas e foram selecionados livros que oferecessem visões de autistas alinhadas às classificações kannerianas ou pré-kannerianas, com o intuito de incluir experiências de pessoas que apresentam graus mais severos de autismo, contribuindo assim para a formulação de todas as teorias previamente discutidas.

5.1 *quiero dejar de ser un dentrodemi*

O livro *quiero dejar de ser un dentrodemi* se apresenta como uma possibilidade de refletir as angústias e sentimentos enfrentados por um autista a partir de sua própria fala apoiando-se nas hipóteses levantadas ao longo deste estudo.

O critério para a seleção do livro era que ele fosse uma autobiografia, apresentando a perspectiva de pessoas autistas sobre suas angústias e desafios diante do mundo. Esse título se destaca por focar em um jovem autista não-verbal, que apresenta sintomas severos e que, pela primeira vez, em dezesseis anos, encontra na escrita uma maneira de se comunicar com aqueles que estão a seu redor. O livro reúne os primeiros escritos de Birger, além de outras mensagens significativas que ele produziu ao longo de dois anos, revelando a angústia e a luta que o garoto enfrenta em relação à sua condição, assim como, suas hipóteses e percepções sobre o mundo.

As reflexões que Birger coloca no papel são profundas e oferecem uma contribuição poética e significativa a este trabalho, além de instigar a curiosidade pela peculiar forma como o texto é estruturado em sua ortografia, e pela repetição de palavras, como medo e caos.

Quiero dejar de ser un dentrodemi: Mensajes desde una carcel autista (2017), publicado pela primeira vez na língua alemã em 1997, contém apenas quatro capítulos:

Prólogo, Introdução e um breve resumo sobre a temática do autismo e as mensagens de Birger, que datam de 1990 a 1992.

Em 2017, o livro foi traduzido para o castelhano, incluindo um importante capítulo adicional com notas de tradução. Em consequência do não domínio da língua alemã e diante da importância dessa obra, a leitura foi feita na tradução da língua espanhola e, por vezes, serão adicionadas como nota de rodapé palavras em espanhol que, em português, não trouxeram uma tradução satisfatória.

A publicação das mensagens de Birger foram feitas pelo jornalista Michael Klonovsky que, por sua vez, descobriu esse achado por indicação de um colega, parceiro de trabalho do pai de Birger. Em contato com a família por telefone, conheceu os textos produzidos pelo garoto por e-mail e qualificou-os como...

[...] textos que uma grande angústia fazia emergir tumultuosamente, textos profundamente sombreados, cheios de solidão, misteriosos, numa linguagem extraordinariamente compacta. Na maior parte, eles me lembravam Nietzsche, Holderlin, Artaud ou antigos poemas épicos nórdicos. (SELLIN, 2017, p. 28)

Mas o encontro presencial posterior trouxe mais angústia e perplexidade

Por um momento fico como que paralisado. Será que aquele menino digno de compaixão, essa pessoa manifestamente débil, será realmente o autor dos textos que tenho diante de mim? É possível que a aparência externa e o intelecto de uma pessoa estejam em contradição tão óbvia? (SELLIN, 2017, p. 29)

Diante de tal perplexidade, o jornalista então busca conhecer mais sobre o tema e sua maior referência teórica são autores behavioristas, sobretudo, Niko e Elisabeth Tinbergen, trazendo da psicanálise apenas as contribuições de Bruno Bettelheim e sua ideia de mães geladeiras, qualificando-a posteriormente como uma teoria rechaçada. O foco do livro, no entanto, não é a definição do autismo ou suas causas, e sim, os valiosos textos produzidos por Birger Sellin.

Esses textos trazem muitas peculiaridades, pois como a escrita é sua única forma de expressão, eles trazem uma mistura de relatos pessoais e familiares, descrições de sua condição, anotações de diário, poemas, cartas e reflexões sobre diversos temas (SELLIN, 2017, p. 71). Seus pais guardaram todos os escritos e o livro traz um extrato contendo na íntegra as mensagens dos quatro primeiros meses e uma seleção limitada “[...] *essencialmente às considerações de Birger sobre o seu autismo e aos textos que, pela sua visão especial do mundo e pelo imediatismo da expressão, me pareceram valiosos literariamente.*” (SELLIN,

2017, p. 71) os textos também estão “[...] *ordenados cronologicamente, para mostrar a evolução*” (idem).

5.1.1 A ortografia de Birger

Birger digita com um dedo só e necessita frequentemente de auxílio da mãe, para realizar essa tarefa. Desse modo, a ortografia de sua escrita sofre algumas consequências.

Desde o título, a falta de letras maiúsculas na escrita chama a atenção dos leitores. Essencial na língua alemã, pois caracteriza o substantivo de todas as palavras, Birger ignora essa regra, transformando “[...] *muitos dos textos num caos, através do qual o leitor tem que trabalhar seu caminho.*” (SELLIN, 2017, p. 75). Além disso, todos os outros tipos de sinais são ignorados: não há pontuação alguma em seu texto, causando uma ausência de um todo coerente em suas frases cheias de informação.

Sua escrita também sofre com os efeitos de suas crises. Há certos momentos em que Birger se excita ao escrever suas mensagens e passa a morder-se e balancear-se com muita intensidade, afetando a correta escrita da palavra.

Michael Klonovsky, como responsável pela publicação dos textos, explica aos leitores que consultou Birger para decidir se haveria ou não correção dos textos. Birger decidiu corrigir todas as palavras, mas manteve as letras minúsculas e a não-pontuação. Também quis deixar na íntegra os primeiros meses de sua escrita com todos os erros de digitação para que os leitores pudessem perceber a evolução desse processo, bem como, manteve também alguns erros provindos de demasiada excitação.

A tradução para o castelhano também necessitou de laborioso trabalho para manter a originalidade da escrita,

Seus textos são cheios de repetições, bordões, combinações estranhas e originais de palavras, elipses, curiosas construções sintáticas, expressões cumulativas que não só não aparecem em nenhum dicionário, mas, juntamente com uma sintaxe às vezes arbitrária, podem converter o texto em um verdadeiro hieróglifo. (SELLIN, 2017, p. 75)

Assim, o recurso à tradução para o espanhol fora transpor o texto e, depois, devolver a “[...] *complexidade, impenetrabilidade e obscuridade das passagens, uma forma menos inteligente, mas fiel à surpreendente e compacta linguagem de Birger.*” (SELLIN, 2017, p. 75).

Ainda a respeito de sua escrita, o autor do prólogo desse livro, Domingo García Sabell, aponta interessantes analogias que o texto apresenta. Primeiro, uma semelhança ao

texto de James Joyce: a forma como a escrita de Birger se apresenta é muito semelhante à escrita que encarna Ulysses em sua progressão do estado de vigília à imersão no sonho, no entanto, no caso de Birger, Domingos levanta a hipótese de que “[...] *no seu jogo dramático de entrincheiramento-abertura*³ *à existência real, [esse] não consegue superar certas trincheiras isolantes.*” (SELLIN, 2017, p. 10).

Desse modo, o autor do prólogo também percebe um estilo de escrita muito próximo de uma concepção surrealista, em que a imaginação é o que liberta a paralisia de uma vida acorrentada (SELLIN, 2017, p. 11), oferecendo ao sujeito aquilo que pode ser.

Também para os surrealistas a vida está acorrentada, algemada e minimizada por uma série de freios que vão do prejuízo econômico ao prejuízo religioso. A lógica é o instrumento da opressão. Ao seu lado está, de frente para ele, a imaginação. (SELLIN, 2017, p. 11)

A partir dessas informações, já nos é possível perceber, mesmo com autores distantes da psicanálise, como a introdução da leitura a Birger nos sinaliza que estamos diante de algo que almeja a simbolização, a partir do momento que Birger nos apela, dentro da linguagem escrita diretamente a um desejo – “*ser mais um no rebanho*” (SELLIN, 2017, p. 13) – mas que revela indícios de estarem ainda no plano do real, um gozo que não cessa de desorganizar a linguagem.

5.1.2 Birger Sellin

Birger Sellin nasce em 1973, em Berlim – Oeste. Sua primeiríssima infância passa sem grandes acontecimentos, mas aos dois anos de idade, os pais relatam que, ao buscá-lo na creche o encontram chorando intensamente e, logo depois, cai enfermo por várias semanas, com sucessivas recaídas e ataques de otites e vômitos (SELLIN, 2017, p. 34). O bebê se recuperou após três meses, mas já não parecia mais mesmo e, a cada dia, falava menos, até calar-se completamente.

Desde então, Birger e sua família passaram por uma intensa jornada com tratamentos, internações, diagnósticos e, aos quatro anos, Birger foi para uma clínica onde recebeu o diagnóstico de autismo, entrando para uma associação que frequentou durante toda a infância e adolescência para que pudesse adquirir maior autonomia e ter maior organização corporal (SELLIN, 2017, p. 36).

Birger era a criança autista com o quadro mais severo de Berlim, com estereotípias muito presentes, além de sua não-verbalização, o que o levou a diversos tratamentos ao longo de sua vida e, ao entrar em contato com um método de *comunicação-facilitada*, passou a

escrever mensagens que expôs uma dualidade de alguém que externaliza completa desorganização enquanto escreve elaborações filosóficas e dialéticas sobre seu ser no mundo. Sem a presunção de dar conta de todos os relatos, a pesquisa destacou questões já elaboradas teoricamente acima e que confluem em direção a mensagens e angústias externalizadas por ele.

5.1.3 Os relatos de Birger

abdefghijklmnopqrstuvwxyz
birger papa jonasmama
27-8-1990
(SELLIN, 2017, p. 81)

Esse é o registro da primeira vez que Birger senta-se em frente ao computador para escrever. “Papa”, “Jonas” – seu irmão mais novo – e “mama” são palavras que vão se repetir nos dias seguintes, junto com outras informações de sua vida, como a cidade dos avós e seus nomes. A dificuldade para a escrita é perceptível pela repetição e troca de letras.

bbierger jonas ntraespada golpea
mmiedo parchejo pirata
jonas franzmax mama banco nossentamos
ciguena praddos lobo treminar terminar
4-9-90
(SELLIN, 2017, p. 83)

Do dia 4 de setembro de 1990 até o fim daquele mês – em que estão publicadas na íntegra as mensagens diárias escritas pelo garoto, Birger passa a escrever algumas frases ditadas para aprimorar sua escrita, frequentemente, escrevendo também seu desejo de terminar de escrever ao fim das frases. Os ditados cessam a partir do dia 24 de setembro, quando escreve:

juego con con
cubos demaddera
dejar
dejar ppaz
dejar paz
pppp
estoy triste porque ttodavia no se hablar
24-9-90
(SELLIN, 2017, p. 87)

Durante os meses de outubro e novembro subsequentes, apesar de ainda revelar uma escrita dificultosa, lemos um Birger que utiliza esse meio para dizer de suas angústias: o amor que as pessoas sentem pelo irmão, o quanto as pessoas elogiam sua mãe, Anne, por ser muito boa e, principalmente, seu desejo de falar e ser como as outras pessoas.

quieero encasa
 puedo tebb
 megusta sinmas estoy bienn
 tu tiwm tienes que que rer
 muchomas a firdud porque todos dis
 dicen eres tan buenaap
 esao eso es el xoc xonlm
 sssiies
 s comienzo DE LA MEJORIA A adss
 ass asique esfuerzzat t te
 pr pero sin carino biirger no puede
 t llegal a ningunnappartetodo sen cc tt oo cill
 sencillo my muc
 much mucho quieres pe peree ppero preo
 ttods dicen
 dicen qe me quieres
 di ccwen dicen que tambien
 quieres a todos ajonas
 y dannkward³⁶ tamc tambien
 quieres si atodos sobretodo anne³⁷
 ccuantu hasrrenidd o
 enffaddastes qettoinria
 22-10-90
 (SELLIN, 2017, p. 90)

A partir desse relato, os escritos de Birger tornam-se mais extensos, com frases que revelam um raciocínio mais profundo e elaborado. Anteriormente, onde havia apenas três linhas escritas, agora, os registros contam com doze linhas em um único parágrafo, mostrando uma construção complexa, mesmo sem a pontuação que costuma estruturar o texto.

O que mais impressiona nesse período de escrita é a dolorosa e consciente expressão de seus sentimentos. Birger expõe suas queixas e demonstra um grande sofrimento relacionado à sua condição de autista, lidando com os julgamentos e olhares alheios, com a dificuldade que sente frente diante do medo que o consome e da sensação de solidão, sentindo-se isolado dentro de si mesmo.

³⁶ Dankward Sellin, pai de Birger.

³⁷ Annemarie Sellin, mãe de Birger.

no me regañes hoy hastenido
 mucha paciencia no encajo en el muddo mundo pues tengo miedo de
 o sea simplemente de cosas que son tan iinfe inofensivas
 como porejemplo las casas
 si escomo si me amenazaran miedo tengo siempre
 pero hoy hhac ha sido mucho peor pp
 poe rque me has gritado tanto hoy no podia
 ceerrarme la
 chaqueta eso me ha irritado tanto eenl
 enel fondo no es tan maloeso
 pero luego es peor cuando me entra el miedo puienso
 que locura pero una vez no encuentre la perla
 yy y l y sinembarfo no paso nada malo
 porr esosoy un tonto cuando me entra el miedo y comp pletamente tonto es que yyo
 deje qe os rus riais cuando
 grito tan fuerte pero eo eso lo haneis heh hecho mucho tiempo antes de saber hablar
 yo
 25-11-90
 (SELLIN, 2017, p. 91)

5.1.4 Medo

el miedo al miedo siempre esta presente en realidade
 21-4-92
 (SELLIN, 2017, p.158)

Diferentemente de outros relatos conhecidos em que o sofrimento provém da tentativa de neurotização de pessoas autistas, Birger repete e evidencia seu desejo de ser “[...] *mais um no rebanho*” (SELLIN, 2017, p.13), o qual é impedido pelo medo que o toma interna e incessantemente. Esse medo aparece nos relatos ao ouvir barulhos, ver objetos repentinos, conhecer lugares, pessoa e é, para ele, o sentimento responsável por muitas de suas estereotípias – o balancear de seu corpo, o gritar desesperado e o morder-se repentinamente são descritas como formas do corpo suportar esse medo.

A forma como o medo aparece na fala de Birger diz também de uma “excitação” (SELLIN, 2017, p. 111) e de uma decorrente culpa pelas ações que, quase como involuntariamente, seu corpo responde.

Esse relato do medo ecoa no que Laurent, ao descrever o sujeito em sua *forclusão* do furo, transcreve o deparar-se com o real. Fora do enlaçamento com o Outro e sem enodamento dos registros, os autistas estão imersos em um plano real, opaco, sem furo e, portanto, imersos em um excesso de gozo destruidor, uma “[...] *dimensão terrível em que não falta nada, pois nada pode faltar.*” (LAURENT, 2014a, p. 80).

Essa forclusão torna o mundo invisível e leva o sujeito a operar um furo por força, via uma automutilação, para encontrar uma saída para o excesso de gozo que invade seu corpo.

(LAURENT, 2014a, p.80)

O medo que o toma – e se faz presente em muitos dos escritos de Birger – parece nos contar de algo dessa ameaça de destruição que o excesso de gozo traz ao sujeito. Amarrado nesse gozo do *Um*, há uma excitação de ordem incessante por onde o corpo buscará meios de se livrar de um *cheio-demais* de excitação, como se tratasse de esvaziar o corpo dessa excitação opaca.

Nos diferentes relatos ao longo dos dois anos que esse livro registra em publicação é a partir da nomeação do medo que Birger justifica sua intensa dificuldade em realizar quaisquer tarefas como estudar, ter autonomia de andar sozinho e, principalmente, falar – seu maior desejo.

por razones importantes me parece
mas facil la demencia total que el vivir mortificaciones en los mencionados errores
por aislamiento
no puedo averiguar por que tengo que vivir tan amurallado
en mi cabeza se pensar clara y objetivamente
y también se sentir
pero cuando en este mundofueradelacaja quiero poner emocionantemente en
practica los mas simples actos no lo consigo me asalta la inquietud miedo y necio
panico me llevan casi a la desesperacion

22-3-92

(SELLIN, 2017, p. 153)

“*quiero dejar de ser un dentrode mi*”, como título, já elucida a luta que Birger enfrenta em suas mensagens: há um medo terrível que o isola em si mesmo.

quiero dejar de ser un dentrode mi
tengo ojos y veo por eso tenia un miedo horrible por eso no quise decir nada mas
tenia miedo del final del camino y de la comunhumanidade se acaba

7-3-91

(SELLIN, 2017, p. 104)

Ainda sobre a luta contra seu isolamento, no mesmo ano de 1991, Birger faz um pedido de Natal:

quiero una cosa que sencillamente no puedo saber a traves de ningun ser de este mundo reviento de excitacion y de impaciencia me gustaria tanto encontrar la manera de salir de este aislamiento de vida de estos modos decadentes de comportarme en que me acorazo solo vivo frustracion dia tras dia sin esperar que en nuestra vida el aislamiento pueda desaparecer de esta falta de horizontes quedar eliminado sin mas yo no puedo convertir en un por llamarlo asi problemita de nada lo que son digamos hechos serios abrumadores de aislamiento lo cierto es que no es factible tecnicamente casi no puede resultar.

25-12-91

(SELLIN, 2017, p. 96)

No fim do livro, próximo ao fim dos relatos encerrados no término de 1992, sua batalha permanecia:

sigo elaborando incessantemente sistemas fantasticos para dejar de ser un sinmi y un dentrodemi
 en mi mundo soy un supertraidor depreciable sin dignidad sin caracter sin patria y
 en el mundo superior soy un principiante irresponsable de sus actos enajenado
 mental
 (SELLIN, 2017, p. 206)

Birger parece nos contar que há um Birger dentro de si que não controla o corpo, estando “[...] *como um solitário perdido verdadeiramente em si mesmo.*” (SELLIN, 2017, p. 185), indo de encontro com o relato do jornalista ao vê-lo pela primeira vez e percebendo que o autor dos escritos e o garoto atirado ao chão mordendo-se e contando bolinhas de gude pareciam pessoas completamente diferentes.

Pensar nessa disjunção do psíquico e do corpo remete-nos a um corpo fragmentado, sem enlaçamento pulsional, já mencionado anteriormente a partir do termo *corpo-carapaça* proposto por Laurent.

Considerando a *foraclusão* do furo, o corpo de um autista sofre a falta de uma delimitação, uma margem por onde poderia haver a reciprocidade imaginária de corpo (LAURENT, 2014a, p. 55) e por onde a circulação de objetos pulsionais poderiam operar. Como, no entanto, o simbólico não está enodado, a circulação de objetos pulsionais no corpo é sentida com grande ameaça pelos sujeitos, pois o excesso de gozo o toma por completo.

O encapsulamento traz consigo a relação com o outro furo corporal, o real pulsional. Posto que isso acontece em um nível onde se põe em jogo o corpo. Se trata da repercussão, neste caso, da ausência da borda, da falta de margem do inconsciente, sobre o orifício corporal e, de aí em adiante, a perturbação da economia pulsional no autismo e nas diversas presenças angustiantes do objeto, a respeito das quais o encapsulamento suporia uma resposta ao sujeito.
 (SCHEJTMAN, 2014, p. 88)

Tamanhas são a excitação e as estereotípias de Birger, que ele não consegue externalizar seus pensamentos – o que está sentindo, o que achou da comida, se quer ir visitar a avó, qual sua opinião sobre a política de Berlin etc. – nem tampouco agir de acordo com seus desejos – voltar sozinho para sua casa, andar sozinho na rua ou mesmo digitar. Há algo terrível que o destrói por dentro e algo terrível que o mortifica por fora.

Se seu corpo não está enlaçado pulsionalmente, o circuito pulsional não se fecha, o que resta é uma pressão de violência constante e o que deveria responder ao objeto pulsional, deslocando o sujeito ao seu desejo, aparece no real – um real intolerável que gera necessidade de destruição pela ameaça que provoca (LEFORT, 2017, p. 15).

Nesse sofrimento do sujeito sem posse do seu corpo, relembramos Lefort (2017) ao advertir que, no corpo despedaçado, o que opera é um *supereu* precoce que pode ser devastador, porque é a construção de uma estrutura significativa do sujeito totalmente incompleta. Essa dualidade conflitiva traz algo que Rosine Lefort também descreveu na relação dialética de destruição e autodestruição.

5.1.5 Sofrimento e destruição de Birger

estoy muy triste porque solo no funciona tan bien esto no puedo escribirlo pues es tan horrible
pienso en destruir todo lo que no quedo destruido en la era glacial
11-1-91
(SELLIN, 2017, p. 99)

Cerca de 6 meses após começar a escrever, Birger cria uma história fictícia pela primeira vez, contação que o empolga e escreve por dois dias. Essa história inicia-se de maneira bem comum, mas logo na segunda linha, Birger abandona o personagem e o enredo e se detém no cenário de descrição

hoy quiero contar una historia era una vez una ciudad pequena y solitaria alli vivia una maravillosa joven muy triste ella por estar tan sola una pobre viuda era y una tenia a nadia en el mundo pero entonces vino en substitucion otro hombre y se caso con ella al momento y vivian pobres y se querian de modo que ya nos importaba nada del mundo justo cuando estaban tranquilamente asi vinieron tinieblas de la atmosfera y el aire se hizo horriblemente sufocante tanto que nadie se atrevia a respirar el hecho es que todos murieron pero manana seguire contando porque el cuento ya va siendo muy largo.
13-3-91
(SELLIN, 2017, p. 100)

Após um dia, ele inicia sua mensagem com “*quiero seguir con esta história*” (SELLIN, 2017, p. 100) e desenvolve uma narrativa com tom apocalíptico, descrevendo diversas catástrofes que pairavam sobre a terra em sobreposição. Nessa passagem, é possível visualizar bem a leitura de Lefort sobre a ausência da imagem narcísica por onde adviria um personagem que sustentaria aquela narrativa e o banho do sujeito num plano opaco de gozo, destrutivo e ameaçador, tal qual o rumo do conto criado.

[...] ainda que possa haver gozo, é de destruição que se trata; na ausência de qualquer objeto, resta em jogo apenas a pulsão de morte, única pulsão fundamental que, sem a imagem narcísica, exclui o amor, mas não, o gozo.
(LEFORT, 2017, p. 54).

Essa sensação ameaçadora de destruição o acompanha nos relatos junto de sua luta sofrida para romper com essa barreira e sua própria culpabilização pelas crises agudas que enfrenta no cotidiano, como perder-se, gritar e, principalmente, desorganizar sua família causando mal-estar com seus pais e afastando o irmão mais novo, Jonas.

Em 1992, no entanto, ao passo que seus escritos começam a ser conhecidos, Birger passa a ser conhecido em Berlim pelo sucesso da *comunicação-facilitada* e estabelece pontes com outros autistas não-verbais, jornalistas indo entrevistá-lo, pessoas querendo produzir filmes, além de estudiosos interessados (psicólogos, professores universitários), com os quais troca algumas correspondências.

Nesse período, ele anima-se em criar poemas, ir à universidades e sair dessa zona encerrada em si mesmo, iniciando inclusive um tratamento com musicoterapia, que o auxiliou “[...] *como si consiguiese disolver en mi un estrato profundo y trabajase en el estrato de modo inmensamente destructivo.*” (SELLIN, 2017, p.165)

por razones excepcionales estoy elaborando un plan preciso para que un ser totalmente desprovisto de si mismo se transforme ferreamente en un ser como otra gente
[...]
estoy trabajando en como transformar las internas importantes leyes de estar loco en leyes de trabajar
(SELLIN, 2017, p. 129)

que es estupidez eso de que yo estoy loco
yo quiero hablar desde esta extraordinaria casa pensar en eso
ya no puedo aguantar más vuestras charlas que estoy mal de la cabeza
también lo dice Dankward
yo no puedo tener espejitos
perdiendo totalmente la confianza en mí mismo
nunca me acuerdo pues mi mamá tampoco quiere tampoco
por que creíste que yo voy a curarme
por que no lo desearas por fin
uno como Dankward no lo soportaba
es simple superstición
que yo merezca que mis queridos excepto tu por que se va a querer a una persona
así o así son esos momentos de aliento
te doy las gracias
quiero terminar
(por la tarde después de un ataque de gritos)
quiero seguir con la terapia todo el tiempo previsto
que también siga esa música
me tranquiliza y calma los nervios
es una sensación de suave paz de calor interior y un espacio libre de miedo como
nunca conocí hasta ahora
los ataques de miedo son recaídas
pero pienso que podré hacerme con ello
29-7-92
(SELLIN, 2017, p.168 e 169)

yo persona de clase infima solo quiero vivir como todos sin honor ni gloria
un ser humano
estoy hablando como un perfecto imbecil
yo lo conseguire yo superinvidente insuperante yo horrible infantil birger
quiero quiero y quiero conseguirlo yo hombre cobarde
yo autista valiente
en horas oscuras me despierto de nuevo y encuentro mi camino
ya no repito nada
nuevo es cada paso

sin esperanza inefable no puedo vivir siempre en mi tanta duda
 tanto tiempo muerto y ni una luz en el horizonte
 miedo siempre miedo
 28-8-92
 (SELLIN, 2017, p. 179)

Nessa ferrenha luta, entretanto, o fracasso parece ter sido postulado desde o início, sua culpabilização cresce cada vez mais e, já no fim do livro, percebemos Birger, desanimado e sem esperanças...

voy a renunciar a toda expresa y sustituível notabilísima búsqueda de caminos
 quiero seguir siento autista y vivir en calidad de loco en una sociedad que nos
 desprecia a los espíritus limitados
 no quiero seguir haciendo tan desmedido esfuerzo para tener fracasos
 quiero lograr todo en poco tiempo
 con la imaginación soy capaz de todo
 pero en la realidad no consigo nada
 ahora ya no quiere nunca sino lo que se simplemente escribir
 simplemente ir al colegio
 la universidad es para mí un esfuerzo excesivo
 lo intentaré otro semestre
 el miedo a gritar es demasiado grande
 lo que anhelo es desaparecer en la vida total siete veces salvaje
 quiero honrar el teatro de nuestra ciudad con mi presencia y superar algunos
 conciertos
 deseo para mí más artes y literatura
 17-11-92
 (SELLIN, 2017, p. 205)

5.1.6 O caos em Birger

A aparição frequente da palavra caos nos textos de Birger foi um dos critérios para a eleição desse livro como suporte literário e biográfico da pesquisa. O jornalista responsável pela publicação do texto, bem como, a tradutora do livro para a versão em espanhol, utilizaram-se do termo caos para definir a dinâmica da escrita-leitura-compreensão dos textos de Birger, embora ele utilize o caos para descrever aquilo que experimenta dentro de si.

hoy resta respuesta a una carta estupenda de la señora sch.
 yo creo que a una persona de un género tan diferente como yo unos efectos tan
 nulos como los efectos estimulantes de la música pueden calmarla pero no la curan
 ahora oigo música gregoriana
 una terapia muy buena
 incluso de éxito innegable
 mi actividad gritadora ha disminuido
 yo cobarde mente alegre de ello
 sin embargo mi evidente mejoría no es más que una reducción de síntomas por
 dentro el caos continúa
 espero de veras que haya una liberación para mí
 en mi corazón palpitan sus consejos y sus palabras
 le envío saludos y le doy las gracias por todas las postales veo por ellas cuanto y
 con que evidente intensidad ha reflexionado usted
 ha sabido usted encontrar muchas y conmovedoras y aliviadoras palabras
 le envío saludos
 birger la oveja negra que merece cariño

13-8-92
(SELLIN, 2017, p. 174)

Caos, palavra que permanece a mesma tanto na língua alemã, quanto castelhana, é utilizada pela pesquisa como aquela que anuncia o confronto com o real e seu excesso de gozo, contrária à organização simbólica de Eros. Partindo do pressuposto de que, ao dizer de autistas, diz-se de pessoas que não se enlaçaram ao campo do Outro pela ausência de uma falta fundamental. Encontramos na nomeação do *caos* de Birger algo que nos sinaliza o encontro do sujeito com um mortificante real que ele não dá conta de responder e que diante do real, denuncia mais do que uma simples desorganização do sujeito, denuncia o excesso de algo que paralisa Birger.

totalmente estúpido buscar ferreamente detalles para castigar a un ferreo birger que se esfuerza tan totalmente el ya tiene bastante castigo consigo mismo simplemente idiota renunciar a la seguridad de esta casa yo en calquier momento puedo ser de seguro un sinmi de manera que me porte pacificamente pero esa paz es estarmuerto una vida sencilla exige tanta energi pero lo malo es que en cierto modo por importantes razones esto no lo conseguire hasta mas tarde ferreamente si que estoy estudiando hoy has visto tu que ferreamente ferreamente significata tenazmente yo me repito por la sencilla razon de que una sola ideia que se marcha sucumbe ferreamente en el caos
4-1-91
(SELLIN, 2017, p.134)

O excesso que o conceito de caos carrega é um excesso de gozo. Patrício Alvarez Bayon (2024) em seu recente livro publicado *O autismo, entre alíngua e a letra*, contribui valorosamente para essa construção, explicando essa irrupção de gozo que o autista experiencia como um enxame de S1s, no registro de *lalíngua* (BAYON, 2024).

Em consequência da *foraclusão* do furo, os autistas permanecem no banho de *lalíngua*, um momento prévio à entrada no simbólico carregado de significantes unários que, por sua vez, por serem significantes, comportam sua carga de gozo, ruído e equívoco (BAYON, 2024, p. 101) que, no entanto, está impossibilitado de entrar num circuito pulsional onde o sujeito lhe suportaria.

sera posible que a un expecional birger siames juicioso y repugnante tambien le quieran
cuando surge una crisis de escribir
hoy por hoy me resulta dificil ir escribiendo todo
tal y como lo pienso ademas tengo tal falta de concentracion
en mi aparece un ser hundido en tan monstruoso caos me ahogare en el
a no ser que encuentre una salida de este odioso laberinto
una ayuda fantastica es esto de escribir
17-4-92
(SELLIN, 2017, p. 158)

No Caos em que ele se encontra afundado³⁸, apesar de não ter encontrado a saída, Birger marca que a escrita é uma ajuda para se concentrar. A partir dessa afirmação, encerramos a análise das mensagens de Birger, focando em seu desejo mais relevante ao longo da obra: sair de seu isolamento e falar. Essa análise se entrelaça com seus escritos e com as contribuições que abordam a passagem de *lalíngua* para linguagem. Discutiremos as dificuldades enfrentadas por Birger e as reflexões teóricas que podem ser derivadas desse processo.

5.1.7 Escrita e fala, lalíngua e linguagem

ante todo quiero responder a gisela³⁹
 el miedo es una sensacion tan desmoralizante
 ese expecional consejo que estudie una materia cientifica para reprimir el miedo
 me parece bueno
 pero totalmente absurda la segura conviccion
 que yo vaya a soportar en tal caso los innecesarios examenes
 el miedo me posee de tal manera
 soy totalmente incapaz de concetrarme en el trabajo
 PREGUNTA: QUE TE GUSTARIA ESTUDIAR?
 una materia sobre como funciona en realidade el lenguaje.
 28-1-92
 (SELLIN, 2017, p. 139)

Apesar da escrita de Birger Sellin oportunizar um meio para comunicar e se expressar, a apropriação de todo o seu corpo, bem como, o objeto voz, não ocorre. Acompanhamos assim, durante toda a leitura, Birger buscando formas de se apropriar de si, mas sempre muito distante de seu objetivo.

A respeito da impossibilidade da fala, retomamos com Maleval (2014, p. 45) que o mutismo, no autismo implica a retenção de objetos pulsionais e que, para os autistas,

Toda atribuição de um objeto pulsional é experimentada como mutiladora, enquanto o traumatismo que intenta recobrir a carapaça segue sendo ameaçador, de maneira que a ameaça de uma castração real é onipresente.
 (MALEVAL, 24014, p. 46)

Os estudos de Maleval, em que se organiza a clínica do autismo a partir do lugar do objeto voz, observa esse *objeto voz* como portador da marca da singularidade que o sujeito autista não suporta. A “[...] *dissociação entre a voz e a linguagem está no princípio do autismo*” (MALEVAL, 2009, p. 88, apud LAURENT, 2014a, p. 53), pois requer um endereçamento ao Outro. Entretanto, ao sujeito que está *forachuído*, preso no gozo do Um no campo do real, entrar no campo do simbólico *limpo de gozo*, para se enunciar pode ser uma

³⁸ Afundado, como tradução literal no português da palavra utilizada no livro por *hundido*.

³⁹ Gisela Ullmann, é uma professora e psicóloga evolutiva de Berlim, com quem Birger troca correspondências para ajudá-lo em sua fala.

extração de si mesmo. Assim, para Birger realizar a incorporação de um órgão voz, ele se vê confrontado com uma mutilação de si.

birgergormiguillo solo causa prejuicios
 simplemente no puede estar quieto
 hormiguela sin cesar de un lado a otro respira simplemente muy fuerte e idea
 incessantemente cosas absurdas fastidiaral personal es ahora importante porque
 tiene muchismo miedo de mostrar que el se delata
 cuanto se pero por la llamada verguenza lo escondo simplemente un unico camino
 bueno es mas util que ningun caminha que hace posible importantes y seguros
 conocimientos de un caotico mundo interior escribire solitario sin companhia nadie
 puede entender bien lo que nadia ha vivido jamas las perssonas como birger infunde
 miedo y tienen que ser aisladas una manada de un especial genereo de locos como
 piezas de una exposicion para los llamados importante terricolos autenticos extranos
 siameses
 13-12-91
 (SELLIN, 2017, p. 130)

Decorrente da leitura de Patrício A. Bayon (2024), nossa hipótese é a de que o almejo de sair do *caos* e do *isolamento* para tomar posse de seu corpo e falar diz justamente da passagem de *lalíngua* à linguagem.

Patrício faz uma retomada de todos os estudos dentro da psicanálise lacaniana a respeito do autismo para elaborar “[...] *a única indicação dada por Lacan ao longo de vinte anos, sobre o autismo: que há uma detenção na linguagem*” (BAYON, 2024, p. 23). Dessa forma, seus estudos reúnem contribuições de muitos dos autores presentes nesta pesquisa para formular a posição do autista na detenção de linguagem e as possíveis articulações e manejos clínicos para realizar essa passagem.

Com Birger, o intuito desta pesquisa não é apontar um possível caminho para o enlaçamento do sujeito à linguagem, mas localizar onde Birger está detido.

5.1.7.1 Evidências de Birger em *lalíngua*

una palabra pronunciada o escrita es como un monumento y visible para todos los
 hombres
 yo quiero erigir esos monumentos
 haver surgir como un escultor de bloques de piedra grandiosas escenas
 yo quiero esculpir un bloque asi
 los temas son bloques sin labrar que descansan en mi mundo
 5-7-92
 (SELLIN, 2017, p. 167)

As mensagens publicadas por Birger causam a impressão de que há uma articulação da linguagem operando em seus sentimentos e profundos discursos, no entanto, esse ocorre somente a partir da instrumentalização de uma máquina. O que opera na realidade de sua vida, também possível de ter evidências pelos filmes e curtas produzidos com ele na mesma

época⁸, é um garoto que, para além das estereotípias, produz murmúrios, quando não gritos, sem elaborar nenhuma palavra.

Também nota-se diferentes indícios da detenção de Birger em *lalíngua*, pelo *caos* que nomeia para descrever sua dificuldade de articulação e pelo medo que o toma, como indício de uma automutilação ao projetar-se na linguagem recheada de seus equívocos. Além disso, a peculiaridade de sua escrita, desorganizada, desarticulada e por vezes sem sentido - assemelhando-se à escrita de Ulysses - também indicam palavras soltas como significantes despejados sem haver algo que organize e amarra suas mensagens em uma linguagem.

Com essas evidências, conseguimos situar Birger Sellin detido em *lalíngua*, possibilitando explicações para os demais comportamentos e reclamações que lemos ao longo de sua obra.

hablar hace bien
 pero rugir es propio de animales
 por que no puedo dejarlo
 sencillamente todo com palabras sencillas decirlo todo
 17-9-92
 (SELLIN, 2017, p. 186)

Lalíngua situa-se em um momento prévio na constituição da estrutura psíquica do sujeito, como também da linguagem e do Outro. Trata-se de “[...] *um enxame de S1 sozinhos, que marcam o corpo e injetam gozo*” (BAYON, 2024, p. 77), não está, portanto, à serviço da comunicação, ou em conexão com o Outro, *lalíngua* é o gozo do Um (idem).

Como trabalhado em capítulos anteriores, a *lalíngua* é um momento que o sujeito, enquanto Um-corpo, é marcado pela presença do gozo como significante, uma “articulação entre o simbólico e o real desprovida da cadeia significante” (BAYON, 2024, p. 77). O sujeito está banhado em um enxame de Significantes unários, não-conexos ao Outro, mas ao gozo do Um.

A importância na clínica do autismo para este estudo se presentifica pelo equívoco fundamental na complexidade da linguagem, sua carga de gozo e sua possibilidade de sujeição ao Outro, presentes nos significantes da *lalíngua*. Essa possibilidade de sujeição ao Outro, correlaciona-se a um momento posterior, um segundo tempo lógico na estruturação psíquica em que um dos significantes no enxame de S1 é eleito – *letra* – e se extrai, produzindo o furo que enlaça, num terceiro tempo, o Um com o Outro da linguagem (BAYON, 2024, p. 115).

Para que pudesse sujeitar-se à linguagem, Birger necessitaria de instaurar um furo, um *troumatisme*⁴⁰, um furo no real (BAYON, 2024, p. 111). Foracluído deste furo, Birger mantém-se no *caos*, mantém-se em um excesso de gozo de *lalíngua*

A consequência disso é que a irrupção de gozo produzido por alíngua permanece em estado de excesso e, no ponto em que deveria extrair-se ou recortar-se uma letra, o furo não se produz, impedindo a inscrição de uma borda, pois que não se consegue esburacar o real; [...] o excesso de gozo fica aí enquanto tal, sem produzir o esvaziamento necessário para que alíngua passe ao estatuto da linguagem, para que se faça essa elucubração que permite que o excesso de gozo se articule às cadeias significantes.
(BAYON, 2024, p. 123)

No entanto há um questionamento interessante a respeito da escrita de Birger: qual é o lugar da escrita para esse sujeito?

el saber evita por su parte la llamada actuacion reiterativa primeros inicios para no estar a merced del caos estoy pensando como se puede explicar sensatamente un proceso de segregacion hay una ideia que es una simple insensatez como las instituciones para los autistas
5-12-91
(SELLIN, 2017, p. 128)

A hipótese dessa pesquisa é a de que a escrita aparece como discurso de saber, derivado do gozo de sua *lalíngua*, que só é possível para Birger por se tratar apenas de comunicação.

Sua terapia a partir da *comunicação-facilitada* permitiu que Birger acessasse o discurso para se comunicar, mas o *Um-corpo* que habita não está furotraumatizado para conseguir, posteriormente, assujeitar-se a fala, entrar no campo do Outro e da linguagem.

O campo do Outro, no último ensino de Lacan, é um campo que articula o gozo enlaçados aos circuitos pulsionais do corpo, possibilitando não apenas a capacidade de articulação de fala, mas incorporação, *en-corps*, do sujeito ao seu corpo e à imagem dele.

querido lector
le doy gracias por haber conseguido
leer ferreamente mis consideraciones hasta impecable final
yerra usted si piensa que soy una gran personalidad
soy solo un sinmi que ha salido en persona de la oscuridad del mundo autista para
tomar contacto com mundihabitanes de su genero
pero no puedo participar en su vida porque mi mundo aun me tiene aherrojado
sigo uscando el camino de salida hacia usted
anhelo hacer cosas asenciales y me atormento pensando como puedo uno liberarse
como de la cautividad
escribir es mi primer paso para salir de ese otro mundo y estoy contento de que de
ahi haya salido un libro

⁴⁰ *Troumatisme* é um conceito lacaniano que diz sobre a eleição da letra para produzir um furo no real; um jogo de palavras entre furo (*trou*) e trauma. “É o trauma, irrupção do gozo, que produz um furo no real.” (BAYON, 2024, p. 111).

les deseo una vida sencilla pero interiormente sana y rebosante de amor
su oscuro nohumano birger.
(SELLIN, 2017, p. 219 e 220)

6. Considerações Finais

Durante esta pesquisa de quatro anos, quanto mais se busca compreender e aprofundar as questões sobre autismo, mais indagações surgem ao longo do caminho. Esta pesquisa, portanto, pretende contribuir para que mais pessoas, dentro ou fora da psicanálise, possam inteirar-se a respeito do tema na perspectiva da condição humana da pessoa autista, entendendo as batalhas e lutas que enfrentam sem a busca incessante por neurotizá-los ou torná-los úteis e produtivos em nossa sociedade.

Com o avanço da medicina baseada em evidência e seu poder capital, os olhares que se afastam da lógica da produtividade desses sujeitos perdem espaço e visibilidade. Hoje, percebem-se mais agravantes que a causa autista engloba em seus desafios, os diagnósticos infantis acumulam-se na nomenclatura de autismo e já não se fala mais em psicose infantil ou outras estruturas neuro divergentes na infância.

De forma específica sobre o autismo, é destacada mais uma vez a relevância da perspectiva da psicanálise, não no lugar da detentora da verdade, mas em sua responsabilidade de olhar o autismo com a dignidade de ser humano, auxiliando o sujeito a se haver com seu gozo diante do mundo, respeitando a singularidade de cada a ser. Tal atitude não retira a dificuldade que é lidar com os autistas nos seus mais diferentes e severos graus e comportamentos.

Nesse sentido, Birger é o garoto que dá corpo nesta pesquisa às batalhas do autismo, retratadas ao longo do trabalho e de nossa perspectiva. Com a psicanálise muito inferiorizada na Alemanha de 1990, diversos outros tratamentos foram tentados com o intuito de ajudá-lo a ter maior autonomia, sair de seu encapsulamento e se encontrar com o mundo. Sua *neolinguagem*¹⁰ (BIRGER, 2017, p. 9), a partir da escrita deu vazão para que ele pudesse comunicar os fracassos, os tratamentos falhos, as atitudes sentimentalmente dolorosas de “[...] *adultos cheios de saberes prestadoresquenoprestam*” (BIRGER, 2017, p. 143) e, ao mesmo tempo, iluminar um garoto que está presente ali, com sentimentos, desejos, afetos, carinhos e esperanças de se haver em seu mundo.

No lugar de professora, a pesquisa fundamentada na psicanálise convoca o lugar de educador em algo para-além da transmissão de saber. É certo, no âmbito da educação, para a psicanálise, que se trata mesmo de transmissão, mas diferentemente de outras áreas que constroem o campo da psicologia e educação, a psicanálise evoca o inconsciente para elaborar aquilo que pode ser potente para um sujeito. Assim, este trabalho, traz a reflexão sobre como o estar em sala direcionando crianças, evoca uma produção e um efeito de gozo

em cada sujeito, e seu saber-fazer com este gozo, produzirá efeitos no corpo e no discurso de cada um.

Realizar esta pesquisa junto à supervisão e orientação da Prof^a Dr^a Leny Mrech, me possibilitou chegar na percepção da docência como um saber-fazer com algo que é do impossível. Por mais que a formação educativa de um sujeito nas instituições escolares estejam ancoradas nas vias do simbólico e do imaginário, “*há sempre um tropeço, algo que se escapa. Não se ensina nem se transmite como se gostaria de fazê-lo. Não se aprende da mesma forma como se teria a intenção de fazê-lo*” (MRECH, 2022, p.95).

A psicanálise dentro da formação de um professor evoca a presença de um *inconsciente vivo* (MRECH, 2022, p. 95) no dia-a-dia da sala de aula em cada *fallasser* presente.

Neste sentido, constata-se a dificuldade de trabalhar na linguagem com sujeitos autistas que operam, majoritariamente, em *lalíngua*. A partir das observações de Birger e os estudos elaborados, a pesquisa aponta a existência da *lalíngua* no autismo e a importância da consideração desta detenção na linguagem ao trabalhar com estes sujeitos na educação.

Com esta pequena contribuição à respeito da importância da compreensão de *lalíngua* à serviço da educação, busco ampliar o olhar para as possibilidades de perceber a criança em sua singularidade e entender as estereotípias como uma estratégia que o sujeito organiza para se sustentar diante do gozo que o mutila, muito para além do que um comportamento rechaçado. Portanto, no âmbito da inclusão, as estratégias pedagógicas no que diz respeito às relações interpessoais e produções de conhecimento podem ser outras.

Na busca pelo método científico e a tecnologia de ensino mais eficiente para nossa população, percebemos muitas metodologias buscando tamponar os impasses trazidos pela onipotência do simbólico e do imaginário na educação, no qual, apesar de parecerem inovadores, principalmente à crianças neuro divergentes, mostram-se metodologias encerradas em procedimentos padronizados. Metodologias estas que não serão efetivas, visto que, a partir da psicanálise, conseguimos perceber que os arranjos psíquicos autistas, em suas mais variadas possibilidades, acontecem de forma ativa do sujeito diante de seu saber fazer com seu gozo - e o professor, frente à este modo singular, ao ter a sensibilidade de estar atento aos sinais dos equívocos, do chistes, dos sons e do corpo, terá muito mais sucesso em enlaçar esse sujeito ao espaço escolar e à possibilidade de qualquer tipo de ensino.

A dimensão que a Psicanálise traz - a *ditmansion* - a mansão do dizer, também precisa de alguma forma ser entrevista, em especial, pelos

professores. A linguagem não diz respeito apenas aos sentidos e às significações, mas àquilo que marca os sujeitos pela via do gozo (MRECH, 2022, p. 105)

Finalmente, encontro na palavra “aposta” - um significante muito utilizado no meio psicanalítico ao dizer do tratamento de um sujeito - um significante que cabe perfeitamente à educação neste viés: porquanto o *caos* aponta o impossível do educar, a *aposta* é o que fazemos diariamente com este saber insondável do real.

Espera-se que esta pesquisa possa servir como uma pequena contribuição para a construção de mais saberes sobre o tema na perspectiva da inclusão humana e digna dos autistas em nossas escolas e sociedade.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Transtorno do Espectro Autista. *In: MANUAL Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais: DSM - 5ª edição*. Porto Alegre: Artmed, 2014. cap. Transtornos do Neurodesenvolvimento, p. 50-59. ISBN 978-85-8271-089-0. Disponível em: <http://www.institutopebioetica.com.br>. Acesso em: 4/abr/2023.

ARENDDT, Hannah. *A crise na educação*. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247. 1ª. edição (Between past and future): 1961

ASSUMPCÃO, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. O autismo Infantil. *Revista Brasileira Psiquiatria*. Belo Horizonte, 22 (Supl. II), p. 37-39, 2000.

BAYÓN, Patricio A. O autismo, entre a língua e a letra. Vitoria: Cândida (Coleção pipa traduz), 2024. 259 p.

BIANCHI, Vilma Aparecida; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. A construção histórica do autismo. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 5260-5277, 22/mar/ 2023. DOI 10.34119/bjhrv6n2-063. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/58018>. Acesso em: 23/jan/2024.

DAWSON, M. “The misbehaviour of behaviourists. Ethical challenges to the autism – ABA industry”, postado em 18/jan/2004, no seu blog “No Autistic Allowed. Explorations in discrimination against autistics”.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Questões entre a Psicanálise e o DSM. *J. Psicanal.* [online]. 2014, vol. 47, n. 87, p. 79-107. ISSN 0103-5835. Acesso em: 16/nov/2022

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: (1905). *In: FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905): Obras Completas*. São Paulo: Cia das Letras, 2016. v. 6, p. 13-172.

_____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. O esclarecimento sexual das crianças. (1907, v. 9).

_____. Introdução ao Narcisismo: (1914). *In: FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916): Obras completas*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. v. 12, p. 9-37.

_____. O instinto e os seus destinos. *In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaio de metapsicologia e outros textos: Obras Completas*. Tradução Paulo Cesar de Souza: Companhia das Letras, 1914-1916. v. 12, p. 38-60.

_____. O Eu e o Id. *In: FREUD, Sigmund. O eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos: Obras Completas*. Tradução Paulo Cesar de Souza: Companhia das Letras, 1923 - 1925. v. 16, p. 9-64.

_____. *Compêndio da Psicanálise*. 1ª. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019. 176 p.

GIBSON, M.; DOUGLAS, P. Disturbing behaviors: O. Ivar Loovas and the queer history of autism science (2018). *Catalyst: Feminist, Theory, Technoscience*, 4 (2). <https://doi.org/10.28968/cftt.v4i2.29579>. Acesso em: 28/out/2022

HESÍODO. **Teogonia**: *A origem dos deuses*. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1995. 121 p. ISBN 85-85219-22-X. Disponível em: <https://www.assisprofessor.com.br/documentos/livros/hesiodo_teogonia.pdf> Acesso em: 30/08/2022.

KANNER, Leo. Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. *The Nervous Child*, p. 217-250, 1943. Disponível em: <https://www.profala.com/artautismo11.htm>. Acesso em: 30/ago/2022.

LACAN, Jacques. *O Seminário 3: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. 377 p.

_____. *O Seminário 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 532 p.

_____. *O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. 280 p.

_____. *O Seminário 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 160 p.

_____. *O Seminário 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 251p.

_____. Nota sobre uma criança: 1969. In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 369-370.

_____. Radiofonia: 1970. In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 400-447.

_____. O auturdito: 1972. In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 400-447.

_____. A significação do falo: 1958. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. cap. V, p. 692-703.

LEFORT, Rosine. *O nascimento do Outro*. Biblioteca Freudiana Brasileira 3: Fator, 1990. 305 p.

LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. *A distinção do autismo*. 1ª. ed. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017. 188 p.

LAURENT, Éric. *A batalha do autismo: Da clínica à política*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 222 p.

_____. *O avesso da biopolítica: Uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. 248 p. Coleção Op. Lacaniana, v.13.

MILLER, J-Alain. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 199 p.

_____. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana Online*, ano 3, n. 7, p. 87-105, mar. 2012. Disponível em: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf. Acesso em: 14/fev/2023.

MAGTAZ, Ana Cecília; BERLINCK, Manoel Tosta. O caso clínico como fundamento da pesquisa em psicopatologia fundamental. In: QUEIROZ, Edilene Freire de; ZANOTTI, Susane Vasconcelos (org.). **Metodologia de pesquisa em psicanálise**. 1ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019. cap. 1, p. 23 - 34.

MILLER, J. A.; LAURENT, E.; MALEVAL, J-C.; SCHEJTMAN, F.; TENDLARZ, S. E. *Estudios sobre el autismo*. 1ª. ed. Buenos Aires: Colección Diva, 2014. 106p.

MINISTERIO DA SAUDE. Pela primeira vez Pessoa com Deficiência. [S. l.]: Patrícia Figueiredo, 21 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/setembro/pela-primeira-vez-ministerio-da-saude-inclui-tratamento-do-transtorno-do-espectro-autista-na-politica-nacional-da-pessoa-com-deficiencia>. Acesso em: 27/jan/2024.

MRECH, Leny Magalhães (org.). *Psicanálise e Educação: Novas Contribuições*. Curitiba: CRV, 2022. 104 p.

_____. Contribuições à leitura do último ensino de Lacan para educadores e psicanalistas. In: MRECH, Leny Magalhães (org.). *Psicanálise e Educação: Novas Contribuições*. Curitiba: CRV, 2022. p. 93 - 107.

_____. O mercado de saber, o real da educação e dos educadores e a escola como possibilidade. 2001. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 03/jan/2025.

NETO, Domingos de Souza Nogueira. Arte e caos: Enigmas da criação. *Revista Mais*, [S. l.], 8 jul. 2013. *Cultura*, p. 1. Disponível em: <http://www.revistamais.com/materias/arte-e-caos-enigmas-da-criacao>. Acesso em: 17/maio/2023.

PIMENTEL, Ana Gabriele. *Autismo e escola: Perspectiva de pais e professores*. Orientador: Fernanda Dreux Miranda. 2013. 79 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5162/tde-19042013-121114/publico/AnaGabrielaLopesPimentel.pdf>. Acesso em: 18/fev/2024.

RODRIGUES, Isabel de Barros; MOREIRA, Luiz Eduardo; LERNER, Rogerio. Análise institucional do discurso de professores de alunos diagnosticados como autistas em inclusão escolar. 2012. *Psicologia: Teoria e prática*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 70-83. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193823753006>. Acesso em: 12/fev/2024.

SAURET, Marie-Jean. O infantil e a estrutura. *Escola Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, 1998. p. 1-53. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/261204279/Marie-Jean-Sauret-O-Infantil-e-a-Estrutura>. Acesso em: 26/jan/2022.

SELLIN, Birger. *Quiero dejar de ser un dentroemi: mensajes desde una carcel autista*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2011. 222 p.

TENDLARZ, Silvia Elena. Lacan e o autismo em nossa época. *Opção Lacaniana online*, ano 8, n. 23, p. 1- 9, julho/ 2017. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/Lacan_e_o_autismo_em_nossa_epoca.pdf Acesso em: 8/set/2023.